

# Manual do Geomview

Versão 1.9.5 do Geomview

para GNU/Linux/Unix

Maio de 2008

Mark Phillips et al.

Tradutor para o Português do Brasil

Jorge Barros de Abreu

<http://sites.google.com/site/ficmatinf>

Copyright © 1992-1998 The Geometry Center

Copyright © 1998-2006 Stuart Levy, Tamara Munzner, Mark Phillips

Copyright © 2006-2007 Claus-Justus Heine

Programa interativo de visualização tridimensional.

## Introdução ao Geomview

Geomview é um programa interativo para visualizar e controlar objetos geométricos, originalmente escrito pelos membros do estado maior do Geometry Center na Universidade de Minnesota (EUA), começando em 1991. O Geomview pode ser usado como um visualizador independente para objetos estáticos ou como um mecanismo de visualização para outros programas que produzem dinamicamente mudanças geométricas. Geomview roda sobre muitos tipos de computadores Unix, incluindo Linux, SGI, Sun, e HP. Geomview também executa com Cygwin. Esse manual descreve Geomview em sua versão 1.9.

Geomview é um *software* livre, disponível sob os termos da Licença Pública Geral Menor do GNU ; veja [\[Copiando\]](#), [página 4](#) para detalhes.

Geomview e esse manual podem ser encontrados em <http://www.geomview.org>.

É permitido fazer cópias desse manual.

Se você tiver dúvidas ou comentários sobre o Geomview ou esse manual, considere inscrever-se na lista de correio eletrônico ‘[geomview-users](#)’, que é um fórum no qual usuários do Geomview comunicam-se para responder outras questões e para compartilhar notícias sobre o que eles estão fazendo com o Geomview. Os autores do Geomview participam dessa lista e algumas vezes enviam respostas a questionamentos existentes. Para assinar a lista, visite a página da lista no sítio <http://lists.sourceforge.net/mailman/listinfo/geomview-users>.

## Distribuição

Geomview é um *software* livre; isso significa que qualquer um é livre para usá-lo e livre para redistribuí-lo sob certas condições. Geomview não é de domínio público; é protegido por direitos autorais e existem restrições sobre sua distribuição, mas essas restrições são montadas de forma a permitir qualquer coisa que um bom cidadão colaborador possa querer fazer. O que não é permitido é para tentar prevenir outros de compartilhamento adicional de qualquer versão do Geomview que eles possam pegar de você. As condições precisas podem ser encontradas na Licença Geral Menor do GNU que acompanha o Geomview e também aparece acompanhando essa seção.

Uma forma de acessar uma cópia do Geomview é a partir de alguém que já possua o Geomview. Você não precisa perguntar por nossa permissão para fazer isso, ou informar qualquer coisa; apenas faça a cópia. Se você tiver acesso à internet, você pode pegar a mais recente versão do Geomview em <http://www.geomview.org>.

Você também pode receber Geomview quando você compra um computador. Fabricantes de computadores estão livres para distribuir cópias sob os mesmos termos que são aplicados a qualquer pessoa. Esses termos requerem que os fabricantes forneçam a você o código completo, incluindo qualquer mudanças que eles tenham feito, e permitam a você que redistribua o Geomview recebido deles nos termos usuais da Licença Pública Geral Menor do GNU. Em outras palavras, o programa deve ser livre para você quando você o receber, não apenas livre para o fabricante.

## Copiando

NOTA: Geomview é distribuído sob a LICENÇA PÚBLICA GERAL MENOR. Para os propósitos dessa licença nós pensamos em Geomview como se ele fosse uma "biblioteca", e dos módulos externos do Geomview como "programas que se comunicam com a biblioteca". Fazemos isso porque queremos especificamente permitir que programas proprietários e módulos usem o Geomview.

# LICENÇA PÚBLICA GERAL DO GNU

Version 2.1, February 1999

Licença Pública Geral Menor do GNU

This is an unofficial translation of the GNU Lesser General Public License into Portuguese. It was not published by the Free Software Foundation, and does not legally state the distribution terms for software that uses the GNU LGPL—only the original English text of the GNU LGPL does that. However, we hope that this translation will help Portuguese speakers understand the GNU LGPL better.

Esta é uma tradução não-oficial da GNU Lesser General Public License para o Português. Ela não é publicada pela Free Software Foundation e não traz os termos de distribuição legal do software que usa a GNU LGPL – estes termos estão contidos apenas no texto da GNU LGPL original em inglês. No entanto, esperamos que esta tradução ajudará no melhor entendimento da GNU LGPL em Português.

Versão 2.1, Fevereiro de 1999

Copyright © 1991, 1999 Free Software Foundation, Inc.  
59 Temple Place, Suite 330, Boston, MA 02111-1307 USA [Estados Unidos da América]

É permitido a qualquer pessoa copiar e distribuir cópias sem alterações deste documento de licença, sendo vedada, entretanto, sua modificação.

[Esta é a primeira versão da GPL Menor a ser lançada. Ela também constitui a sucessora da Licença Pública de Biblioteca do GNU, daí o número 2.1. da versão].

[This is the first released version of the Lesser GPL. It also counts as the successor of the GNU Library Public License, version 2, hence the version number 2.1.]

## Introdução

As licenças da maioria dos softwares são elaboradas para suprimir sua liberdade de compartilhá-los e modificá-los. As Licenças Públicas do GNU, ao contrário, têm o objetivo de assegurar sua liberdade para compartilhar e modificar softwares livres para garantir que o software seja livre para todos os seus usuários.

A presente Licença Pública Geral Menor se aplica a alguns pacotes de software especialmente designados - normalmente bibliotecas - da Free Software Foundation e de outros autores que decidam utilizá-la. Você pode utilizá-la também, mas recomendamos que antes, você analise cuidadosamente se esta licença, ou a Licença Pública Geral comum, é a melhor estratégia a ser adotada em cada caso específico, tendo como base as explicações abaixo.

Quando falamos de software livre, estamos nos referindo a liberdade de uso e não de gratuidade de preço. Nossas Licenças Públicas Gerais são elaboradas para garantir que

you have the freedom to distribute copies of free software (charging for this service if you so desire); that you receive source code or obtain it, if you wish; that you modify the software and use parts of it in new free programs; and that you have the freedom to practice these acts.

To protect your rights, we need to make restrictions that forbid distributors to deny you these rights or to require you to surrender the rights. These restrictions translate into certain responsibilities you have to fulfill if you distribute copies of the library or modify it.

For example, if you distribute copies of the library, you must either give the recipients free of charge or pay a fee for each copy. You must also make sure that you give them the source code. If you link a program with the library, you must provide complete object files to the recipients, so that they can relink them with the library after making changes to the library and recompiling it. And you must show them these terms, so they know their rights.

We protect your rights by doing two things: (1) we make sure the legal rights of the author are met, and (2) we make sure you get the library, so you can copy, distribute and/or modify it.

For every distributor, we want to make it clear that there is no warranty for the library. Also, if the library is modified by someone else and passed on, you must make it clear that the version you received was not the original, so that everyone knows the differences. This will ensure that the original author's reputation is not affected by problems in later versions that are introduced by others.

Finally, patents for software represent a constant threat to the existence of any free program. We want to ensure that a company cannot effectively restrict users of a free program by obtaining a restrictive license of a patent. For this reason, we insist that any patent license obtained for any version of the library be consistent with the full freedom of use, as specified in this license.

The majority of the GNU software, including some libraries, is covered by the GNU General Public License. The present GNU Lesser General Public License applies to certain designated libraries, and is quite different from the GNU General Public License. We use this license for certain libraries, in order to permit linking those libraries with non-free programs.

When a program is linked with a library, either statically or using a shared library, the combination of the two is in legal terms a combined work, a derivative of the original library. For this reason, the GNU General Public License only permits this combination if the combination as a whole meets the criteria of freedom. The GNU Lesser General Public License permits more flexible criteria for linking with other code to the library.

We call this license the GNU Lesser General Public License "Lesser" because it does less to protect the freedom of the user than the GNU General Public License. It also offers to other developers of free software a lesser advantage in competition with non-free programs. These disadvantages are the reason we use the GNU Lesser General Public License.

Geral comum para muitas bibliotecas. Por outro lado, em determinadas circunstâncias especiais, a licença Menor oferece vantagens.

Por exemplo, em raras ocasiões, pode existir uma necessidade especial de se incentivar a mais ampla utilização possível de uma determinada biblioteca, para que ela se torne um padrão de fato. Para conseguir isso, deve-se permitir que programas não-livres utilizem a biblioteca. Um caso mais freqüente ocorre quando uma biblioteca livre desempenha a mesma função de bibliotecas não-livres amplamente usadas. Nesse caso, existem poucas vantagens em restringir a biblioteca livre somente para software livre, então utilizamos a Licença Pública Geral Menor.

Em outros casos, a permissão para usar uma determinada biblioteca em programas não-livres possibilita que um maior número de pessoas use um amplo leque de softwares livres. Por exemplo, a permissão para usar a Biblioteca C do GNU permite que muito mais pessoas usem todo o sistema operacional do GNU, bem como sua variante, o sistema operacional do GNU/Linux.

Mesmo protegendo a liberdade dos usuários em menor grau, a Licença Pública Geral Menor garante ao usuário de um programa que esteja ligado à Biblioteca a liberdade e os meios para executar o programa, usando uma versão modificada da Biblioteca.

Seguem abaixo os termos e condições exatos para a cópia, distribuição e modificação. Preste muita atenção à diferença entre uma "obra baseada na biblioteca" e uma "obra que usa a biblioteca". O primeiro contém código que é derivado da biblioteca, enquanto o segundo tem de ser combinado à biblioteca para que possa ser executado.

## TERMOS E CONDIÇÕES PARA CÓPIA, DISTRIBUIÇÃO E MODIFICAÇÃO

0. O presente Contrato de Licença se aplica a qualquer biblioteca de software ou a outro programa que contenha um aviso colocado pelo titular dos direitos autorais ou outra parte autorizada, informando que ela pode ser distribuída nos termos desta Licença Pública Geral Menor (também denominada "esta Licença"). Cada licenciado doravante será denominado "você".

Uma "biblioteca" significa uma coleção de funções de software e/ou dados preparados, de forma a serem convenientemente ligados com programas de aplicação (que usam algumas dessas funções e dados) para formar executáveis.

O termo "Biblioteca", abaixo, refere-se a qualquer biblioteca de software ou obra que tenha sido distribuída de acordo com esses termos. Uma "obra baseada na Biblioteca" significa tanto a Biblioteca como qualquer obra derivada, nos termos da legislação autoral: isto é, uma obra contendo a Biblioteca ou parte dela, seja sem alterações ou com modificações e/ou traduzida diretamente para outra linguagem. (Doravante, o termo "modificação" inclui, sem reservas, o termo "tradução").

O "código-fonte" de uma obra significa o formato preferencial da obra para que sejam feitas modificações na mesma. Para uma biblioteca, o código-fonte completo significa todo o código fonte para todos os módulos contidos na mesma, além de quaisquer arquivos de definição de interface associados, além dos scripts utilizados para controlar a compilação e a instalação da biblioteca.



Outras atividades que não a cópia, distribuição e modificação não são cobertas por esta Licença; elas estão fora de seu escopo. O ato de executar um programa usando a Biblioteca não tem restrições, e o resultado gerado a partir desse programa encontra-se coberto somente se seu conteúdo constituir uma obra baseada na Biblioteca (independente do uso da Biblioteca em uma ferramenta para escrevê-lo). Na verdade, isto dependerá daquilo que a Biblioteca faz e o que o programa que usa a biblioteca faz.

1. Você pode copiar e distribuir cópias sem alterações do código-fonte completo da Biblioteca ao recebê-lo, em qualquer meio ou mídia, desde que publique, ostensiva e adequadamente, um aviso de direitos autorais (ou copyright) apropriado e uma notificação sobre a exoneração de garantias; mantenha intactas as informações, avisos ou notificações referentes a esta Licença e à ausência de qualquer garantia; e distribua uma cópia desta Licença junto com a Biblioteca.

Você poderá cobrar um valor pelo ato físico de transferir uma cópia, e você pode oferecer, se quiser, a proteção de uma garantia em troca de um valor.

2. Você pode modificar sua cópia ou cópias da Biblioteca ou qualquer parte dela, formando, assim, uma obra baseada na Biblioteca, bem como copiar e distribuir essas modificações ou obra, em conformidade com a Cláusula 1 acima, desde que atenda, ainda, a todas as seguintes condições:

- a. A obra modificada tem de ser, por si só, uma biblioteca de software.
- b. Você tem de fazer com que os arquivos modificados contenham avisos, em destaque, de que você modificou os arquivos e a data de qualquer modificação.
- c. Você tem de fazer com que a obra como um todo seja licenciada, sem nenhum custo, a todos os terceiros, de acordo com esta Licença.
- d. Se um dispositivo, na Biblioteca modificada, se referir a uma função ou a uma tabela de dados a ser fornecida por um programa de aplicação que usa esse dispositivo, outro que não um argumento transmitido quando o dispositivo é invocado, nesse caso, você terá de fazer um esforço de boa-fé para assegurar que, no caso de uma aplicação que não forneça essa função ou tabela, o dispositivo ainda assim opere, e irá realizar qualquer parte de sua finalidade que permanecer significativa.

(Por exemplo, uma função de uma biblioteca para computar raízes quadradas tem uma finalidade que é completamente bem definida independentemente da aplicação. Por essa razão, a letra d, da Cláusula 2, exige que qualquer função ou tabela fornecida pela aplicação, usada por essa função, tem de ser opcional: se a aplicação não fornecê-la, a função de raízes quadradas deverá ainda assim computar raízes quadradas).

Essas exigências se aplicam à obra modificada como um todo. Se partes identificáveis dessa obra não forem derivadas da Biblioteca e puderem ser consideradas razoavelmente, em si, como obras independentes e separadas, nesse caso, esta Licença e seus termos não se aplicarão a essas partes quando você distribui-las como obras separadas. Todavia, quando você distribuir essas mesmas partes como partes de um todo, que por si seja uma obra baseada na Biblioteca, a distribuição desse todo deverá ser realizada de acordo com esta Licença, cujas respectivas permissões para outros licenciados estendem-se à integralidade deste todo, dessa forma, a toda e qualquer parte, independentemente de quem a escreveu.

Assim, esta cláusula não tem a intenção de afirmar direitos ou contestar os seus direitos sobre uma obra escrita inteiramente por você; a intenção é, antes, de exercer o direito de controlar a distribuição de obras derivadas ou obras coletivas baseadas na Biblioteca.

Além disto, a simples agregação de outra obra, que não seja baseada na Biblioteca, à Biblioteca (ou a uma obra baseada na Biblioteca) em um volume de meio ou mídia de armazenamento ou distribuição, não inclui esta outra obra no âmbito desta Licença.

3. Você poderá optar por aplicar os termos da Licença Pública Geral do GNU ao invés desta Licença, para uma determinada cópia da Biblioteca. Para tanto, você deverá alterar todos os avisos ou notificações que se refiram a esta Licença, para que eles se refiram à Licença Pública Geral comum do GNU, versão 2, ao invés desta Licença. (Se uma versão mais nova do que a versão 2 da Licença Pública Geral comum do GNU tiver sido gerada, então você poderá especificar essa versão, se preferir). Não faça nenhuma outra alteração nesses avisos ou notificações.

Uma vez que essa alteração tenha sido feita em uma determinada cópia, ela é irreversível para esta cópia, passando a Licença Pública Geral comum do GNU a ser aplicada para todas as cópias e obras derivadas subsequentes, feitas a partir dessa cópia.

Essa opção é útil quando você desejar copiar parte do código da Biblioteca em um programa que não seja uma biblioteca.

4. Você poderá copiar e distribuir a Biblioteca (ou uma parte ou obra derivada dela, de acordo com a Cláusula 2) em código-objeto ou formato executável, sob as Cláusulas 1 e 2 acima, desde que inclua todo o código-fonte correspondente, passível de leitura pela máquina, que deve ser distribuído sob os termos das Cláusulas 1 e 2 acima, em um meio ou mídia costumeiramente utilizado para o intercâmbio de software.

Se a distribuição do código-objeto for feita pela oferta de acesso para cópia a partir de um local designado, então a permissão de acesso equivalente para copiar o código-fonte a partir do mesmo local atende a exigência de distribuição do código-fonte, mesmo que terceiros não sejam levados a copiar a fonte junto com o código-objeto.

5. Um programa que não contenha nenhum derivativo de qualquer parte da Biblioteca, mas que seja desenhado para operar com a Biblioteca ao ser compilado ou ligado a ela, é chamado de uma "obra que usa a Biblioteca". Essa obra, isoladamente, não é uma obra derivada da Biblioteca e, portanto, fica de fora do âmbito desta Licença.

Entretanto, a ligação de uma "obra que usa a Biblioteca" com a Biblioteca constitui um executável que é um derivado da Biblioteca (pois contém partes da Biblioteca), e não uma "obra que usa a Biblioteca". O executável é, assim, coberto por esta Licença. A Cláusula 6 estabelece os termos para a distribuição desses executáveis.

Quando uma "obra que usa a Biblioteca" usar material de um arquivo de cabeçalho que é parte da Biblioteca, o código-objeto para a obra poderá ser uma obra derivada da Biblioteca, mesmo que o código-fonte não o seja. Para que isto seja verdade, é especialmente importante se a obra pode ser ligada sem a Biblioteca, ou se a obra é, em si mesma, uma biblioteca. O limiar para que isto seja verdade não é definido com precisão pela lei.

Se um arquivo-objeto usar somente parâmetros numéricos, layouts e accessors da estrutura de dados, bem como pequenas macros e pequenas funções inline (dez linhas ou menos de extensão), então o uso do arquivo-objeto não é restrito, independente de

ser ele legalmente uma obra derivada. (Executáveis contendo este código-objeto mais partes da Biblioteca continuam submetidos aos termos da Cláusula 6).

Do contrário, se a obra for um derivado da Biblioteca, você poderá distribuir o código objeto da obra sob os termos da Cláusula 6. Quaisquer executáveis contendo esta obra também se submetem à Cláusula 6, estejam ou não diretamente ligados à Biblioteca em si.

6. Como exceção à Cláusula acima, você também pode combinar ou ligar uma "obra que usa a Biblioteca" à Biblioteca para produzir uma obra contendo partes da Biblioteca e distribuí-la de acordo com os termos de sua escolha, desde que estes termos permitam modificações na obra para uso próprio por parte do cliente e engenharia reversa para depuração dessas modificações.

Em cada cópia da obra, você terá de colocar um aviso, em destaque, de que a Biblioteca foi usada e que ela e seu uso estão cobertos por esta Licença. Você deverá fornecer uma cópia desta Licença. Se, durante a execução, a obra exibir avisos ou notificações de direitos autorais (ou copyright), você terá de incluir, entre eles, o aviso de direitos autorais (ou copyright) referente à Biblioteca, bem como uma referência direcionando o usuário para a cópia desta Licença. Além disso, você deve tomar ao menos uma das seguintes providências:

- a. Incluir na obra todo o código-fonte da Biblioteca, passível de leitura pela máquina, incluindo quaisquer modificações que foram usadas na obra (as quais devem ser distribuídas conforme as Cláusulas 1 e 2 acima); e, se a obra for um executável ligado à Biblioteca, com toda a "obra que usa a Biblioteca" passível de leitura pela máquina, como código-objeto e/ou código-fonte, de modo que o usuário possa modificar a biblioteca e, depois, religar para produzir um executável modificado contendo a Biblioteca modificada. (Fica entendido que o usuário que modificar o conteúdo dos arquivos de definições da Biblioteca não necessariamente será capaz de recompilar a aplicação para usar as definições modificadas).
- b. Usar um mecanismo adequado de biblioteca compartilhada para ligar com a Biblioteca. Um mecanismo adequado é aquele que (a) usa, ao tempo da execução, uma cópia da biblioteca já presente no sistema do computador do usuário, e (2) irá operar adequadamente com uma versão modificada da biblioteca, se o usuário instalar uma, desde que a versão modificada seja compatível com a interface da versão com a qual a obra foi feita.
- c. Incluir na obra uma oferta por escrito, válida por pelo menos 3 anos, oferecendo ao mesmo usuário os materiais especificados na letra "a" da Cláusula 6 acima, por um custo não superior ao custo de fazer esta distribuição.
- d. Se a distribuição da obra for feita com a permissão de acesso para copiar, a partir de um local designado, oferecer acesso equivalente para copiar os materiais acima especificados, a partir do mesmo local.
- e. Certificar-se se o usuário já recebeu uma cópia desses materiais ou de que você já enviou uma cópia a esse usuário.

Para um executável, o formato exigido da "obra que usa a Biblioteca" deve incluir quaisquer dados e programas utilitários necessários para reprodução do executável a partir dele. Todavia, como uma exceção especial, os materiais a serem distribuídos não necessitam incluir algo que seja normalmente distribuído (tanto no formato fonte

quanto binário) com os componentes mais importantes (compilador, kernel, e assim por diante) do sistema operacional no qual executável é executado, a menos que esse componente, em si, acompanhe o executável.

Pode ocorrer que essa exigência contradiga as restrições da licença de outras bibliotecas proprietárias que normalmente não acompanham o sistema operacional. Essa contradição significa que você não pode utilizar ambas e a Biblioteca juntas em um executável distribuído por você.

7. Você pode colocar dispositivos da biblioteca que sejam uma obra baseada na Biblioteca lado-a-lado em uma única biblioteca junto com outros dispositivos de bibliotecas, desde que uma distribuição separada da obra baseada na Biblioteca e dos outros dispositivos de bibliotecas seja, de outro modo, permitida e desde que você tome uma das seguintes providências:
  - a. Incluir na biblioteca combinada uma cópia dessa obra baseada na Biblioteca sem a combinação com quaisquer outros dispositivos de biblioteca. Essa cópia tem de ser distribuída de acordo com as condições das cláusulas acima.
  - b. Junto com a biblioteca combinada, fornecer um aviso, em destaque, sobre o fato de que parte dela é uma obra baseada na Biblioteca, e explicando onde encontrar o formato não combinado incluso dessa mesma obra.
8. Você não poderá copiar, modificar, sublicenciar, ligar, ou distribuir a Biblioteca, exceto conforme expressamente disposto nesta Licença. Qualquer tentativa de, de outro modo, copiar, modificar, sublicenciar, ligar ou distribuir a Biblioteca é inválida, e automaticamente terminará seus direitos sob esta Licença. Todavia, terceiros que tiverem recebido cópias ou direitos de você, de acordo com esta Licença, não terão seus direitos rescindidos, enquanto estes terceiros mantiverem o seu pleno cumprimento.
9. Você não é obrigado a aceitar esta Licença, uma vez que você não a assinou. Entretanto, nada mais concede a você permissão para modificar ou distribuir a Biblioteca ou suas obras derivadas. Esses atos são proibidos por lei se você não aceitar esta Licença. Portanto, ao modificar ou distribuir a Biblioteca (ou qualquer obra baseada na Biblioteca), você manifesta sua aceitação desta Licença para fazê-lo, bem como de todos os seus termos e condições para cópia, distribuição ou modificação da Biblioteca ou obras nela baseadas.
10. A cada vez que você redistribuir a Biblioteca (ou qualquer obra nela baseada), o receptor automaticamente recebe uma licença do licenciante original para copiar, distribuir, ligar ou modificar a Biblioteca, sujeito a estes respectivos termos e condições. Você não poderá impor quaisquer restrições adicionais ao exercício, pelos receptores, dos direitos concedidos por este instrumento. Você não tem responsabilidade de promover o cumprimento desta licença por parte de terceiros.
11. Se, como resultado de uma sentença judicial ou alegação de violação de patente, ou por qualquer outro motivo (não restrito às questões de patentes), forem impostas a você condições (tanto através de mandado judicial, contrato ou qualquer outra forma) que contradigam as condições desta Licença, você não estará desobrigado quanto às condições desta Licença. Se você não puder atuar como distribuidor de modo a satisfazer simultaneamente suas obrigações sob esta Licença e quaisquer outras obrigações pertinentes, então, como consequência, você não poderá distribuir a Biblioteca de nenhuma forma. Por exemplo, se uma licença sob uma patente não permite a redistribuição

por parte de todos aqueles que tiverem recebido cópias, direta ou indiretamente de você, sem o pagamento de royalties, então, a única forma de cumprir tanto com esta exigência quanto com esta licença será deixar de distribuir, por completo, a Biblioteca.

Se qualquer parte desta Cláusula for considerada inválida ou não executável, sob qualquer circunstância específica, o restante da cláusula deverá continuar a ser aplicado e a cláusula, como um todo, deverá ser aplicada em outras circunstâncias.

Esta cláusula não tem a finalidade de induzir você a infringir quaisquer patentes ou direitos de propriedade, nem de contestar a validade de quaisquer reivindicações deste tipo; a única finalidade desta cláusula é proteger a integridade do sistema de distribuição do software livre, o qual é implementado mediante práticas de licenças públicas. Muitas pessoas têm feito generosas contribuições à ampla gama de software distribuído através desse sistema, confiando na aplicação consistente deste sistema; cabe ao autor/doador decidir se deseja distribuir software através de qualquer outro sistema e um licenciado não pode impor esta escolha.

Esta cláusula visa deixar absolutamente claro o que se acredita ser uma consequência do restante desta Licença.

12. Se a distribuição e/ou uso da Biblioteca for restrito em determinados países, tanto por patentes ou por interfaces protegidas por direito autoral, o titular original dos direitos autorais que colocar a Biblioteca sob esta Licença poderá acrescentar uma limitação geográfica de distribuição explícita excluindo esses países, de modo que a distribuição seja permitida somente nos países ou entre os países que não foram excluídos dessa forma. Nesse caso, esta Licença passa a incorporar a limitação como se esta tivesse sido escrita no corpo desta Licença
13. A Free Software Foundation [Fundação Software Livre] poderá de tempos em tempos publicar versões revisadas e/ou novas da Licença Pública Geral Menor. Essas novas versões serão semelhantes em espírito à presente versão, podendo, porém, ter diferenças nos detalhes, para tratar de novos problemas ou preocupações.  
Cada versão recebe um número distinto de versão. Se a Biblioteca especificar um número de versão desta Licença, aplicável à Biblioteca ou a "qualquer versão posterior", você terá a opção de seguir os termos e condições tanto daquela versão como de qualquer versão posterior publicada pela Free Software Foundation. Se a Biblioteca não especificar um número de licença da versão, você poderá escolher qualquer versão já publicada pela Free Software Foundation.
14. Se você desejar incorporar partes da Biblioteca em outros programas livres cujas condições de distribuição sejam incompatíveis com estas, escreva ao autor para solicitar permissão. Para software cujos direitos autorais pertencerem à Free Software Foundation, escreva à Fundação; algumas vezes, fazemos exceções nesse sentido. Nossa decisão será guiada pelos dois objetivos de preservar a condição livre de todos os derivados de nosso software livre e de promover o compartilhamento e reutilização de softwares, de modo geral.

#### *EXCLUSÃO DE GARANTIA*

15. COMO A BIBLIOTECA É LICENCIADA SEM CUSTO, NÃO HÁ NENHUMA GARANTIA PARA A BIBLIOTECA, NO LIMITE PERMITIDO PELA LEI APLICÁVEL. EXCETO QUANDO DE OUTRA FORMA ESTABELECIDO POR ESCRITO, OS TITULARES DOS DIREITOS AUTORAIS E/OU OUTRAS PARTES

FORNECEM A BIBLIOTECA "NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRA", SEM NENHUMA GARANTIA DE QUALQUER TIPO, TANTO EXPRESSA COMO IMPLÍCITA, INCLUINDO, DENTRE OUTRAS, AS GARANTIAS IMPLÍCITAS DE COMERCIALIZAÇÃO E ADEQUAÇÃO PARA UMA FINALIDADE ESPECÍFICA. O RISCO INTEGRAL QUANTO À QUALIDADE E DESEMPENHO DA BIBLIOTECA É ASSUMIDO POR VOCÊ. CASO A BIBLIOTECA CONTENHA DEFEITOS, VOCÊ ARCARÁ COM OS CUSTOS DE TODOS OS SERVIÇOS, REPAROS OU CORREÇÕES NECESSÁRIAS.

16. EM NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA, A MENOS QUE EXIGIDO PELA LEI APLICÁVEL OU ACORDADO POR ESCRITO, QUALQUER TITULAR DE DIREITOS AUTORAIS OU QUALQUER OUTRA PARTE QUE POSSA MODIFICAR E/OU REDISTRIBUIR A BIBLIOTECA, CONFORME PERMITIDO ACIMA, SERÁ RESPONSÁVEL PARA COM VOCÊ POR DANOS, INCLUINDO ENTRE OUTROS QUAISQUER DANOS GERAIS, ESPECIAIS, FORTUITOS OU EMERGENTES, ADVINDOS DO USO OU IMPOSSIBILIDADE DE USO DA BIBLIOTECA (INCLUINDO, ENTRE OUTROS, PERDA DE DADOS, DADOS SENDO GERADOS DE FORMA IMPRECISA, PERDAS SOFRIDAS POR VOCÊ OU TERCEIROS OU A IMPOSSIBILIDADE DA BIBLIOTECA DE OPERAR COM QUALQUER OUTRO SOFTWARE), MESMO QUE ESSE TITULAR, OU OUTRA PARTE, TENHA SIDO AVISADO SOBRE A POSSIBILIDADE DESSES DANOS.

## **FINAL DOS TERMOS E CONDIÇÕES**

## Como Aplicar Estes Termos para Suas Novas Bibliotecas

Se você desenvolver uma nova biblioteca e quiser que ela seja da maior utilidade possível para o público, nós recomendamos fazer dela um software livre que todos possam redistribuir e modificar. Você pode fazer isto permitindo a redistribuição sob estes termos (ou, alternativamente, sob os termos da Licença Pública Geral comum)

Para fazer isto, anexe as notificações seguintes à biblioteca. É mais seguro anexá-las ao começo de cada arquivo-fonte, de modo a transmitir do modo mais eficiente a exclusão de garantia; e cada arquivo deve ter ao menos a linha de "direitos autorais reservados" e uma indicação de onde a notificação completa se encontra.

*uma linha para informar o nome da biblioteca e uma breve idéia do que ela faz.*  
Direitos Autorais Reservados (C) <ano> nome do autor

Esta biblioteca é software livre; você pode redistribuí-la e/ou modificá-la sob os termos da Licença Pública Geral Menor do GNU conforme publicada pela Free Software Foundation; tanto a versão 2.1 da Licença, ou (a seu critério) qualquer versão posterior.

Esta biblioteca é distribuído na expectativa de que seja útil, porém, SEM NENHUMA GARANTIA; nem mesmo a garantia implícita de COMERCIALIZABILIDADE OU ADEQUAÇÃO A UMA FINALIDADE ESPECÍFICA. Consulte a Licença Pública Geral Menor do GNU para mais detalhes.

Você deve ter recebido uma cópia da Licença Pública Geral Menor do GNU junto com esta biblioteca; se não, escreva para a Free Software Foundation, Inc., no endereço 59 Temple Street, Suite 330, Boston, MA 02111-1307 USA.

Inclua também informações sobre como contatar você por correio eletrônico e por meio postal. Você também pode solicitar a seu empregador (se você for um programador) ou a sua instituição acadêmica, se for o caso, para assinar uma "renúncia de direitos autorais" sobre a biblioteca, se necessário. Segue um exemplo; altere os nomes:

A Yoyodyne Ltda., neste ato, renuncia a todos eventuais direitos autorais sobre a biblioteca 'Frob' (uma biblioteca para ajustar fechaduras), escrita por James Random Hacker.

<Assinatura de Ty Coon>, 1 de abril de 1990  
Ty Coon, Presidente

Isso é tudo!



## História do Desenvolvimento do Geomview

Geomview foi originalmente escrito no Geometry Center da the University of Minnesota in Minneapolis. O Geometry Center era um centro de pesquisa e educação fundado pela National Science Foundation, com a missão de promover pesquisa e comunicação de assuntos relacionados à matemática. A maioria do trabalho era direcionado ao uso de computadores para ajudar a visualização de conceitos matemáticos.

O projeto que eventualmente levou ao Geomview começou no verão de 1988 com o trabalho de Pat Hanrahan sobre um programa de visualização chamado MinneView. Pouco tempo depois Charlie Gunn começou o desenvolvimento da OOGL (Object Oriented Graphics Language) juntamente com o MinneView. Muitas pessoas contribuíram para a OOGL e o MinneView, incluindo Stuart Levy, Mark Meuer, Tamara Munzner, Steve Anderson, Mario Lopez, Todd Kaplan.

Em 1991 o staff do Geometry Center começou o trabalho sobre uma nova e melhorada versão da OOGL, e um novo e melhorado programa de visualização, o qual eles chamaram Geomview. Naquele tempo essencialmente o único jogo no comércio para gráficos interativos em três dimensões era Silicon Graphics (SGI), de forma que Geomview foi desenvolvido inicialmente em estações de trabalho SGI, usando a IRIS GL. A primeira versão foi finalizada em Janeiro de 1992. Essa primeira versão tornou-se muito popular entre visitantes do Geometry Center, e através do ftp do Centro (isso ocorreu antes do advento da web) pessoas em outras instituições começaram a usar essa primeira versão também.

Adicionalmente a estações de trabalho SGI o Geometry Center tinha algumas poucas estações NeXT completas, de forma que após Geomview estar sendo executado em máquinas SGIs a equipe desenvolveu uma versão para NeXTStep também. Nessa época ocorreram muitos milhares de pessoas usando Geomview ao redor do mundo.

Alguns anos depois a equipe portou Geomview para o X windows e a OpenGL, e eventualmente, com o desaparecimento da NeXT, a versão para NeXT seguiu o mesmo caminho.

Nessa missão de incentivar a comunicação entre pesquisadores e educadores, o Geometry Center desenvolveu um web site, [www.geom.umn.edu](http://www.geom.umn.edu), mais tarde em 1993. Esse foi um dos primeiros 300 sítios na web que existiram no mundo. Uma parte desse sítio web era certamente devotado ao Geomview, e ajudou a propagar o trabalho durante sua existência.

O Geometry Center fechou suas instalações de "tijolos e cimento" em Agosto de 1998 (NSF cortou suas verbas), mas o sítio web continuou a existir, e o Geomview continuou a ser popular ao redor do mundo. Em Dezembro de 1999 algum membro da equipe original do Geometry Center configurou <http://www.geomview.org> como casa permanente na web para o Geomview.

Os autores originais do Geomview, bem como vários outros voluntários ao redor do mundo, estão ainda ativamente envolvidos na utilização e no desenvolvimento do Geomview.

## Autores

Tamara Munzner, Stuart Levy, e Mark Phillips são os autores originais do Geomview. Celeste Fowler, Charlie Gunn, e Nathaniel Thurston também fazem contribuições significativas. Daniel Krech e Scott Wisdom fizeram o NeXTStep e a adaptação do RenderMan, e Daeron Meyer e Tim Rowley fizeram a adaptação para o X windows. Muitos outros membros do



estado maior do Geometry Center, bem como muitas pessoas em muitos lugares, também contribuíram.

Mark Phillips escreveu esse manual, com ajuda substancial de Stuart Levy e Tamara Munzner. Incontáveis usuários do Geomview também foram de grande ajuda por meio da leitura do manual e indicando nossos enganos.

## Plataformas Suportadas

Geomview 1.9 pode – em princípio – compilar e executar sobre quaisquer claramente recentes sistemas operacionais semelhantes ao Unix. Especificamente, Geomview executa sobre Linux e sobre Cygwin (Cygwin emula um ambiente semelhante ao SystemV Unix environment sob o Microsoft Windows). Desafortunadamente Geomview compila com MacOS X (Darwin), mas aparentemente comunicações com Geomview por meio de pipes e sockets causam falha de segmentação. Sinta-se livre para consertar essa falha! Veja [\[Contribuindo\]](#), [página 174](#), para detalhes.

## Como Pronunciar “Geomview”

A palavra ‘Geomview’ é uma combinação da primeira sílaba da palavra ‘geometry’, e da palavra ‘view’. Os autores pronunciam Geomview como uma palavra oxítona, isto é, tonicidade na primeira sílaba.

GE-om-view

Algumas pessoas colocam a tonicidade na segunda sílaba, onde Geomview cai na palavra ‘geometry’, mas os autores originais, que criaram o nome, preferem a pronúncia com tonicidade na primeira sílaba.

# 1 Visão Geral

O principal objetivo do Geomview é mostrar objetos cuja geometria é fornecida, permitindo controle interativo sobre detalhes tais como ponto de visão, velocidade de movimento, aparência de superfícies e linhas, e assim por diante. Geomview pode manusear qualquer número de objetos e permite controle coletivo ou separado sobre eles.

A maneira mais simples de usar Geomview é como um visualizador independente para ver e controlar objetos. Geomview pode mostrar objetos descritos em uma variedade de formatos de arquivo. Geomview é acompanhado com uma larga variedade de objetos como exemplo, e você pode criar seus próprios objetos.

Você pode também usar Geomview para manusear os dados a serem mostrados provenientes de outro programa que está sendo executado simultaneamente. Como o outro programa modifica os dados, a imagem no Geomview reflete as modificações. Programas que geram objetos e utilizam o Geomview para mostrá-los são chamados *módulos externos*. Módulos externos podem controlar quase todos os aspectos do Geomview. A idéia aqui é que muitos aspectos de visualização e partes da interação de programas geométricos são independentes do conteúdo geométrico e podem ser coletados conjuntamente em uma peça simples de programa que pode ser usada em uma larga variedade de situações. O autor de um módulo externo pode concentrar-se sobre a implementação dos algoritmos desejados e deixar os aspectos de visualização ao Geomview. Geomview é acompanhado por uma coleção de módulos externos a título de exemplo, e esse manual descreve como escrever seu próprio *módulo externo*.

Geomview é o produto de um esforço no *Geometry Center* para disponibilizar um *software* de geometria interativa que é particularmente apropriado para pesquisa matemática e educação. Em particular, Geomview pode mostrar coisas no espaço hiperbólico e no espaço esférico bem como no espaço Euclidiano.

Geomview permite múltiplos objetos e câmeras que são controlados independentemente. As câmeras fornecem controle interativo para movimento, aparências (incluindo iluminação, sombreadamento, e materiais), selecionando um objeto, aresta ou nível de vértice, instantâneos em um arquivo de imagem SGI ou no formato Renderman RIB, a adição ou apagamento de objetos é possível através do controle direto do mouse, painéis de controle, e teclas de atalho via teclado.

Geomview suporta os seguintes tipos de dados simples: poliedros com vértices compartilhados (.off), quadriláteros, malhas retangulares, vetores, e ajustes em superfícies de Bezier de grau arbitrário incluindo ajustes racionais. Hierarquias de objetos podem ser construídas com listas de objetos e instâncias de objeto(s) transformado(s) por uma ou mais matrizes 4x4. Porções arbitrárias de modificações de hierarquias podem ser transmitidas por meio da criação de referências nomeadas.

Geomview pode mostrar saídas gráficas tridimensionais provenientes do Mathematica e do Maple.

## 2 Tutorial

Esse capítulo conduzirá você através de alguns usos elementares do Geomview. Trabalhando do começo ao fim desse capítulo de frente a um computador onde você pode tentar acompanhar os exemplos fornecidos aqui você receberá um pouco do que pode ser feito com Geomview.

Para iniciar o Geomview, coloque seu usuário e sua senha no computador e abra uma janela de shell. Uma janela de shell é uma janela na qual você pode digitar comandos Unix; o prompt na janela usualmente termina com um '%'. Na janela de shell (o cursor do mouse deve estar posicionado sobre a janela) digite o seguinte (ENTER aqui significa pressione a tecla "Enter"):

```
geomview tetra dodec ENTER
```

Esse comando inicia o Geomview e chama dois objetos exemplo, um tetraedro e um dodecaedro. Após poucos segundos três janelas irão aparecer; veja [Figura 2.1](#).

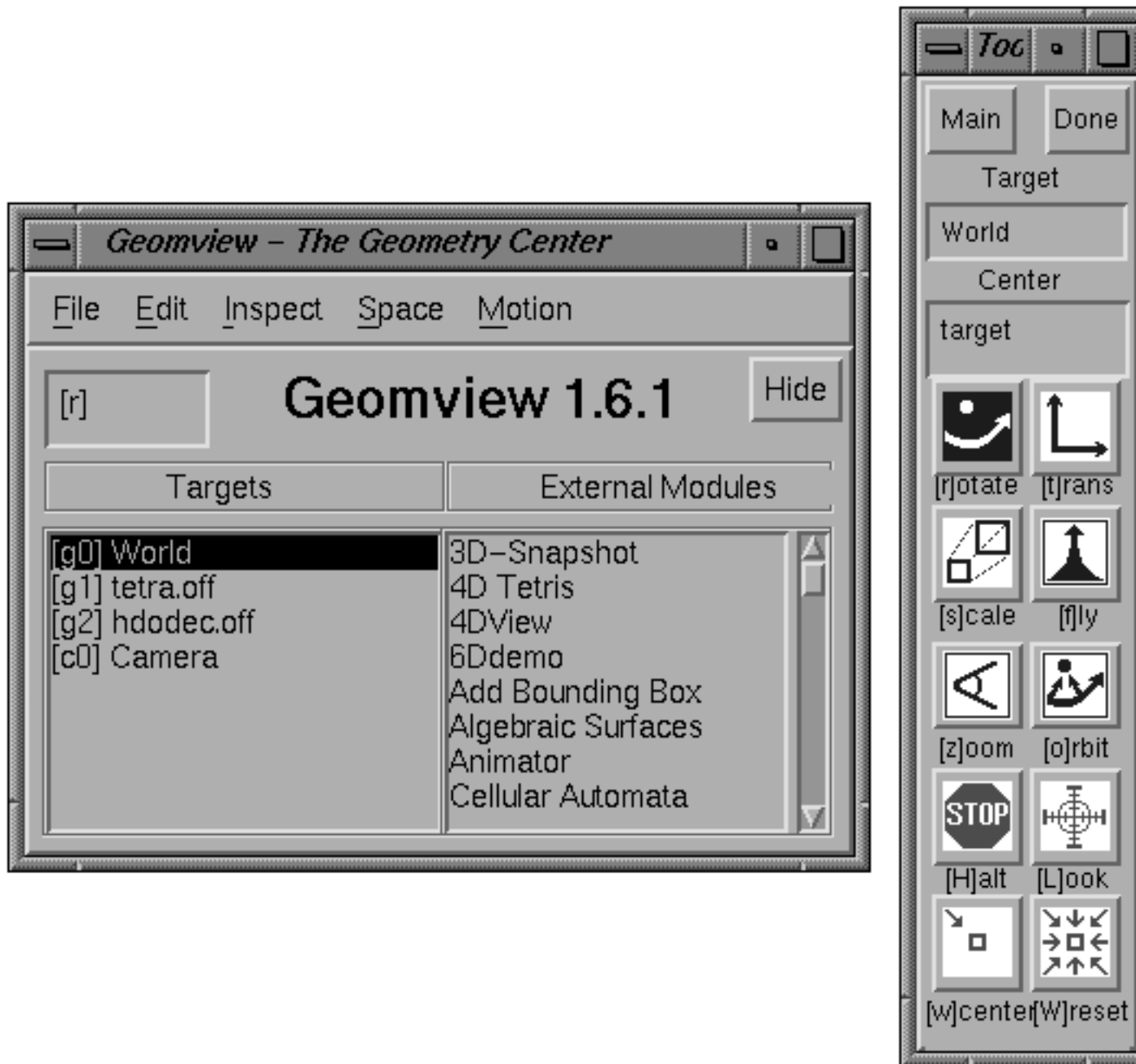


Figura 2.1: Tela Inicial do Geomview.

O painel à esquerda é o painel de controle principal do Geomview; Esse painel é chamado de painel *Main* (principal). O painel menor ao centro é o painel *Tools* (de ferramentas) e serve para selecionar diferentes tipos de movimentos. A janela do lado direito é a janela de

câmera e nessa janela você vê um tetraedro grande e um dodecaedro que está parcialmente obscurecido pelo tetraedro.

Geomview tem alguns painéis mas por padrão ele mostra somente esses três. iremos descrever alguns aspectos desses três e alguns dos outros nesse tutorial. Você pode ler mais sobre esses e outros painéis nos capítulos adiante neste manual.

Coloque o cursor do mouse na janela de câmera e pressione e mantenha pressionado o botão esquerdo do mouse. Agora, enquanto mantém pressionado o botão, lentamente mova o mouse com movimentos pequenos. Você verá a figura rotacionar na direção na qual você mover o mouse. Se você liberar o botão do mouse enquanto move o mesmo, a figura continua girando. Para parar o movimento de rotação, mantenha o mouse sobre a figura e pressione rapidamente o botão esquerdo do mesmo.

Geomview utiliza o modelo da *esfera de vidro* para os movimentos iniciados através do mouse. Isso significa que você está supondo o objeto como estando dentro de uma esfera invisível e o cursor do mouse como sendo uma alça fora da esfera provida de uma ventosa. Quando você mantém pressionado o botão esquerdo do mouse, a ventosa da alça gruda na esfera; quando você libera o botão do mouse, a ventosa da alça libera a esfera. Movendo o mouse enquanto mantém pressionado o botão faz com que a esfera (e conseqüentemente o objeto) mova-se na mesma direção que o mouse.

Adicionalmente para os dois sólidos que estão atualmente na tela você pode também ver duas molduras de fios em forma de caixa na janela de câmera. Essas são as "caixas associadas" dos dois objetos. Por padrão Geomview coloca uma caixa associada em torno de cada objeto que é mostrada de forma que você tenha uma idéia de o quanto grande o objeto é.

Note que quando você move o mouse em torno do tetraedro e do dodecaedro eles se movem como se fossem uma única figura. Isso ocorre porque por padrão o que você está movendo atualmente é o "World" (objeto mundo). Para mover um dos objetos individualmente em lugar de o objeto mundo como um todo, mova o cursor do mouse para o navegador de alvos (*Targets*) no painel principal (*Main*). Clique (qualquer botão) sobre a palavra *tetra*. Isso faz com que o tetraedro seja o "objeto alvo". Agora mova o cursor de volta à janela de câmera e você poderá rotacionar apenas o tetraedro.

O movimento que você aplicou até agora foi a rotação, porque esse é o modo de movimento selecionado no painel de ferramentas (*Tools*). Para efetuar o movimento de translação em lugar do movimento de rotação, clique sobre o botão translação (*Translate*). Agora quando você mover o mouse na janela de câmera enquanto mantém pressionado o botão esquerdo, o tetraedro (que deve ser ainda o objeto alvo de antes) irá ser transladado na direção que você move o mouse. Note que você pode transladar o tetraedro na direção da borda da janela enquanto você mantém pressionado o botão esquerdo do mouse. Se você liberar o botão do mouse enquanto move o mesmo, o tetraedro irá continuar o movimento sozinho. O tetraedro mover-se-á ao contrário do que ocorria antes muito rapidamente de forma que é muito fácil perder o rastro de onde ele se encontra.

Se você acidentalmente perder o tetraedro através de translação para muito longe da janela de visão, você pode pegá-lo de volta através de um clique sobre o botão Centro (*Center*) no painel de ferramentas (*Tools*). Isso fará com que o tetraedro retorne para a sua posição inicial.

Clique sobre o botão Centro (*Center*) para trazer o tetraedro ao centro da janela de câmera, e então coloque-o em uma posição de forma que você possa ver completamente o dodecaedro.

Seu objeto mundo agora tem dois objetos que estão um ao lado do outro. Você pode ver o dodecaedro no meio da janela de câmera e pode ver parte do tetraedro parcialmente fora da janela de câmera. Volte para o navegador de alvos (*Targets*) no painel principal (*Main*) e clique sobre o "World" para selecionar o referido objeto mundo novamente. Agora clique sobre o botão "Olhar Para" (*Look At*) no painel de ferramentas (*Tools*). Você pode ver o dodecaedro e o tetraedro ajustando-se ao meio da janela (figura veja [Figura 2.2](#)). O botão "Olhar Para" (*Look At*) posiciona a câmera em uma posição tal que o objeto alvo fique centrado na janela.



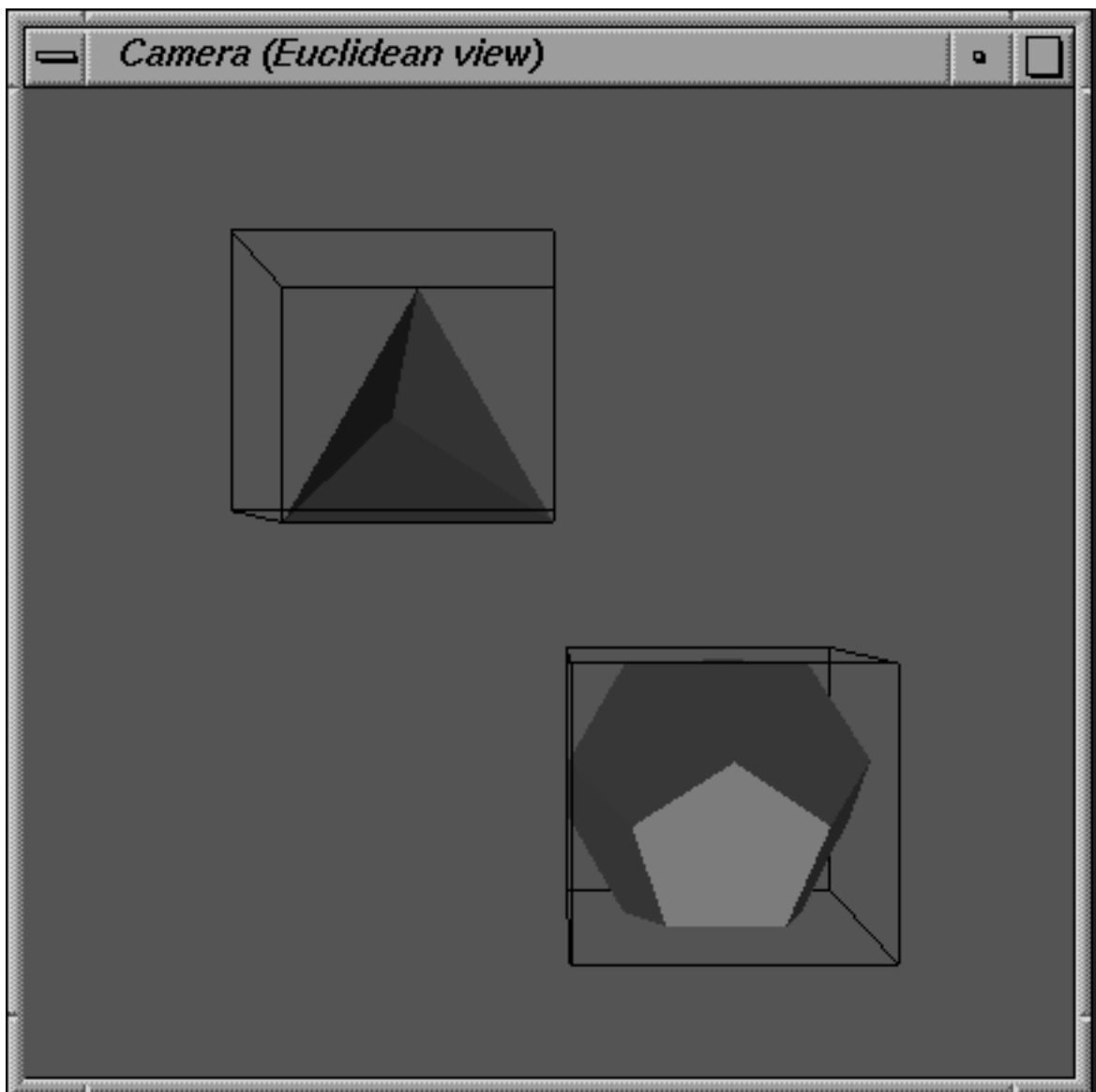


Figura 2.2: Olhando para o Objeto Mundo.

Agora coloque o cursor sobre o meio do dodecaedro e dê sobre ele um duplo clique com o botão direito do mouse. Isso significa clicar no mouse para baixo e para cima duas vezes em uma rápida sucessão. Note que o dodecaedro torna-se o objeto alvo; você pode ver isso no navegador de alvos (*Targets*) do painel principal (*Main*). Um duplo clique no botão direito do mouse sobre um objeto é outra forma de fazer esse objeto tornar-se o objeto alvo.

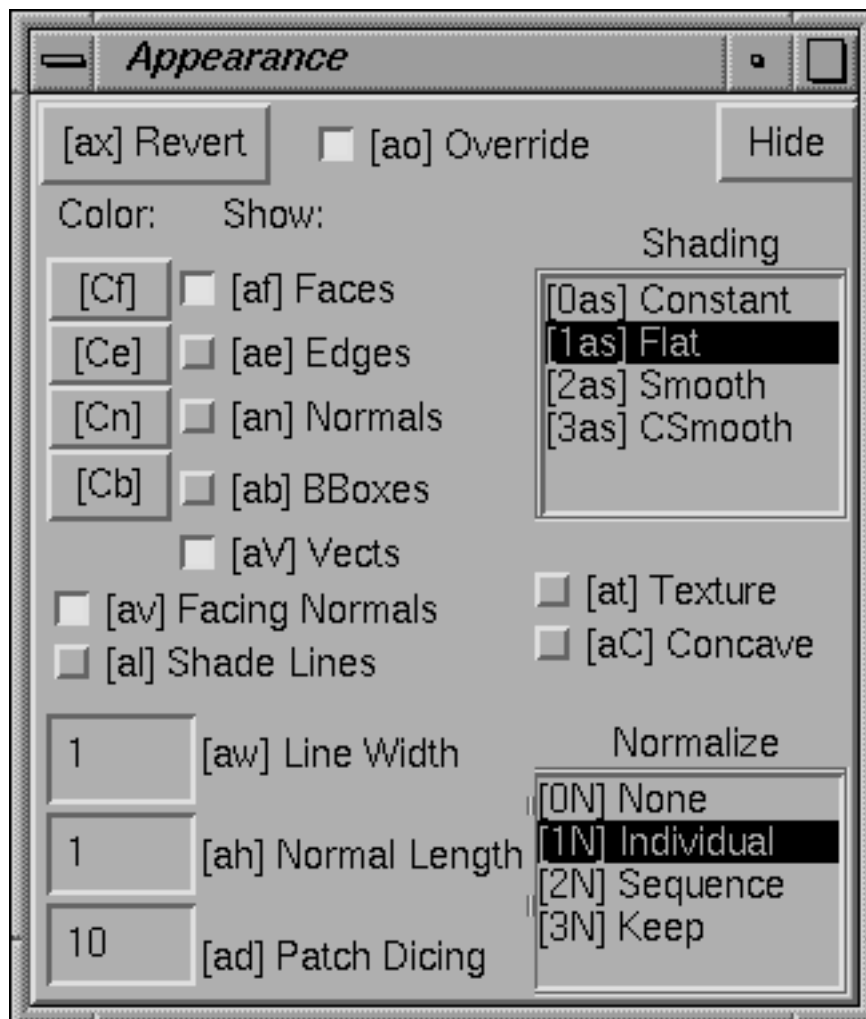


Figura 2.3: A Painel Aparência.

Vá para o menu *Inspect* no topo do painel principal (*Main*) e selecione Aparência (*Appearance*). Isso faz aparecer o painel "Aparência" (*Appearance*). Quando ele aparece, se estiver parcialmente obscurecido por outra janela do Geomview você pode movê-lo para um lado arrastando sua moldura com o botão do meio do mouse pressionado.

O painel Aparência (*Appearance*) permite a você controlar várias coisas sobre a maneira como o Geomview desenha objetos. Note os botões rotulados com *[af] Faces* e *[ae] Edges* (arestas). Clique sobre o *[ae] Edges* uma vez, e note que Geomview agora resalta/destaca as arestas do dodecaedro. Clique sobre o *[ae] Edges* novamente e as arestas desaparecem. Clique muitas vezes e assista as arestas indo e voltando. Quando você tiver feito isso o suficiente, deixe as arestas habilitadas e clique sobre o botão *[af] Faces*. Essa ação alterna entre exibir ou não as faces. Clique sobre o botão novamente para de forma que a exibição das faces fique habilitada.

Agora clique sobre o botão *[Cf]* *Faces* sob a palavra *COLOR*. Um painel de escolha de cores aparecerá (veja [Figura 2.4](#)).

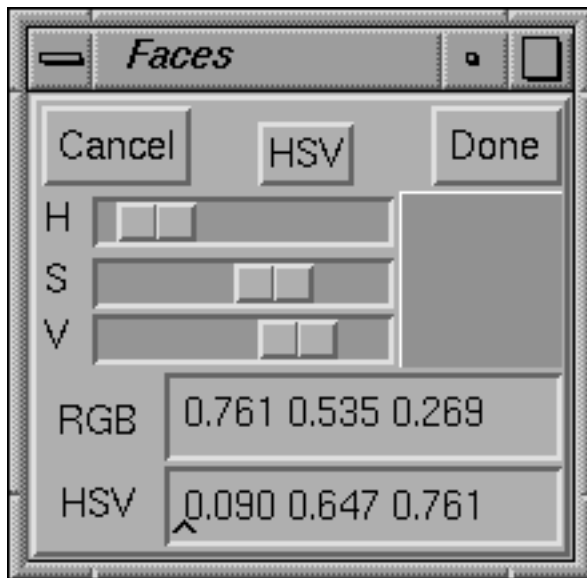


Figura 2.4: Painel de Escolha de Cores.

Note os três botões deslizantes, *H*, *S*, e *V*, controlando a matiz (*hue*), saturação, e valor (iluminação). Clicando sobre o botão *HSV* fornece um diferente conjunto de botões deslizantes, um para vermelho (*red*), outro para verde (*green*), e outro para azul (*blue*). Valores numéricos para ambos os sistemas de cores RGB e HSV podem ser vistos ou editados na parte inferior do painel. A cor inicial do dodecaedro foi especificada no arquivo ‘*dodec*’ que você chamou quando iniciamos o Geomview. A cor que você especificou com o painel de cores sobrescreveu as cores antigas. Você pode ajustar a intensidade da cor com o botão deslizante *Intensity*. Quando você encontrar uma cor que você gosta, clique sobre o botão *Done*.

Agora coloque o cursor do mouse em algum lugar sobre o fundo cinza da janela de câmera e duplo-clique no botão direito; isso seleciona "World" como objeto alvo. Clique no botão *Look At* para para olhar para o objeto mundo novamente.

Note que no painel de Aparência (*Appearance*) as escolhas dos botões se modificavam à medida que o lado esquerdo também mudava com o dodecaedro. Isso ocorre porque o painel *Appearance* sempre mostra as escolhas para o objeto alvo, que agora é o objeto mundo, o qual ainda tem suas escolhas padrão.

Clique sobre o botão *[ab]* *BBox* sob a palavra *Draw*. A caixa associada desaparece. agora ponha o cursor de volta na janela de câmera. No teclado, digite as teclas *a b*. Note que a caixa associada aparece novamente. *a b* é o atalho de teclado para o botão que alterna entre a exibição ou não da caixa associada; a sequência de caracteres "[ab]" aparece sobre o botão para indicar isso. A maioria dos botões do Geomview possuem atalhos de teclado que você pode usar se preferir. Isso será útil quando você estiver familiarizado com o Geomview e não quiser ter de se mover entre uma montanha de painéis.

Agora selecione o tetraedro, use qualquer das duas formas: duplo-clicando o botão direito do mouse sobre o tetraedro, ou selecionando "tetra" no navegador de alvos (*Targets*). Então clique sobre o botão *Delete* do menu *Edit* no painel principal (*Main*). O tetraedro deve desaparecer. Essa é a forma de você se livrar de um objeto.

Você pode também chamar objetos de dentro do Geomview. Clique sobre o menu *File* no painel principal (*Main*) e escolha abrir (*Open*). O painel de arquivos (*Files*) irá aparecer. Abaixo do meio desse painel, onde se lê *Path List*, temos um navegador com três linhas dentro dele; a segunda linha é um diretório com montanhas de exemplos do Geomview. Clique sobre aquela segunda linha; veja [Figura 2.5](#). Role para baixo na lista de arquivos até você ver `'tref.off'`. Clique sobre aquela linha, e então clique sobre o botão *OK*. Um grande tubo em forma de trevo irá aparecer em sua janela. Clique sobre o botão *Hide* no painel *Files* para dispensar o painel.

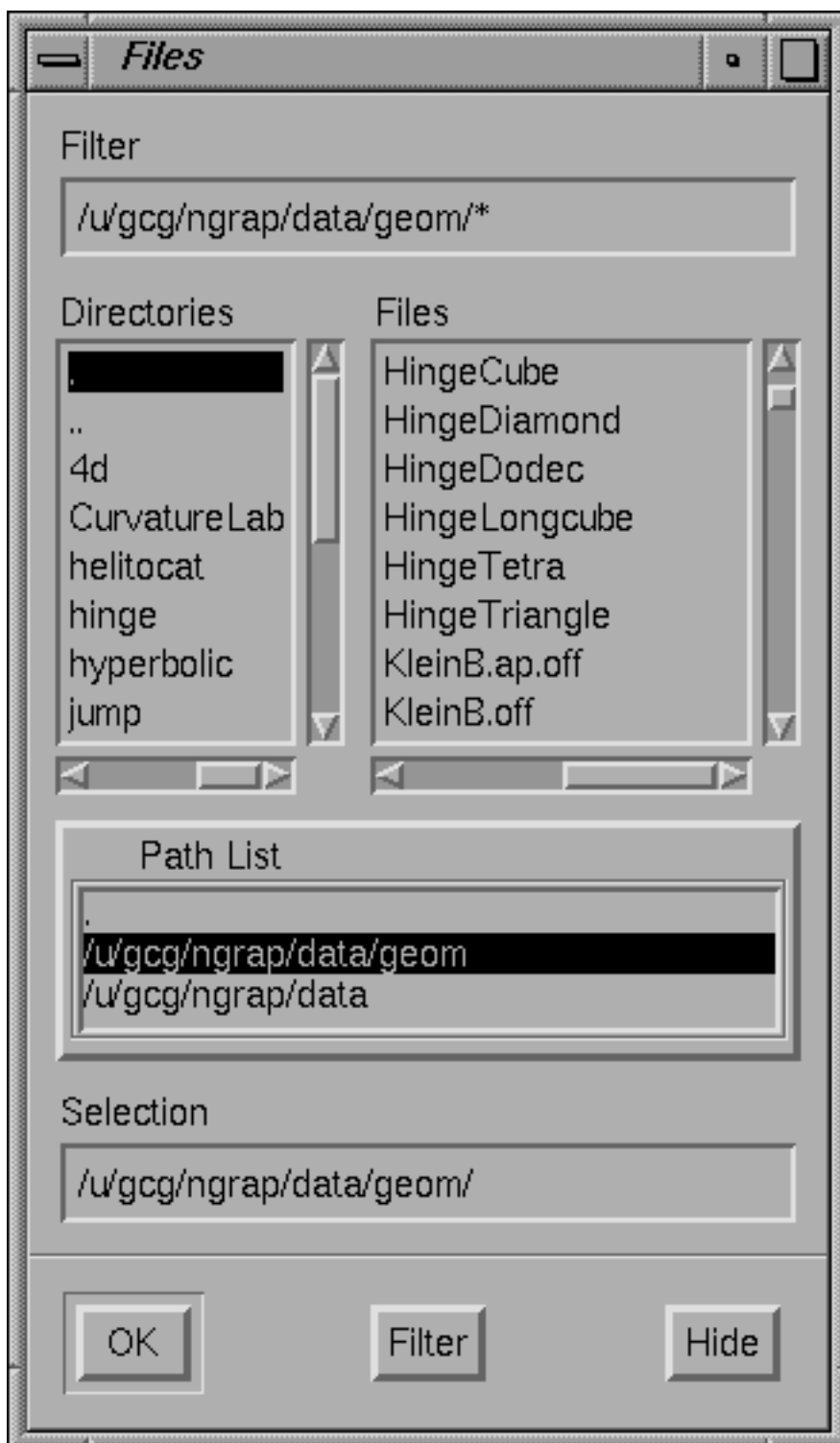


Figura 2.5: O Painel de Arquivos.

Agora clique sobre o botão *Reset* no painel de ferramentas (*Tools*). Isso fará com que todas as figuras retornem ao centro da janela de câmera. Você pode ver um dodecaedro e uma protuberância do trevo (veja [Figura 2.6](#)).

Brinque com a protuberância do trevo e o dodecaedro. Faça experiências com alguns outros botões no painel de ferramentas (*Tools*). Tente colorir o trevo com o painel de aparência (*Appearance*).

Para um tutorial sobre criar seus próprios objetos para chamá-los dentro do Geomview, veja ‘`doc/oogl_tour`’ distribuído com Geomview. As coisas naquele arquivo irão ser incorporadas em futuras versões desse manual.

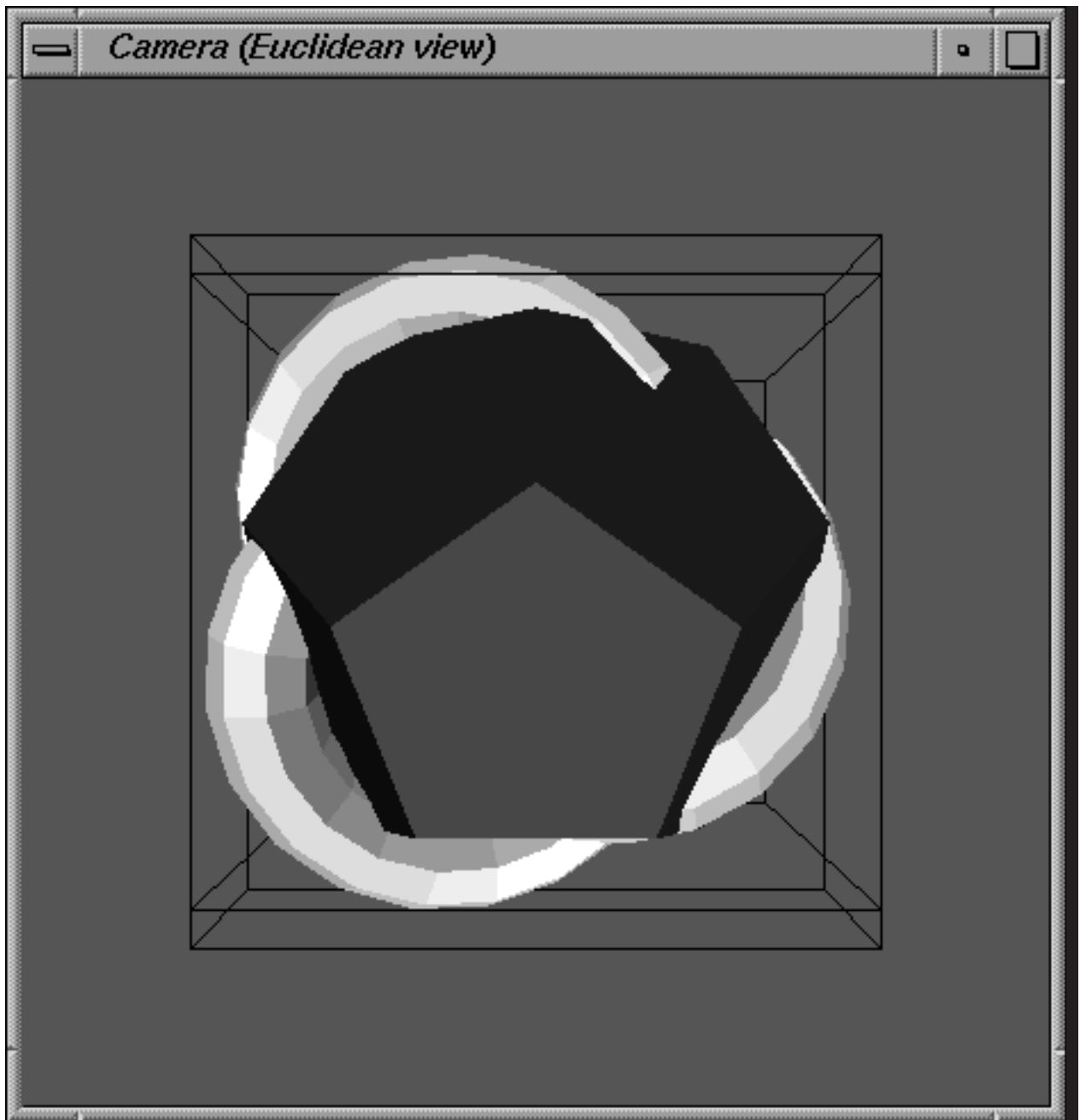


Figura 2.6: Trevo e Dodecaedro.

## 3 Interação

Esse capítulo descreve como você interage com Geomview através do mouse e do teclado.

### 3.1 Iniciando o Geomview

A forma usual para iniciar o Geomview é digitar *geomview ENTER* em uma janela de shell (ENTER significa pressionar a tecla "Enter"). Esse procedimento carrega o Geomview na memória do computador em uns poucos segundos; uma ou mais janelas irão aparecer e você pode começar a interagir com o Geomview imediatamente.

É também possível especificar ações para o Geomview executar no momento de iniciar fornecendo argumentos na linha de comando do shell. Veja [seção 3.2 \[Opcoes de Linha de Comando\]](#), [página 31](#).

### 3.2 Opções de Linha de Comando

Aqui estão as opções de linha de comando que o Geomview permite:

`'-b r g b'` Escolhe a cor de fundo da janela de câmera para valores fornecidos de *r g b*.

`'-c arquivo'`

Interpreta os comandos GCL em *arquivo*, que pode ser o símbolo especial `'-'` para a entrada padrão. Para uma descrição de GCL, veja [Capítulo 7 \[GCL\]](#), [página 127](#).

`'-c comando'`

Comandos podem também serem fornecidos literalmente, como em

```
-c "(ui-panel main off)"
```

Uma vez que *comando* inclui parêntesis, que possuem significado especial para o shell, *comando* deve receber apóstrofo. Múltiplas opções `-c` são permitidas.

`'-wins n'` Faz com que Geomview mostre inicialmente *n* janelas de câmera.

`'-wpos largura,altura[@xmin,ymax]'`

Especifica a localização inicial e o tamanho da primeira janela de câmera. Os valores para *largura*, *altura*, *xmin*, e *ymax* estão em coordenadas de tela (pixel).

`'-M[cg][ps[un|in|in6]] PIPENOME|TCP|PORT'`

A opção `'-M'` aceita modificadores: um sufixo `'g'` espera dados geométricos (o padrão), enquanto um sufixo `'c'` espera comandos GCL. Um `'p'` implica que a conexão pode usar um pipe nomeado (o padrão para tudo exceto para "NeXT"), enquanto `'s'` implica no uso de um "UNIX-domain socket" (o padrão em "NeXT"). Uma vez que na versão 1.9 do Geomview "Internet domain sockets" são também suportados; use `'sin'` para fazer o Geomview escutar uma porta IPv4 fornecida por *TCP|PORT*, ou use `'sin6'` para fazer Geomview escutar uma porta IPv6 (também como especificado em *TCP|PORT*). `'sun'` é um sinônimo para `'s'`, i.e. use o "Unix domain socket" com o nome *PIPENOME*. Se *PIPENOME* inicia com uma barra (`'/'`), então esse nome é assumido ser um caminho absoluto, de outra forma o pipe nomeado ou socket é criado sob o diretório `'${TMPDIR}/geomview/'`.



Escutando fluxo de comando em portas TCP pode ser um risco de segurança, como Geomview por si mesmo não toma nenhum tipo de precaução de segurança, Geomview simplesmente executa todos os comandos alimentados a ele através do socket de rede. Isso também implica entrada e saída para unidades de armazenamento locais devem ser permitidas remotamente.

Exemplos:

**-M nome\_de\_objeto**

Mostra (possivelmente mudando dinamicamente) geometria enviada de programas `geomstuff` ou `togeomview`. Essa opção "-M" escuta o pipe nomeado `/tmp/geomview/nome_de_objeto`; você pode conseguir o mesmo efeito com os comandos de shell abaixo:

```
mkdir /tmp/geomview
mknod /tmp/geomview/nome_de_objeto p
```

(assumindo que o diretório e o pipe nomeado não existam atualmente), então executando o comando GCL:

```
(geometry nome_de_objeto <
/tmp/geomview/nome_de_objeto)
```

(veja [seção 7.2.57 \[geometry\]](#), página 137)

**-Mc pipenome**

Como '-M' acima, mas espera comandos GCL, em lugar de dados geométricos OOGL, na conexão.

**-Mcs nome** Lê comandos a partir do "UNIX-domain socket" nomeado. `/tmp/geomview/nome`

**-Mcsin 40000**

Lê comandos a partir da porta IPv4 '40000'. Geomview por si mesmo não toma qualquer precaução de segurança, de forma que "-Mcsin 40000" pode ser um risco de segurança.

**'-noopengl'**

Desabilita o uso de OpenGL para (possivelmente) conversão acelerada de hardware, mesmo que o binário do Geomview tenha suporte a OpenGL compilado internamente. "-noopengl" também desabilita o suporte a transparência e texturas na janelas de câmera. Instantâneos "RenderMan" ainda terão a transparência correta e suporte a alguma textura limitada.

**'-nopanels'**

Inicia sem mostrar nenhum painel, somente a janelas gráficas. Painéis podem ser invocados mais tarde da forma usual com as teclas de atalho `Px` ou com comando `ui-panel`. Veja [seção 7.2.149 \[ui-panel\]](#), página 157.

**'-noinit'**

Não lê nenhum arquivo de inicialização. Por padrão, Geomview lê o arquivo `.geomview` do sistema, seguido daqueles em `${HOME}/.geomview` e em `./geomview`.

`'-e modulo'`

Inicial um módulo externo; *modulo* é o nome associado ao módulo chamado, aparecendo no painel principal no navegador de "Applications", como definido pelo comando `emodule-define`. Veja [seção 7.2.40 \[emodule-define\]](#), página 134.

`'-start module args ...'`

Como `-e` mas permite a você enviar argumentos para o módulo externo. `"-` sinaliza o fim da lista de argumentos; o `"-` pode ser omitido se for o último argumento na linha de comando do Geomview.

`'-run comando-shell args ...'`

Como `"-start"` mas toma o caminho de arquivos do executável do módulo externo em lugar do nome do módulo. Os caminhos de arquivo de todos os diretórios de módulos conhecidos são anexados ao final do caminho de busca do UNIX quando for invocado o *comando-shell*.

### 3.3 Interacao Basica: O Painel Principal

Normalmente quando você invoca Geomview, três janelas aparecem: O painel principal (*Main*), o painel de ferramentas (*Tools*), e uma janela de câmera. Geomview tem muitas outras janelas mas muitas coisas podem ser realizadas com essas três de forma que por padrão as outras não aparecem. Essa seção do manual introduz alguns conceitos básicos que são usados nas seções restantes do manual e descreve o painel principal (*Main*).

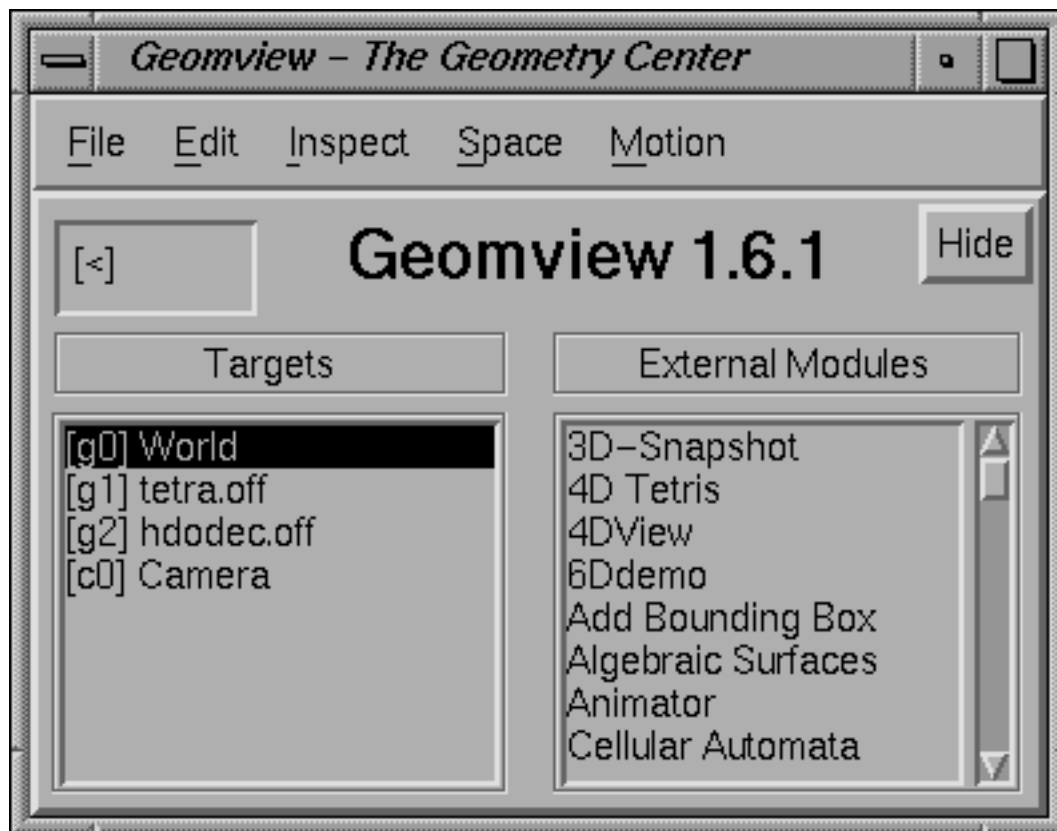


Figura 3.1: O Painel Principal

Geomview pode mostrar um número arbitrário de objetos simultaneamente. O navegador *Targets* no painel principal (*Main*) mostra uma lista de todos os objetos dos quais Geomview atualmente abertos. Esse navegador tem uma linha para cada objeto que você tiver chamado, adicionalmente algumas linhas para outros objetos. Um desses outros objetos é chamado *World* e corresponde a todos os objetos atualmente chamados, tratados como se eles fossem um objeto. A maioria das operações que você pode fazer sobre um objeto, tais como aplicar um movimento ou mudar uma cor, pode também ser feita para o objeto "World".

O navegador de alvos (*Targets*) também possui uma entrada para cada câmera. Por padrão existe somente uma câmera; é possível adicionar mais delas através da entrada *New Camera* do painel principal (*Main*) via menu *File*. Geomview trata câmeras na maioria das vezes como trata objetos geométricos. Por exemplo, você pode mover câmeras pelas proximidades e adicioná-las e apagá-las como objetos geométricos. Câmeras não são mostradas na tela como um objeto que você vê. Cada câmera tem uma janela de câmera separada que mostra a visão como vista através da lente daquela câmera. (É possível para cada câmera mostrar uma representação geométrica de outras câmeras. Veja [seção 3.7 \[Cameras\]](#), [página 52](#).)

Devido ao fato de Geomview tratar câmeras e objetos geométricos muito similarmente, o termo *objeto* nessa documentação é usado para referir-se a qualquer dos dois indistintamente. Quando precisamos distinguir entre os dois tipos de objetos, usamos o termo "geom" para denotar um objeto geométrico e a palavra *câmera* para denotar uma câmera.

O objeto que está selecionado (luminosidade alta) no navegador "*Targets*" é chamado objeto alvo. Esse é o objeto que recebe quaisquer ações que você faz com o mouse ou com o teclado. Você pode mudar o objeto alvo selecionando uma linha diferente no navegador de alvos (*Targets*). Outro caminho de modificar o objeto alvo é colocar o cursor do mouse diretamente sobre um geom na janela de câmera e rapidamente dar um duplo clique no botão direito do mouse. Esse processo é chamado *selecionar*; o objeto selecionado torna-se o novo alvo.

Objetos do Geomview são todos conhecidos por dois nomes, ambos dos quais são mostrados no navegador de alvos (*Targets*). O primeiro nome lá fornecido, que aparece entre colchêtes ([ ]), é um nome curto atribuído pelo Geomview quando você chama o objeto. Esse nome consiste da letra 'g' para geometria e da letra 'c' para câmeras, seguindo por um número. O segundo nome é maior e mais descritivo; por padrão esse é o nome do arquivo do qual o objeto foi chamado. Os dois nomes são equivalentes no que diz respeito ao Geomview; em qualquer ponto onde você precisar especificar um nome você pode fornecer qualquer dos dois.

Para controlar um objeto, garanta que aquele objeto que você quer mover seja o objeto alvo, e coloque o cursor do mouse em uma janela de câmera. Movimentos são aplicados pressionando ou o botão esquerdo ou o botão do meio do mouse e movendo o mouse. Existem muitos modos de movimento diferentes, cada modo de movimento aplicando um diferente tipo de movimento. O navegador de modos de movimento (*MOTION MODE*) no painel principal indica o modo de movimento atual. O padrão é a rotação ("Rotate"). Você pode mudar o modo corrente de movimento selecionando um novo modo de movimento no navegador de modos de movimento (*MOTION MODE*), ou usando o painel de ferramentas (*Tools*). Para maiores informações sobre modos de movimento, veja [seção 3.5 \[Movimentos do Mouse\]](#), página 39.

O navegador de módulos (*Modules*) lista módulos externos do Geomview. Um módulo externo é um programa separado que interage com Geomview para estender suas funcionalidades. Para informações sobre módulos externos, veja [Capítulo 6 \[Módulos\]](#), página 104.

A barra de menu no topo do painel principal oferece menus para operações comuns.

Para criar novas janelas, chame novos objetos, grave os objetos ou outras informações, ou saia do Geomview, veja o menu *File*.

Para copiar ou apagar objetos, veja o menu *Edit*.

Você pode chamar qualquer painel a partir do menu *Inspect*.

O menu *Space* permite a você escolher se Geomview trabalha no modo Euclidiano, Hiperbolico ou Esférico. O modo Euclidiano é usado por padrão. Para detalhes sobre a utilização do modo espaço *Hyperbolic* e do modo *Spherical*, veja [Capítulo 8 \[Geometrias Nao-Euclidianas\]](#), página 161.

A maioria das ações que você pode fazer através dos painéis do Geomview possuem equivalentes atalhos de teclado de forma que você pode fazer a mesma ação através de digitação de uma sequência de teclas no teclado. Isso é útil para usuários avançados que estão familiarizados com as capacidades do Geomview e querem trabalhar rapidamente

sem ter montanhas de painéis amontoando-se na tela. Atalhos de teclado são usualmente indicados entre colchetes ([ ]) próximo ao item correspondente em um painel. Por exemplo, o atalho de teclado para o modo *Rotate* é 'r'; isso é indicado por "[r]" que aparece antes da palavra "Rotate" no navegador *MOTION MODE*. Para usar esse atalho de teclado, apenas pressione a tecla *r* enquanto o cursor do mouse estiver em qualquer janela do Geomview. Não é necessário pressionar a tecla ENTER posteriormente.

Alguns atalhos de teclado consistem em mais de uma tecla. Nesses casos apenas digite as teclas uma após a outra, sem pressionar ENTER posteriormente ou entre as teclas pressionadas. Atalhos de teclado são sensíveis à caixa alta/baixa.

Muitas teclas de atalho podem ser precedidas de um parâmetro numérico. Por exemplo, digitando *ae* muda o estado do desenho de arestas, enquanto *1ae* sempre habilita o desenho de arestas.

O campo *keyboard* no canto superior esquerdo do painel principal (*Main*), imediatamente acima da palavra "Targets", ecoa o estado atual das teclas de atalho.

Para uma lista de todas as teclas de atalho, pressione a tecla ?.

### 3.4 Disponibilizando Objetos dentro do Geomview

Existem muitos caminhos para chamar um objeto dentro do Geomview.

No painel de arquivos (*Files*)

Se você clicar no botão *Load* no painel principal do Geomview (*Main*), o painel de arquivos (*Files*) irá aparecer.



Figura 3.2: O Painel de Arquivos.

Esse painel permite que você selecione um arquivo a partir de uma variedade de diretórios. O topo do painel é um navegador de arquivos padrão do Motif. Abaixo deste está uma lista de diretórios no caminho de busca padrão do Geomview; clique sobre um desses para navegar entre os arquivos naquele diretório.

Para selecionar um arquivo, duplo-clique sobre o seu nome no navegador no canto superior direito, ou clique sobre o seu nome e pressione a tecla ENTER, ou ainda digite o nome do arquivo dentro da caixa de texto na parte inferior do navegador e pressione a tecla ENTER.

Se o arquivo selecionado contiver dados geométricos OOGL, esse arquivo irá ser adicionado ao navegador de alvos (*Targets*) do Geomview. Se esse arquivo contiver comandos GCL em lugar de conter dados geométricos OOGL, o arquivo será interpretado. Veja [Capítulo 7 \[GCL\]](#), página 127.

Quando o apinel de arquivos (*Files*) aparecer pela primeira vez, o diretório selecionado no navegador de diretórios é o diretório atual — que corresponde ao diretório a partir do qual você chamou o Geomview. O navegador de arquivos mostra *todos* os arquivos nesse diretório, incluindo os que não são arquivos do Geomview. Se você tentar chamar um arquivo que não contenha um objeto OOGL e também não contenha comandos do Geomview, o Geomview irá mostrar uma mensagem de erro.

O navegador de diretórios também lista um segundo e um terceiro diretórios adicionalmente além do diretório atual. O segundo, que termina em ‘data/geom’, é o diretório de exemplos de dados do Geomview. Esse diretório contém uma grande variedade de amostras de objetos. Esse diretório também contém muitos subdiretórios. Em particular, os subdiretórios ‘hyperbolic’ e o subdiretório ‘spherical’ possuem amostras de objetos hiperbólicos e esféricos, respectivamente. Entradas no navegador de diretórios são vistas apenas como entradas de arquivos; para visualizar um subdiretório, clique sobre o nome do referido diretório.

O terceiro diretório mostrado no navegador de diretório, que termina em ‘geom’, contém muitos subdiretórios com outros arquivos do Geomview dentro deles. Esses arquivos são usados menos frequentemente que os outros no diretório ‘data/geom’.

Você pode mudar a lista de diretórios mostrada no navegador de diretórios do painel de arquivos (*Files*) usando o comando `set-load-path`; Veja [seção 7.2.124 \[set-load-path\]](#), página 151.

A tecla de atalho <:

Se você digitar < em qualquer janela do Geomview, o painel *Load* irá aparecer. Esse painel é uma pequena versão do painel de arquivos (*Files*); o painel *Load* contém um campo de texto no qual você o nome de um arquivo a ser chamado (ou um comando GCL entre parêntesis). Após digitar o nome do arquivo a ser chamado, aperte a tecla ENTER; Geomview irá chamar o arquivo como se você o tivesse chamado com o botão *Add* no painel de arquivos (*Files*). Se, após fazer surgir o pequeno painel *Load* com <, você decidir que quer usar o grande painel de arquivos (*Files*) após tudo, pressione o botão *File Browser*.

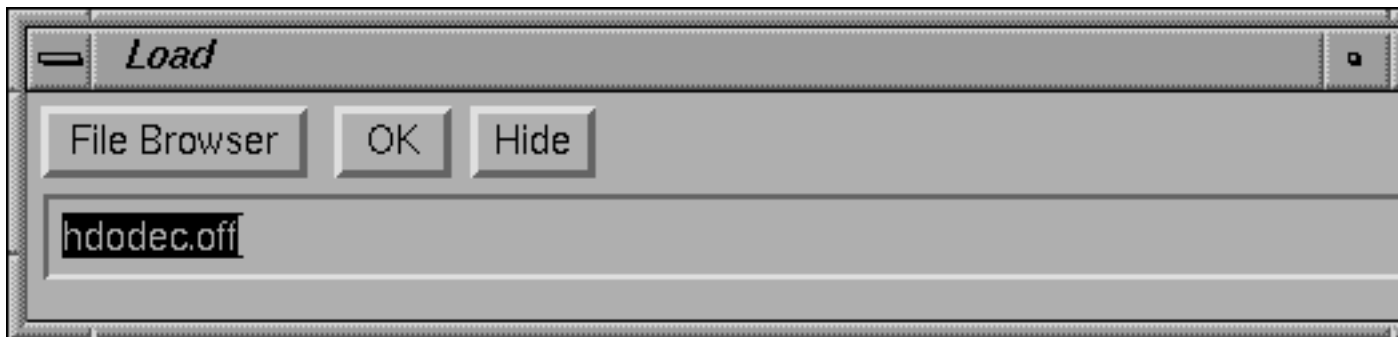


Figura 3.3: O Painel de Chamar Arquivos.

Comandos para chamar objetos geométricos:

Os comandos GCL `load`, `geometry`, `new-geometry`, e `read` permitem a você chamar um objeto dentro do Geomview; veja [Capítulo 7 \[GCL\]](#), página 127. Veja [seção 7.2.71 \[load\]](#), página 141. Veja [seção 7.2.93 \[new-geometry\]](#), página 145. Veja [seção 7.2.111 \[read\]](#), página 149.

### 3.5 Usando o Mouse para Controlar Objetos

Geomview permite a você controlar objetos com o mouse. Existem seis diferentes modos de movimento do mouse: rotação (*Rotate*), translação (*Translate*), vôo da câmera (*Cam Fly*), zoom da câmera (*Cam Zoom*), homotetia de um objeto geométrico (*Geom Scale*), e órbita de câmera (*Cam Orbit*). O painel de ferramentas tem um botão para cada um desses modos; para trocar os modos, clique sobre o botão correspondente. você pode também selecionar um novo modo através do navegador de modos de movimento (*Motion Mode*) no painel principal (*Main*).

Essa seção descreve a interação básica com o mouse. Para detalhes, veja [seção 3.9 \[Comandos\]](#), página 60.





Figura 3.4: O Painel de Ferramentas.

Cada um dos modos de movimento usa um paradigma comum para como o movimento é aplicado. Em particular, cada modo de movimento depende do objeto alvo (*target*) atual e do atual objeto do centro (*center*). O objeto alvo atual e o atual objeto do centro são explicados nos parágrafos seguintes.

O objeto alvo atual é mostrado no campo *Target* no painel de ferramentas (*Tools*). Isso é o mesmo que o objeto selecionado no navegador de alvos (*Targets*) no painel principal (*Main*), e você pode mudar o alvo ou selecionando um novo objeto no navegador, digitando uma nova entrada no campo, ou selecionando um objeto na janela de câmera duplo-clicando no botão direito do mouse com o cursor sobre o objeto.

O atual objeto do centro é mostrado no campo *Center* no painel de ferramentas (*Tools*). Seu valor padrão é a palavra especial "target", que significa que o objeto do centro é o objeto que estiver designado como objeto alvo. Você pode mudar o objeto atual do centro para qualquer objeto digitando seu nome no campo *Center*. A origem do objeto do centro é mantida fixa no modo rotação *Rotate* e no modo *Orbit*. Normalmente o objeto do centro é um dos objetos geométricos (geoms) existentes listados no navegador de alvos (*Targets*), o centro atual das rotações é a origem daquele sistema de coordenadas daquele objeto. É possível, todavia, selecionar um ponto arbitrário de interesse sobre um objeto como o centro. Para detalhes, veja [seção 3.5.1 \[Ponto de Interesse\]](#), página 44.

Isso também é possível mudando o botão *BBox Center* para escolher o centro de movimento como sendo o centro do objeto atual da caixa associada. Uma vez modificado o centro da caixa geométrica ativa associada irá tornar-se o centro do movimento, se você selecionar outro objeto, então o centro do movimento irá tornar-se o centro da caixa associada à aquele objeto. Nenhuma modificação ocorrerá quando uma câmera ou o objeto mundo (*World*) for selecionado; você tem que digitar a palavra **target** no campo *Center* para retornar ao valor padrão.

Você aplica um movimento de mouse pressionando ou o botão esquerdo ou o botão do meio do mouse com o cursor em uma janela de câmera e movendo o mouse. A maioria dos modos de movimento possui inércia (*inertia*), que significa que se você soltar o botão enquanto move o mouse, o movimento irá continuar. Para imaginar a inércia pode ser útil imaginar o cursor do mouse como sendo uma alça; quando você pressiona um botão do mouse para baixo, o mouse agarra firmemente no objeto alvo e você pode mover esse objeto. Quando você libera o botão do mouse, a alça libera o objeto. Liberando o botão do mouse enquanto move o mesmo funciona como abandonar o objeto — o objeto continua movendo-se independentemente do mouse. Inércia pode ser desligada; veja o menu de movimento (*Motion*) no painel principal (*Main*), descrito abaixo.

Geralmente, o botão esquerdo do mouse controla movimento no plano da tela, enquanto o botão médio do mouse controla movimento ao longo ou em torno da direção de avanço.

Pressionando o tecla "shift" enquanto arrasta com o botão esquerdo ou médio do mouse na maioria dos modos de movimento fornece movimentos de baixa velocidade, útil para ajustes finos.

Você pode selecionar qualquer ponto sobre um objeto (não apenas sua origem) como centro do movimento pressionando a tecla "shift" enquanto clica no botão direito do mouse; isso escolhe o ponto de interesse.

*Rotate* No modo rotação (*Rotate*), pressione o botão esquerdo do mouse para rotacionar o objeto alvo em torno do objeto do centro. A rotação ocorre na direção que

you move the mouse. Specifically, the rotation axis passes through the origin of the object, is parallel to the camera's view plane, and is perpendicular to the direction of mouse movement. When the center is the target ("target"), this means that the target object rotates around its own origin.

The middle mouse button in the rotation mode (*Rotate*) rotates the target object around an axis perpendicular to the view plane.

*Translate* In the translation mode (*Translate*), keep the left mouse button pressed to move the target object in the direction of mouse movement. The middle mouse button translates the target object along an axis perpendicular to the view plane.

In Euclidean space, the object's center is essentially irrelevant for translations. In hyperbolic and spherical spaces, where translations have a unique axis, this axis is chosen to pass through the origin of the object.

*Cam Fly* The Camera Fly (*Cam Fly*) is a very simple flight simulator that lets you fly around the scene. *Cam Fly* works by moving the camera. While the left mouse button is pressed, move the mouse to position the camera in a different direction. To move forward or backward, keep the middle mouse button pressed and move the mouse vertically. The two movements described here have inertia; typically the easiest way to fly around a scene is to move the camera forward by pressing the middle mouse button while moving the mouse up, and then use the left mouse button to pilot.

*Cam Fly* affects the camera window where the mouse is currently positioned; *Cam Fly* ignores the target object and the object's center.

*Cam Orbit*

The camera orbit mode (*Cam Orbit*) lets you rotate the current camera around the current center. The left mouse button does this rotation. The middle mouse button in the *Cam Orbit* mode acts the same way as in the *Cam Fly* mode: The middle mouse button moves the camera forward and backward.

In general *Cam Orbit* does not move the target object, even if the current camera is selected as the target and the center is also the target; *Cam Orbit* will only pivot that camera around itself as in the *Cam Fly* mode.

*Cam Zoom*

The camera zoom mode (*Cam Zoom*) lets you modify the current view field with the mouse; keep the left mouse button pressed and move the mouse to modify the view field. The numerical value of the view field is shown in the *FOV* (field of view) panel of the camera (*Camera*).

*Geom Scale*

The *Geom Scale* mode lets you enlarge or shrink a geometric object (geom). *Geom Scale* acts on the target object if that object is a geom. If the target is a camera, *Geom Scale* acts on the geom that was the last target. Moving the mouse while the left mouse button is pressed enlarges or shrinks the object or enlarges or shrinks it, depending on the direction of movement.

dependendo da direção do movimento do mouse. o centro da transformação homotética aplicada é o objeto do centro.

Homotetia possui significado somente no espaço Euclideano; tentativas do palicar homotetia são ignoradas em outros espaços.

O modo *Geom Scale* não possui inércia.

Os botões *Stop*, *Look At*, *Center*, e *Reset* no painel de ferramentas (*Tools*) executam ações relacionadas a movimentos mas não modificam o modo atual de movimento (nota do tradutor: de rotação para translação por exemplo).

*Stop* O botão *Stop* faz com que cessem todos os movimentos. O botão *Stop* afeta todos os objetos em movimento, não apenas o objeto alvo. Sua tecla de atalho é *H*.

O comando de teclado *h*, que não corresponde a um botão do painel, cessa o movimento atual para o objeto alvo somente.

*Look At* O botão *Look At* faz com que a câmera atual seja movida para uma posição tal que a referida câmera esteja olhando para o objeto alvo, e de forma que o objeto alvo mais ou menos ajuste-se à janela.

O comando *Look At* não funciona perfeitamente em espaços não Euclidianos.

*Center* O botão *Center* desfaz transformação do objeto alvo, movendo o objeto alvo de volta à sua posição inicial padrão, que é onde ele estava quando você originalmente o chamou a partir do Geomview.

*Reset* O botão *Reset* cessa todo movimento e faz com que todos os objetos sejam movidos de volta às suas posições iniciais padrão.

O painel de ferramentas (*Tools*) possui um botão *Main*, para invocar o painel principal no caso de esse painel ter sido dispensado ou sepultado, e um botão *Done* para fechar o painel de ferramentas *Tools*.

O painel principal do menu de movimento (*Motion*) tem controles especiais que afetam como movimentos do mouse são interpretados; as modificações são também acessíveis através de comandos GCL. Veja [seção 7.2.148 \[ui-motion\]](#), página 156.

#### [ui] *Inertia*

Normalmente, ao mover objetos tem-se inércia: se o mouse estiver ainda se movendo quando o botão for liberado, o objeto selecionado continua a mover-se. Quando a inércia (*Inertia*) for desabilitada, objetos cessam seu movimento no momento em que você libera o mouse.

#### [uc] *Constrain Motion*

É necessário algumas vezes ter ao alcance da mão o movimento de um objeto em uma direção alinhada com um eixo coordenado: exatamente na horizontal ou na vertical. Selecionando restringir movimento (*Constrain Motion*) a interpretação de movimentos do mouse é modificada para permitir isso; arrastros de mouse aproximadamente horizontais ou aproximadamente verticais transformam-se em movimentos exatamente horizontais ou exatamente verticais. Note que o movimento é ainda ao longo dos eixos X ou Y da câmera na qual você move o mouse, não necessariamente no sistema de coordenadas do objeto.

*[uo] Own Coordinates*

É necessário algumas vezes ter ao alcance da mão o movimento de objetos objetos com relação ao sistema de coordenadas onde o referido objeto foi definido, em lugar de com relação ao sistema de coordenadas da câmera através da qual esse objeto está sendo visto. Enquanto *Own Coordinates* estiver selecionado, todos os movimentos são interpretados da forma citada nesse item: arrastando o mouse para a direita no modo translação corresponde a mover o objeto em sua própria direção +X, e assim por diante. Pode ser especialmente útil conjuntamente com o botão Restringir Movimento (*Constrain Motion*).

### 3.5.1 Selecionando um Ponto de Interesse

É algumas vezes útil especificar um ponto em particular sobre algum objeto em uma janela do Geomview como o ponto de centro para movimentos do mouse. Você pode fazer isso segurando a tecla shift e clicando o botão direito do mouse (i.e. clique no botão direito uma vez enquanto mantém pressionada a tecla shift do teclado) com o cursor sobre o ponto desejado. Esse ponto torna-se então o *ponto de interesse*. O ponto de interesse deve estar sobre um objeto existente.

Selecionado um ponto de interesse simplifica o exame de uma pequena porção de um grande objeto. Mantendo a tecla shift pressionada e clicando sobre o ponto de interesse com o botão direito do mouse, e selecionando o modo órbita (*Orbit*). Use o botão do meio do mouse para aproximar, e o esquerdo para orbitar o ponto, examinando a região de diferentes direções.

Quando você tiver selecionado um ponto de interesse, o atual objeto do centro é modificado para um objeto chamado "CENTER", que é um objeto invisível localizado no ponto de interesse. Adicionalmente, movimentos de mouse para a janela na qual você fez a seleção são ajustados de forma que o ponto de interesse acompanhe o mouse.

Você pode mudar o ponto de interesse a qualquer momento selecionando um novo ponto de interesse shift-clicando o botão direito do mouse novamente. Você pode cancelar o ponto de interesse completamente shift-clicando o botão direito do mouse com o cursor no plano de fundo (i.e. não sobre qualquer objeto). Isso modifica o objeto do centro de volta a seu valor padrão, "target".

O objeto que possui o nome de "CENTER", que serve como um objeto do centro para o ponto de interesse, é um tipo especial de geom chamado "alien". Esse "Alien" não aparece no navegador de alvos (*Targets*). Por padrão esse objeto "Alien" não tem geometria associada e consequentemente é invisível. Você pode, Todavia, explicitamente fornecer ao Alien alguma geometria usando um comando GCL, fazendo com que o Alien apareça no navegador de alvos. Use o comando `geometry` para fazer isso: (`geometry CENTER geometry`), onde *geometry* é qualquer geometria válida. Por exemplo, (`geometry CENTER { < xyz.vect }`) faz com que o arquivo `'xyz.vect'`, que é um dos arquivos de exemplo padronizados distribuídos com Geomview, seja usado na geometria para CENTER. Veja [seção 7.2.57 \[geometry\]](#), página 137.

O que acontece internamente quando você seleciona um ponto de interesse é que o centro é ajustado para o objeto chamado CENTER, e aquele objeto é posicionado no ponto de interesse. Adicionalmente, para que movimentos de mouse acompanhem o ponto de interesse, o atual comprimento focal da câmera é escolhido para ser a distância da câmera até o ponto de interesse. Você pode realizar isso via GCL com os seguintes comandos:

```
(if (real-id CENTER) nil (new-alien CENTER {}))  
(ui-center CENTER)  
(transform-set CENTER universe universe translate x y z)  
(merge camera cam-id { focus d })
```

onde  $(x, y, z)$  são as coordenadas (universe) do ponto de interesse, e  $d$  é a distância daquele ponto à atual câmera, *cam-id*. O primeiro comando acima cria o "alien" CENTER se esse Alien não existir ainda.

## 3.6 Modificando a Forma de Ver as Coisas

Geomview utiliza uma hierarquia de aparências para controlar o caminho através do qual olha-se coisas. Uma aparência (*appearance*) é uma especificação de informação sobre como alguma coisa pode ser desenhada. Isso pode incluir muitas características como cor, brilho, propriedades do material, etc. Aparências trabalham de uma maneira hierárquica: se uma certa propriedade de aparência, por exemplo cor de face, não for especificada em uma aparência particular de algum objeto, esse objeto é desenhado usando aquela propriedade de uma hierarquia superior. Se ambas as aparências de hierarquias, a atual e a superior, especificam uma propriedade, a hierarquia atual tem precedência a menos que a hierarquia superior não for escolhida para sobrescrevê-la.

Todo geom no Geomview tem uma aparência associada. Existe também uma aparência associada ao geom do tipo "World", que comporta-se como hierarquia superior a cada aparência individual de qualquer geom. Finalmente, existe uma aparência básica global, que é a hierarquia superior da aparência "World".

A aparência básica especifica valores razoáveis para toda informação de aparência, e por padrão nenhuma outra aparência especifica qualquer coisa, o que significa que as aparências erdam seus valores a a partir da aparência básica. Isso significa que por padrão todos os objetos são desenhados usando a aparência básica.

Se você modificar uma certa propriedade de aparência de um geom, aquela propriedade é usada na construção daquele geom. A aparência de hierarquia superior é usada para quaisquer propriedades que você não explicitamente escolheu.

Geomview possui três painéis que levam você a modificar aparências.

### 3.6.1 The Appearance Panel

O painel de Aparência (*Appearance*) leva você a modificar as mais comuns propriedades de aparência do objeto alvo.

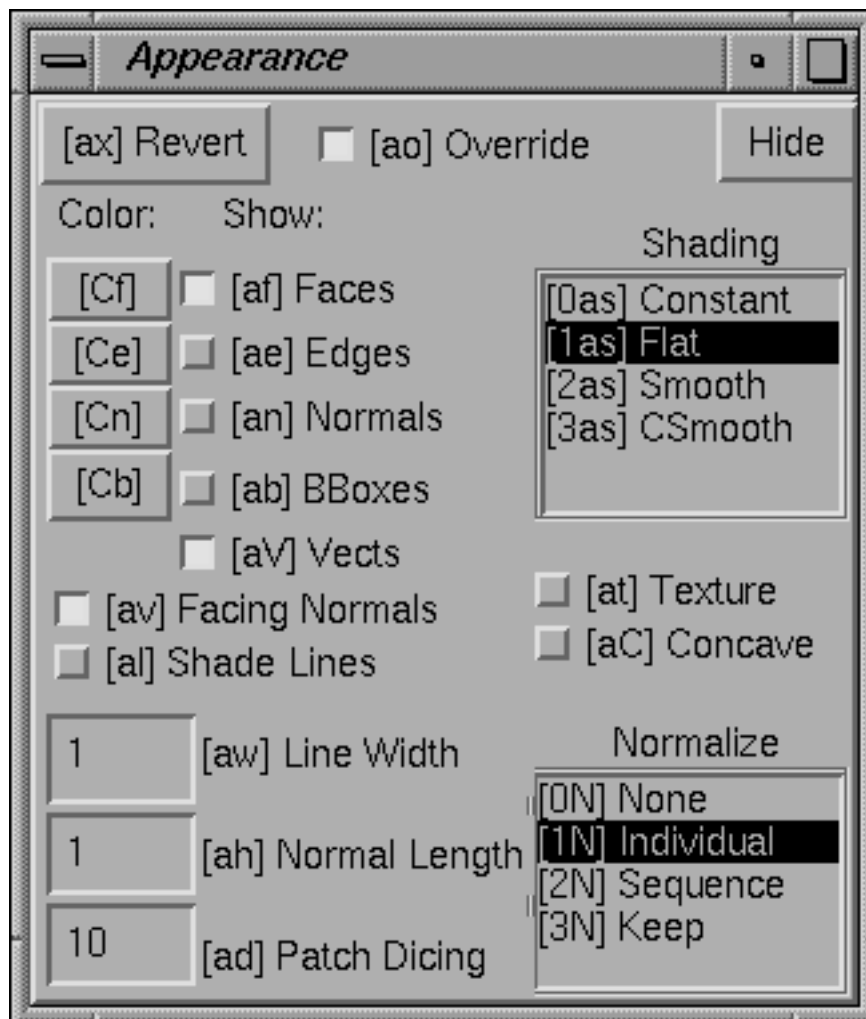


Figura 3.5: O Painel de Aparência.

Se o alvo for um geom individual, então modificações que você fizer no painel de aparências aplicam-se a aparência daquele objeto geométrico. Se o alvo for o "World", então as modificações no painel de aparências aplicam-se à aparência do objeto atual e a aparência de todos os outros objetos individuais. (Usuários acham que esse comportamento é mais desejável que ter as modificações somente aplicadas a aparência do "World".) Se o alvo for uma câmera, então as modificações do painel de aparência aplica-se ao geom que ocupou mais recentemente a posição de alvo.

Os cinco botões próximos ao canto superior esquerdo sob a palavra *Show* (mostrar) controlam que partes do geom alvo são desenhadas.

*Faces*        Esse botão especifica se faces são desenhadas.

*Edges*        Esse botão especifica se arestas são desenhadas.

*Normals*      Esse botão especifica se vetores normais à superfície são desenhados.

- BBox*      Esse botão especifica se a caixa associada é desenhada.
- Vects*      Esse botão especifica se objetos VECT são desenhados. VECTs são um tipo de objeto OOGL que representa pontos e segmentos de reta em espaço tridimensional; os VECTs são distintos de arestas ou de outros tipos de objetos, e é desejável algumas vezes ter controle separado sobre se eles são desenhados.

Os quatro botões sob *Color* rotulados *Faces*, *Arestas (Edges)*, *Normais (Normals)*, e *BBox* permitem a você especificar a cor do aspecto correspondente de um geom alvo. Clicando sobre um deles faz com que apareça um painel de escolha de cores.

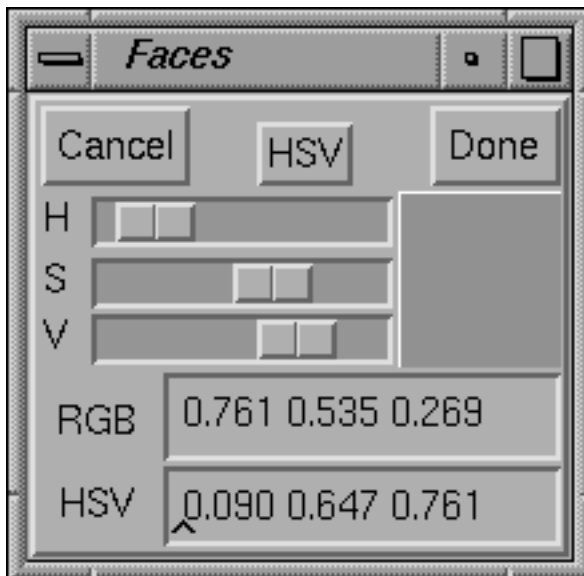


Figura 3.6: Painel de Escolha de Cor.

Esse painel oferece dois conjuntos de botões deslizantes: H(ue) S(Saturation) V(alue), ou R(ed) G(reen) B(lue), cada um no intervalo real fechado de 0 a 1. O quadrado mostra a cor atual, que é fornecida numericamente em ambos os sistemas HSV e RGB nas caixas de texto correspondentes.

No sistema de cores HSV, hue H mostra vermelho em 0, verde em .333, azul em .667, e volta ao vermelho em 1.0. Saturação fornece a fração de branco misturada na cor, de 0 para cinza puro a 1 para a cor pura. Valor fornece o brilho, de 0 para preto a 1 para brilho máximo.

Pressionado o botão *RGB* ou o botão *HSV* ao centro do topo do painel alterna os botões deslizantes para outro sistema de cores. Você pode ajustar cores ou através dos botões deslizantes, ou através de digitação nas caixas de texto RGB ou HSV.

Clique *OK* para aceitar as cores que você tiver escolhido, ou *Cancel* para reter as escolhas anteriores de cor.

O navegador *SHADING* permite a você especificar o modelo de sombreamento que Geomview utilizará para desenhar o geom alvo.



<b>Constant</b>	Toda face do objeto é desenhada com uma cor constante que não depende da localização da face, nem da câmera, nem também das fontes de luz. Se o objeto não contiver cores por face ou por vértice, a cor difusa de aparência do objeto é usada. Se o objeto contiver cores por face, essas cores serão usadas. Se o objeto contiver cores por vértice, cada face é pintada usando a cor de seu primeiro vértice.
<b>Flat</b>	Cada face do objeto é desenhada com uma cor que depende da localização relativa da face, da câmera, e das fontes de luz. A cor é constante ao longo da face mas pode mudar conforme muda a face, a câmera, ou o movimento das luzes.
<b>Smooth</b>	Cada face do objeto é desenhada com cores lisamente interpoladas baseadas nos vetores normais em cada vértice. Se o objeto não contiver normais por vértice, "Smooth" tem o mesmo efeito que o modo de sombreado "Flat". Se o objeto tiver normais por vértice rasoáveis, o efeito é alisamento sobre as arestas e entre as faces.
<b>CSmooth</b>	Cada face do objeto é desenhada com as cores exatamente especificada(s), independente de iluminação, orientação, e propriedades de material. Se o objeto for definido com cores por vértice, as cores serão interpoladas lisamente ao longo da face; de outra forma o efeito é o mesmo que ocorre no estilo de sombreado "Constant".
<b>VCflat</b>	Uma combinação de <b>CSmooth</b> e sombreado <b>Flat</b> . Dessa forma o sombreado é constante em cada face, de acordo com a orientação relativa das fontes de luz, a câmera e a superfície normal da face.

O botão *Facing Normals* no painel de aparência (*Appearance*) indica se Geomview pode arranjar aqueles vetores normais ou se não pode sempre conforme a visualização. Se um vetor normal direciona-se afastando-se do visualizador a cor da face correspondente ou vértice correspondente usualmente é mais forte do que é desejado. Geomview pode evitar isso através do uso da normal oposta em cálculos de sombreado. Esse comportamento é o padrão. Usando *Facing Normals* podemos fornecer estranha suavidade pesada ou estranhos efeitos de tonalidade de luz, embora, próximo ao horizonte de um objeto distantes liso facetado. Pressione esse botão para usar as normais fornecidas com o objeto.

Os três campos no canto inferior esquerdo do painel de aparência (*Appearance*) são:

#### *Line Width*

A espessura, em pixels, para linhas desenhadas pelo Geomview.

#### *Normal Length*

Isso é atualmente um fator de homotetia; quando vetores normais forem desenhados, Geomview desenha-os de forma que tenham um comprimento que é seu comprimento natural vezes esse número.

#### *Patch Dicing*

Geomview desenha retalhos de Bezier primeiro convertendo-se em malhas. Esse parâmetro especifica a resolução da malha: se *Patch Dicing* for  $n$ , então uma malha  $n$  por  $n$  é usada para desenhar cada retalho de Bezier. Se *Patch Dicing* for 1, a resolução reverte-se para um valor padrão interno.

O botão *Revert* no painel de aparência (*Appearance*) desfaz todas as escolhas na aparência do alvo. Isso faz com que o geom alvo herde todas as suas propriedades de aparência de seus pais.

O botão do painel de aparência (*Appearance*) determina se controles de aparência devem sobrescrever escolhas feitas nos objetos em si mesmos – por exemplos, escolhendo a cor de face irá afetar todas as faces de objetos com faces multicoloridas. De outra forma, controles de aparência somente fornecem escolhas que não forem especificadas nos objetos em si mesmos não especificarem. Por padrão, *Override* está habilitado. Esse botão aplica-se a todos os objetos, e a todos os painéis relacionados a aparência.

Normalização é um tipo de homotetia; Geomview pode alterar o tamanho de um objeto proporcionalmente de forma que esse objeto se ajuste dentro de uma certa região. O objetivo principal da normalização é permitir a você facilmente visualizar um objeto sem ter que se preocupar com o tamanho do mesmo. Estamos substituindo gradualmente o recurso de normalização do Geomview por recursos mais robustos de posicionamento de câmera. Em geral, o melhor caminho de garantir que você está vendo tudo de um objeto é usar o botão *Look At* do painel de ferramentas (*Tools*). A normalização pode ser completamente substituída por esse botão do painel de ferramentas e por outros recursos em uma versão futura do Geomview.

Normalização é uma propriedade que aplica-se a cada geom separadamente. o navegador *NORMALIZE GEOMETRY* afeta a propriedade de normalização do geom alvo. Se o geom alvo for "World", a normalização afetará todos os geoms.

*None* Sem normalização.

*Individual* Normaliza o geom atual para ajustar-se dentro de uma esfera unitária.

*Sequence* Assemelha-se a "Individual", exceto quando um objeto está mudando. Então, "Individual" com muita precisão ajusta a caixa associada em torno do objeto quando esse objeto modifica-se e normaliza-se adequadamente, enquanto "Sequence" normaliza a união de todas as variantes do objeto e normaliza adequadamente.

*Keep* Mantem a transformação de normalização inalterada quando o objeto modifica-se. *Keep* pode ser útil para aplicar a normalização "Individual" ou a normalização "Sequence" à primeira versão de um objeto que se modifica para trazer esse mesmo objeto ao campo de visão.

### 3.6.2 O Painel de Materiais

O painel de materiais (*Materials*) controla as propriedades materiais das superfícies. O painel de materiais trabalha com o objeto alvo da mesma forma que o painel de aparência (*Appearance*) faz.

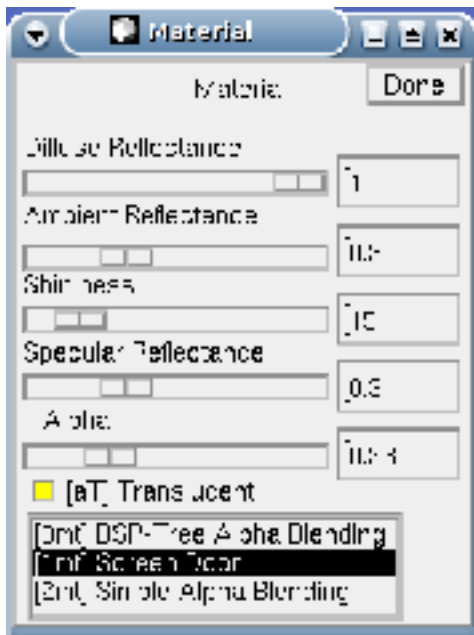


Figura 3.7: O Painel de Materiais.

### *Translucent*

Esse botão determina se a capacidade de ser translúcido está habilitada. Geomview suporta três diferentes formas da capacidade de ser translúcido (translucência):

#### *Alpha-blending com BSP-tree depth-sorting*

Esse é o nível mais acurado de preferência de visualização imediata, mas consome vastos montantes de tempo de computação e memória. No modo simples de translucência objetos são mostrados corretamente em relação a si mesmos; todavia multiplos objetos translúcidos podem aparecer na ordem inadequada na tela. A noção *objeto* significa aqui: geometria de nível mais alto como mostrado no navegador de alvo de geometria.

#### *Screen Door Translucency*

Se a máquina suporta OpenGL então existe suporte para tipo de translucência por mascaramento de saída (completamente) de pixels transparentes por meio de uma mascara de ponteamento. Essa forma é atualmente muito experimental, e o resultado é de certa forma o ideal, mas funciona e é rápido.

#### *Alpha-blending sem depth-sorting*

Esse é a antiga forma de fazer uma translucência rápida e com muitas falhas. Essa é rápida, mas os resultados são completamente incorretos.

Quando a transparência estiver habilitada, um instantâneo RenderMan irá conter a informação alfa, um renderizador obediente pode então gerar figuras de alta qualidade, incluindo a translucência correta.

*Alpha* O botão deslizante determina a opacidade/transparência quando a transparência estiver habilitada. 0 (zero) significa totalmente transparente, 1 significa totalmente opaco.

*Diffuse Reflectance*

Esse botão deslizante controla a reflectância difusa de uma superfície. Isso tem a ver com o quanto a superfície dispersa a luz que reflete.

*Shininess* Esse botão deslizante controla o quanto brilhante a superfície é. Esse botão determina o tamanho de destaques especulares sobre a superfície. Valores pequenos fornecem à superfície uma aparência sombria.

*Ambient Reflectance*

Esse botão deslizante controla o quanto da luz ambiente uma superfície reflete.

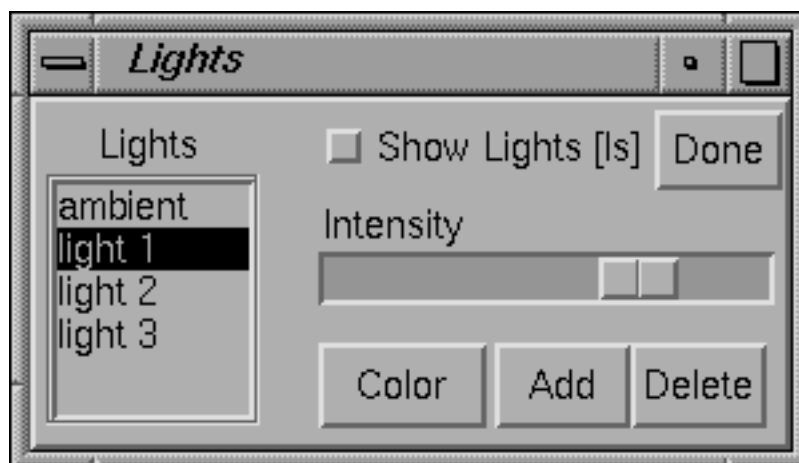
*Specular Reflectance*

Esse botão deslizante controla a reflectância especular de uma superfície. Isso tem a ver com como a superfície reflete diretamente os raios luminosos. Valores maiores fornecem destaques de brilho especular.

*Done* Esse botão dispensa o painel de materiais (*Materials*).

### 3.6.3 O Painel de Luzes

O painel de luzes (*Lights*) controla o número, a posição, e a cor das fontes de luz usadas no sombreamento.



O Painel de Iluminação.

O painel de iluminação (*Lighting*) é diferente do painel de aparência (*Appearance*) e dos painéis de material (*Material*) no sentido de que o painel de iluminação sempre trabalha com a aparência base. Isso ocorre pelo fato de fazer sentido usar o mesmo conjunto de luzes para desenhar todos os objetos na sua cena.

*LIGHTS* O navegador de luzes (*LIGHTS*) mostra a luz atualmente selecionada. Modificações são feitas usando os outros meios de escolha sobre esse painel aplicado a essa luz. Existe sempre pelo menos uma luz, a luz ambiente.

*Intensity* Esse botão deslizante controla a intensidade da luz atual.

*Color* Esse botão faz surgir um modificador de cores que lhe permite selecionar a cor da luz que atualmente ilumina o objeto.

*Add* Esse botão adiciona uma luz.

*Delete* Esse botão exclui a luz atual.

#### *Show Lights*

Esse botão permite a você ver e modificar a posição das fontes de iluminação em uma janela de câmera. Cada luz é movida ao longo de um cilindro que é suposto para lembrar a você um raio de luz. Quando você clica sobre o botão *Show Lights* Geomview entra no modo "light edit", durante o qual você pode rotacionar a iluminação atual mantendo pressionado o botão esquerdo do mouse e movendo o mouse. Iluminação colocada dessa forma estão infinitamente distantes, de forma que o que você está modificando é a posição angular. Clique sobre o botão *Show Lights* novamente para retornar ao modo anterior de movimento e para sair movendo os raios de luz.

*Done* Esse botão dispensa o painel de iluminação (*Lighting*).

Os painéis do Geomview *Appearance*, *Materials*, e *Lighting* são construídos para permitir a você fazer facilmente a maioria das coisas relacionadas a aparência que você pode querer fazer. A hierarquia de aparência que Geomview suporta internamente, todavia, é muito complexa e existem certas operações que você não pode fazer com os painéis. A linguagem de comandos do Geomview (GCL) fornece suporte completo a operações sobre aparência. Em particular, o comando `merge-baseap` pode ser usado para modificar a aparência de base (a qual, exceto para iluminação, não pode ser modificada através de painéis do Geomview). O comando `merge-ap` pode ser usado para modificar a aparência de um geom individualmente. Aparências podem também serem especificadas nos arquivos OOGL; para detalhes veja, [seção 4.1.10 \[Aparencias\]](#), página 69. [seção 7.2.81 \[merge-baseap\]](#), página 143. [seção 7.2.79 \[merge-ap\]](#), página 142.

## 3.7 Cameras

Uma câmera no Geomview é o objeto que corresponde a uma janela de câmera. Por padrão existe somente uma câmera, mas é possível ter tantas quantas você quiser. Você pode controlar certos aspectos do objeto visível atualmente na janela de câmera arrastando em cada janela de câmera via o painel *Cameras*.

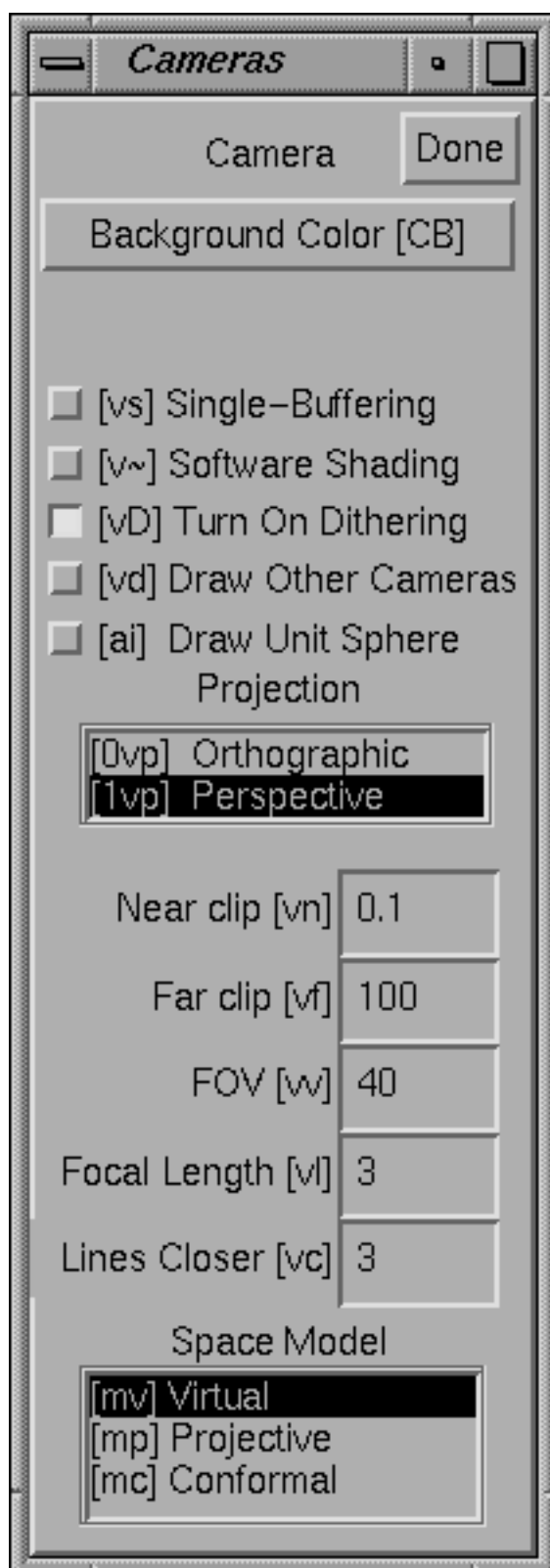


Figura 3.8: O Painel de Câmera.

Se o objeto alvo for uma câmera, o painel de câmeras (*Cameras*) afeta essa câmera. Se o objeto alvo não for uma câmera, o painel de câmeras (*Cameras*) afeta a câmera atual (*current camera*). A câmera atual é a câmera da janela que o cursor do mouse está nela, ou estava mais recentemente se o cursor não estiver em uma janela de câmera. Dessa forma, se você usa teclas de atalho para as ações no painel de câmeras (*Cameras*) enquanto o cursor estiver em uma janela de câmera, as ações aplicam-se a aquela câmera, a menos que você tenha explicitamente selecionado outra câmera.

Para criar novas janelas de câmera, use a tecla de atalho *v+*, ou veja o menu arquivo (*File*) no painel principal (*Main*).

#### *Single-Buffering*

Normalmente, janelas do Geomview são armazenadas em áreas de memória duplas (*double-buffered*): Geomview desenha a figura seguinte em uma janela escondida, então alterna as áreas de memória para fazer essa janela completamente visível em algum momento. Sobre muitos sistemas operacionais, a memória para a área de memória escondida vem da apropriação indevida de metade dos bits de cada pixel de tela, reduzindo a resolução de cor. Quando a opção área de memória simples (*single-buffering*) for habilitada, as películas de tela de cada cena está sendo desenhada, mas você pode pegar imagens planas com redução de granularidade estremecendo artefatos. Área de memória simples é possível se Geomview for compilado com GL ou com OpenGL, mas não com gráficos desenhados com recursos únicos e exclusivos do X.

#### *Dither*

Muitos monitores oferecem menos que 24 bits por pixel (8 bits para cada vermelho, verde, e azul) convencionalmente suficiente para mostrar gradações de cor simplesmente. Quando tenta mostrar uma cor não acuradamente disponível no monitor, Geomview normalmente estremece (*dithers*), modificando as cores do pixel para algumas vezes mais brilhante, algumas vezes mais escuro que o valor desejado, de forma que a cor disponível sobre uma área é uma melhor aproximação para a cor verdadeira que um pixel simples pode ter. Efetivamente perdas de resolução espacial são para ganhar resolução de cor. Esse compartamento não é sempre desejável, todavia. Desabilitando *Dither* fornece menor granularidade, mas a precisão de cores é menor, das imagens.

#### *Software Shading*

Esse botão controla se Geomview faz cálculos de sombreado via software. O padrão é permitir que o hardware manuseie esses cálculos, e no espaço Euclidiano esse caminho é o melhor sempre porque é o caminho mais rápido. No espaço hiperbólico e também no espaço esférico, todavia, os cálculos de sombreado que o hardware faz são incorretos. Clique sobre esse botão para habilitar a forma correta mas lenta do cálculo de sombreado via software.

#### *Background Color*

Esse botão faz surgir um modificador de cores que você pode usar para escolher a cor de fundo da janela da câmera.

#### *PROJECTION*

Esse navegador permite a você selecionar entre projeção perspectiva ou projeção ortográfica para essa câmera.

- Near clip* Essa caixa de texto determina a distância nas coordenadas do objeto mundo do próximo plano de corte a partir do ponto de visão. Deve ser um número positivo.
- Far clip* Essa caixa de texto determina a distância nas coordenadas do objeto mundo do plano de corte mais distante a partir do ponto de visão. Deve ser um número positivo e em geral deve ser maior que o valor de *Near clip*.
- FOV* Essa caixa de texto é o campo de visão da câmera, medido em sua menor direção. No modo perspectiva, essa caixa corresponde a um ângulo em graus. No modo ortográfico, essa caixa de texto corresponde ao tamanho linear do campo de visão. Esse número pode ser modificado com o mouse no modo *Cam Zoom*.

#### *Focal Length*

A distância focal pretende sugerir a distância da câmera a um plano imaginário de interesse. Seu valor é usado quando alternamos entre as visualizações ortográfica e perspectiva (e durante visualização stereo), de forma a preservar o tamanho aparente de objetos sendo desonesto quanto à distância focal da câmera. Distância focal também afeta a interpolação de movimentos de translação efetuados usando o mouse. A velocidade do movimento para adiante (nos modos translação, vôo e no modo orbital) é proporcional à distância focal; e objetos desonestos quanto à distância focal da câmera translacionam lateralmente na mesma razão que o cursor do mouse. Finalmente, no modo de projeção N-Dimensional, câmeras são substituídas de volta através da distância focal a partir da projeção tridimensional da origem do objeto mundo.

#### *Lines Closer*

Esse número tem a ver com o caminho pelo qual as linhas são desenhadas. Normalmente a área de armazenamento temporário do algoritmo que controla as coordenadas do eixo z podem confundir-se na hora de desenhar linhas que localizam-se exatamente sobre superfícies (tais como as arestas de um objeto); devido a erros de arredondamento de máquina, algumas vezes as linhas parecem estar em frente à superfície e algumas vezes elas parecem estar por detrás da superfície. O valor *Lines Closer* é um fator de correção — Geomview modifica sutilmente todas as linhas que o algoritmo da área de armazenamento temporária desenha fechando para a câmera através desse fator. O número deve ser um inteiro pequeno; tente 5 ou 10. O valor zero (0) desabilita esse recurso completamente. Escolhendo valores grandes tornará as linhas visíveis mesmo quando elas devam ser escondidas.

#### *SPACE MODEL*

Essa opção determina o modelo usado para desenhar o objeto mundo. É mais útil em espaços hiperbólicos e esféricos. Você provavelmente não necessitará tocar esse navegador se você permanecer no espaço Euclidiano. Para mais informação sobre esses modelos, veja [Capítulo 8 \[Geometrias Nao-Euclidianas\]](#), [página 161](#).

*Virtual* Esse é o modelo padrão e representa a visualização natural de dentro do espaço.



*Projective* Corresponde ao modelo projetivo do espaço hiperbólico e do espaço esférico. Geoms movem-se obedecendo as isometrias do espaço, e câmeras movem-se através de movimentos Euclidianos. Por padrão em modelos projetivos, a esfera unitária Euclidiana é desenhada. No espaço hiperbólico essa esfera localiza-se no infinito. No espaço Euclidiano o modelo projetivo é o mesmo que o modelo virtual exceto que a esfera é desenhada por padrão.

*Conformal* Corresponde ao modelo conformal do espaço hiperbólico e do espaço esférico. Geoms movem-se obedecendo as isometrias do espaço, e câmeras move-se através de movimentos Euclidianos. No espaço Euclidiano, o modelo conformal equivale a inverter tudo na esfera unitária.

*Draw Sphere* Essa opção controla se Geomview desenha a esfera unitária ou não. Por padrão a esfera unitária aparece no modelo projetivo e no modelo conformal. No espaço hiperbólico a esfera é colocada no infinito. No espaço esférico corresponde à esfera equatorial.

*Done* Esse botão dispensa o painel de *Cameras*.

### 3.8 Gravando Seu Trabalho

O painel *Save* do Geomview permite a você armazenar objetos do Geomview e outra informação em arquivos que você pode recuperar dentro do Geomview ou a partir de outros programas.

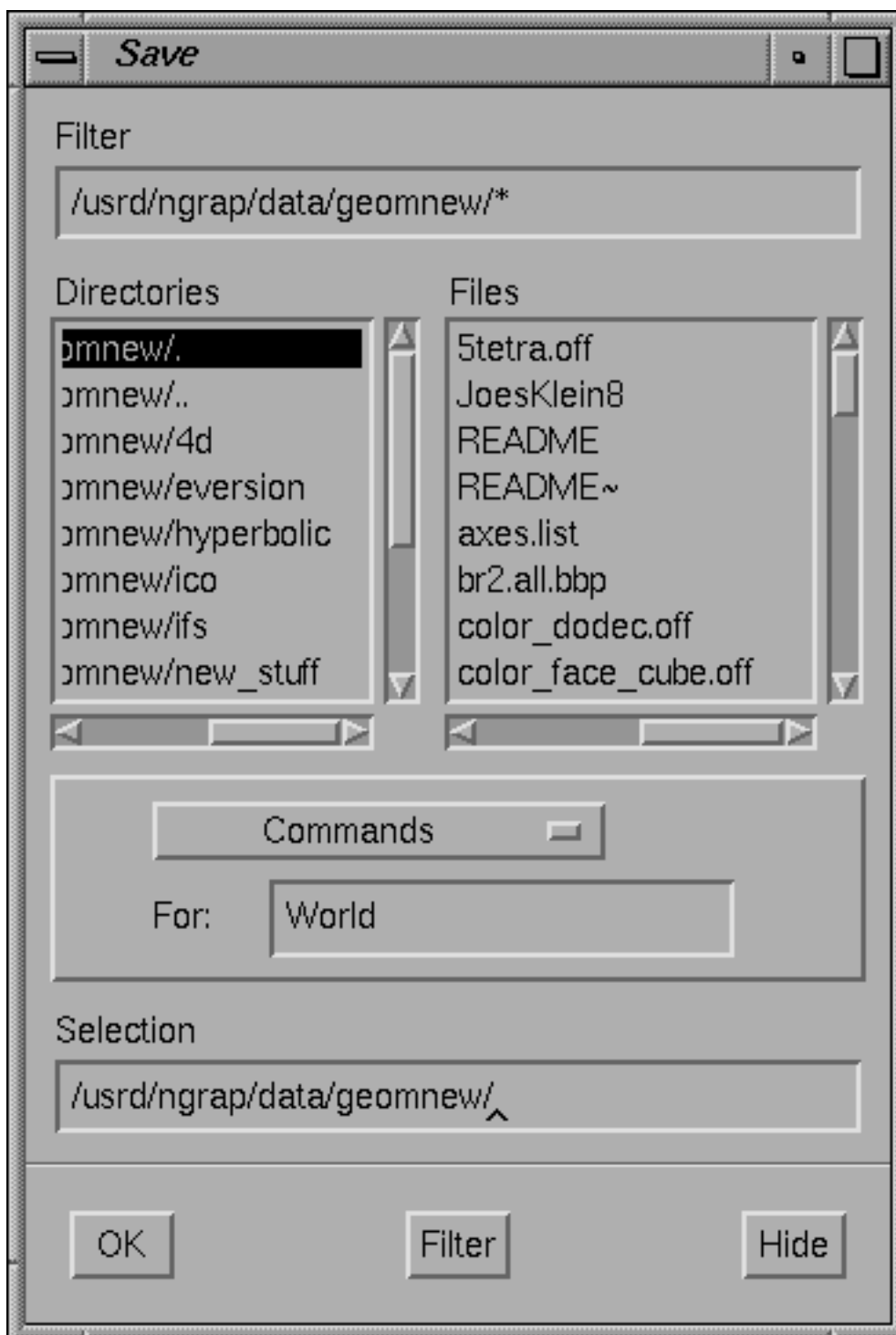


Figura 3.9: O Painel Gravar.

Para usar o painel *Save* você seleciona o formato desejado no navegador perto da palavra *Save*, informe o nome do objeto que você quer gravar no campo de texto perto da palavra *for*, e informe o nome do local no qual você deseja gravar o arquivo no campo longo de texto perto da palavra *in*. Você pode ou pressionar ENTER ou clicar sobre o botão *OK*. Quando o arquivo tiver sido gravado no local desejado, o painel *Save* desaparecerá. Caso você queira dispensar o painel *Save* sem gravar um arquivo, clique no botão *Cancel*.

Caso você especifique '-' como nome de arquivo, Geomview mostra o arquivo na saída padrão, i.e. na janela de shell a partir da qual você invocou o Geomview.

Os possíveis formatos são fornecidos abaixo. O tipo de objeto que pode ser escrito com cada formato é fornecido entre parêntesis.

*Commands (qualquer objeto)*

A opção "Commands" escreve um arquivo de comandos GCL contendo todas as informações sobre o objeto. Chamando o arquivo posteriormente irá restaurar o objeto bem como todas as outras informações sobre o referido objeto, tais como aparência, transformações, etc.

*Geometry alone (geom)*

A opção "Geometry alone" escreve um arquivo OOGL contendo apenas a geometria do objeto.

*Geometry [in world] (geom)*

A opção "Geometry [in world]" escreve um arquivo OOGL contendo a geometria do objeto, transformado sob a transformação atual do Geomview para esse objeto. Use a opção "Geometry [in world]" caso você tenha movido o objeto de sua posição inicial e queira a nova posição em relação ao objeto mundo.

*Geometry [in universe] (geom)*

A opção "Geometry [in universe]" grava um arquivo OOGL contendo apenas a geometria do geom, transformado sob transformações sofridas pelo objeto e também sob transformações sofridas pelo objeto mundo.

*RMan [->tiff] (camera)*

A opção "RMan [->tiff]" escreve um arquivo que quando for renderizado cria uma imagem tiff. Transparência e textura (a mais recente somente até certo ponto) estará disponível.

*RMan [->frame] (camera)*

A opção "RMan [->frame]" escreve um arquivo RenderMan que quando for renderizado faz com que uma imagem apareça em uma janela na tela. Transparência e textura (a mais recente somente até certo ponto) estará disponível.

*SGI snapshot (camera)*

A opção "SGI snapshot" escreve um arquivo de varredura SGI. Uma campainha toca quando o instantâneo for completado. Somente disponível em sistemas SGI.

*PPM GLX-offscreen snapshot (camera)*

Renderiza uma cena completa novamente dentro da memória off-screen; GLX fornece os meios para usar um Pixmap como área de renderização. A vantagem de renderizar dentro da memória off-screen em relação a pegar um instantâneo

de tela é que a janela de câmera não precisa ser mapeada e também não precisa aparecer na hora do instantâneo é realizado. De forma que com o instantâneo off-screen se pode seguramente colocar a janela de câmera no formato de ícone (mas não fechá-la!), ativar a proteção de tela e ir dormir enquanto algum script avança as cenas e grava os instantâneos.

#### *PPM Screen snapshot (camera)*

Grava os instantâneos a partir da janela fornecida e grava no formato de imagem PPM. Se você especificar uma sequência de caracteres começando com um barra vertical (|) como nome de arquivo, isso é interpretado com um comando de redirecionamento do shell para o qual os dados do PPM deverão ser canalizados, como em '| pnmtoiff > snap.tiff' ou em '| convert -geometry 50% ppm:- snap.gif'.

Instantâneos de tela PPM estão somente disponíveis com GL e open GL, não com gráficos X somente. A janela pode ocupar inteiramente tela. Geomview irá garantir que não haja outras janelas reproduzindo-a enquanto o instantâneo é gravado. É provavelmente melhor usar instantâneos GLX-off-screen, como acima exposto.

#### *PPM software snapshot (camera)*

Escreve um instantâneo da janela atualmente visualizada, como uma imagem PPM, para o arquivo fornecido. O nome do arquivo pode ser um comando do shell Bourne precedido por uma barra vertical (|), da mesma forma que com o instantâneo de tela PPM (PPM screen snapshot). O instantâneo de software, apesar disso, é produzido através do uso de software renderizador interno (relacionado ao renderizador do sistema X-window). Não é importante se a janela está visível ou não, e é independente do GL ou do OpenGL. Também essa opção não suporta alguns recursos, tais como mapeamento de textura.

#### *Postscript snapshot (camera)*

Escreve um instantâneo Postscript da visão da câmera. O instantâneo é feito através da decomposição da cena em linhas e polígonos, ordenando por intensidade, e gerando linhas no formato Postscript e polígonos para cada uma. Vantagens desse processo sobre o processo baseado em pixes do instantâneo de imagens: a resolução é muito alta, de forma que arestas parecem na posição correta mesmo em impressoras de alta resolução, ou imagens de resolução comparável são tipicamente muito mais compactas. Desvantagens: ordenação por intensidade fornece bons resultados em algumas cenas, mas pode ser grandemente ruim como no algoritmo de remoção de cenas ocultas em outras cenas. Também, Postscript não oferece sombreamento interpolado linear, somente sombreamento linear simples para cada faceta.

#### *Camera (camera)*

Escreve um arquivo OOGL de uma câmera.

#### *Transform [to world] (qualquerobjeto)*

Escreve um arquivo de transformação OOGL fornecendo transformação do Geomview para o objeto.

*Transform [to universe] (qualquerobjeto)*

Escreve um arquivo de transformação OOGL fornecendo uma transformação que é a composição de transformação do Geomview para o objeto e a transformação sofrida pelo objeto mundo.

*Window (camera)*

Escreve um arquivo de janela OOGL para uma câmera.

*Panels*

Escreve um arquivo GCL contendo comandos que gravam o estado de todos os painéis do Geomview. Chamando esse arquivo posteriormente irá restaurar as posições de todos os painéis.

### 3.9 O Painel de Comandos

O painel de comandos (*Commands*) permite a você digitar comandos GCL. Quando você pressionar ENTER, Geomview interpreta o comando e imprime qualquer saída resultante ou uma mensagem de erro para a saída padrão. Você pode editar o texto e pressionar ENTER tantas vezes quantas você quiser, em geral, mesmo que você pressione (ENTER) com o cursor no painel de comandos (*Commands*), Geomview tenta interpretar se aquele texto que você tiver digitado no campo de texto como um comando.

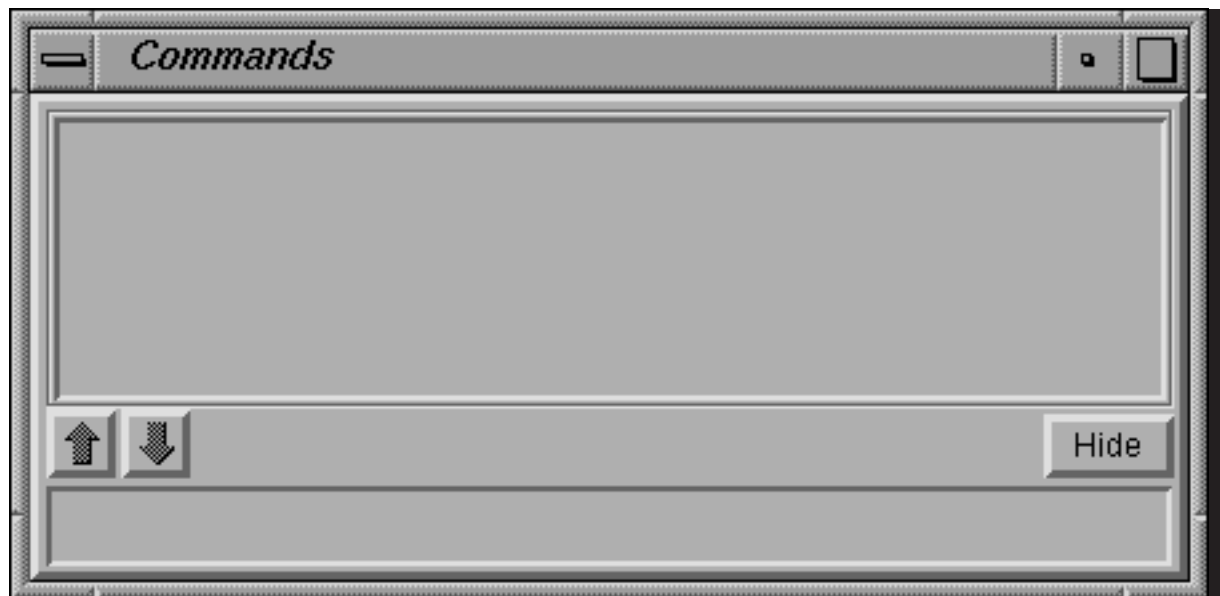


Figura 3.10: O Painel de Comandos.

### 3.10 Atalhos de Teclado

A maioria das ações que você pode fazer através dos painéis do Geomview possui as equivalentes teclas de atalho de forma que você pode fazer a mesma ação digitando uma sequência de teclas usando o teclado. Isso é útil para usuários avançados que forem familiarizados com as capacidades do Geomview e que queiram trabalhar rapidamente sem ter montes de

painéis confundindo a tela. Teclas de atalho comumente são indicadas entre colchêtes ([ ]) próximo ao item correspondente em um painel. Por exemplo, a tecla de atalho para o modo de rotação (*Rotate*) é 'r'; isso é indicado por "[r]" aparecendo antes da palavra "Rotate" no navegador *MOTION MODE*. Para utilizar essa tecla de atalho apenas pressione a tecla **r** enquanto o cursor do mouse estiver sobre qualquer janela do Geomview. Você não precisa pressionar a tecla ENTER ou teclas de SPACE.

Alguns atalhos consistem de mais que uma tecla. Nesses casos apenas digite as teclas indicadas uma após a outra e na ordem indicada, sem ENTER após cada tecla. Atalhos de teclado são sensíveis à caixa alta/baixa. Você pode cancelar atalhos compostos por várias teclas que você tiver iniciado a digitação digitando qualquer tecla inválida como de atalho, por exemplo a barra de espaço.

Comandos de teclado aplicam-se enquanto o cursor estiver em qualquer janela de câmera e na maioria dos painéis de controle.

Muitas teclas de atalho permitem argumentos numéricos que você digitar como um prefixo a tecla(s) de comando. Por exemplo, a tecla de atalho para *Near clip* no painel de câmera é **v n**. Para escolher o próximo plano de corte para '0.5', digite **0.5vn**. Comandos que não recebem um prefixo numérico modificam ou mudam para zero o valor atual.

A maioria dos comando permitem um dos seguintes prefixos de seleção. Se nenhum objeto for fornecido o comando aplica-se ao objeto alvo.

<b>g</b>	objeto geométrico mundo ("world")
<b>g#</b>	#'ésimo objeto geométrico ("geom")
<b>g*</b>	Todos os objetos geométricos ("geoms")
<b>c</b>	câmera atual
<b>c#</b>	#'ésima câmera
<b>c*</b>	Todas as câmeras

Por exemplo, **g4af** significa modifique a face desenhada do objeto **g4**.

Simplesmente digitando um prefixo de seleção, como **g4**, não seleciona um objeto ainda; isso somente acontece quando um comando, como **ae**, segue o prefixo. Para selecionar um objeto como alvo sem fazer nada mais para isso, use o comando **p**. Então **g3p** seleciona o objeto **g3**.

O campo de texto no canto superior esquerdo faz o painel principal (*Main*) mostrar o estado da tecla de atalho atual.

Para adição de teclas de atalho ao painel de comandos, existe também um atalho para selecionar um objeto alvo: digite o nome curto do objeto seguido por **p**. Por exemplo, para selecionar o objeto **g3**, digite **g 3 p**. Essa forma funciona somente com nomes curtos — aqueles que aparecem entre colchêtes ([ ]) no navegador de alvos (*Targets*) do painel principal *Main*.

Abaixo encontra-se um sumário de todas as teclas de atalho.

#### Desenho

<b>af</b>	Faces
<b>ae</b>	Arestas

	<i>an</i>	Normais
	<i>ab</i>	Caixas Associadas
	<i>aV</i>	Vetores
Sombreamento		
	<i>0as</i>	Constante
	<i>1as</i>	Monótono
	<i>2as</i>	Linear
	<i>3as</i>	Linear, não iluminado
	<i>aT</i>	permite transparência
	<i>at</i>	mapeamento de textura
Outro		
	<i>av</i>	vira as normais pelo avesso: sempre visualizador de face
	<i>#aw</i>	Espessura da linha (em pixels)
	<i>aC</i>	manuseia polígonos côncavos
	<i>#vc</i>	fechador de arestas que não pertencem a faces (tente 5-100)
Cor		
	<i>Cf</i>	faces
	<i>Ce</i>	arestas
	<i>Cn</i>	normais
	<i>Cb</i>	caixas associadas
	<i>CB</i>	fundo
Movimentos		
	<i>r</i>	rotação
	<i>t</i>	translação
	<i>z</i>	modificações proporcionais de tamanho (FOV - campo de visão)
	<i>f</i>	vôo
	<i>o</i>	órbita
	<i>s</i>	homotetia
	<i>w</i>	recentralizar o alvo
	<i>W</i>	recentralizar tudo
	<i>h</i>	pare
	<i>H</i>	pare tudo
	<i>@</i>	selecione o centro do movimento (e.g. <i>g 3 @</i> )

	<i>L</i>	Olhe para objeto
Visualizando		
	<i>0vp</i>	visão Ortográfica
	<i>1vp</i>	visão em perspectiva
	<i>vd</i>	Habilite outras câmeras de visão
	<i>#vv</i>	campo de visão
	<i>#vn</i>	próxima distância de corte
	<i>#vf</i>	distância de corte afastada
	<i>v+</i>	adicione nova câmera
	<i>vx</i>	cursor ligado/desligado
	<i>vb</i>	face de trás de um polígono separada habilitada/desabilitada
	<i>#vl</i>	distância focal
	<i>v~</i>	Tonalidade feita via software ligada/desligada
Painéis		
	<i>Pm</i>	Principal
	<i>Pa</i>	Aparência
	<i>Pl</i>	Iluminação
	<i>Po</i>	Obscuro
	<i>Pt</i>	Ferramentas
	<i>Pc</i>	Câmeras
	<i>PC</i>	Comandos
	<i>Pf</i>	arquivos
	<i>Ps</i>	Salvar
	<i>P-</i>	ler comandos pelo tty
	<i>PA</i>	Créditos ("about")
Luzes		
	<i>ls</i>	mostrar luzes
	<i>le</i>	editar luzes
Espaço		
	<i>me</i>	Euclidiano
	<i>mh</i>	Hiperbólico
	<i>ms</i>	Esférico
Modelo		



	<i>mv</i>	Virtual
	<i>mp</i>	Projetivo
	<i>mc</i>	Conformal
Outro		
	<i>0N</i>	normalização: nenhuma
	<i>1N</i>	normalização: individual
	<i>2N all</i>	normalização: todos
	<i>ui</i>	movimento: Inercial
	<i>uc</i>	movimento: Contração para o eixo
	<i>uo</i>	movimento: coordenadas próprias do objeto
	<	
	<i>Pf</i>	carregar arquivo geométrico ou de comandos
	<i>dd</i>	apagar objeto alvo
	>	
	<i>Ps</i>	grave o estado atual em um arquivo
	<i>TV</i>	mudar para o modo NTSC
	<i>p</i>	selecionar como objeto alvo (e.g. <i>g 3 p</i> ) Sem preixo, seleciona o objeto sob o cursor do mouse (da mesma forma que duplo-clicando o botão direito do mouse)

## 4 Formatos dos Arquivos da OOGL

Os objetos que você pode carregar dentro do Geomview são chamados objetos OOGL. OOGL significa “Object Oriented Graphics Library” (biblioteca gráfica orientada a objetos); é a biblioteca sobre a qual Geomview é construído.

Existem muitos tipos diferentes de objetos OOGL. Esse capítulo fornece descrições sintáticas de formatos de arquivo para objetos OOGL.

Exemplos da maioria dos tipos de arquivo podem ser encontrados no diretório ‘data/geom’ do Geomview.

### 4.1 Convenções

#### 4.1.1 Sintaxe Comum a Todos os Formatos de Arquivo da OOGL

A maioria dos formatos de arquivo de objeto OOGL são do formato livre ASCII — qualquer quantidade de espaços em branco (caracteres não imprimíveis, tabulações, caractere de nova linha) pode aparecer entre os sinalizadores (números, palavras chave, etc.). Paradas de linha são na maioria das vezes sempre insignificantes, com algumas excessões devidamente ressaltadas. Comentários começam com # e continuam até o fim da linha; esses comentários são permitidos em qualquer lugar onde um caractere de nova linha for permitido também.

Formatos binários são também definidos para muitos objetos; Veja [seção 4.1.8 \[Formato binario\]](#), [página 67](#), e as descrições individuais do objeto.

Objetos típicos OOGL começam com uma palavra chave designando o tipo de objeto, possivelmente com modificadores indicando a presença de informações de cor, etc. Em alguns formatos a palavra chave é opcional, por questões de compatibilidade com formatos de arquivo definidos em outros lugares. O tipos de objeto é então determinado por suposição sobre o sufixo do arquivo (se houver) ou pelos dados em si mesmos.

Palavras chave são sensíveis à caixa alta/baixa. Algumas palavras chave possuem letras de prefixo adicionais indicando a presença de cor ou outros dados; nesse caso a ordem dos prefixos é importante, e.g. CNMESH é significativo mas NCMESH é inválido.

#### 4.1.2 Nomes de Arquivo

Quando objetos OOGL são lidos de arquivos localizados em disco, a biblioteca OOGL usa o sufixo do arquivo para supor o tipo de arquivo.

Se o sufixo for desconhecido, ou estiver ausente (e.g. para um objeto sendo lido a partir da saída de um outro comando diretamente, ou lido diretamente de dentro de um outro objeto OOGL), todos os tipos conhecidos de objeto são tentados por sua vez até que se aceite os dados como válidos.

#### 4.1.3 Vértices

Muitos objetos compartilham um estilo comum de representar vértices com opções de superfície normal de vértice e cor. Todos os vértices dentro de um objeto possuem o mesmo formato, especificado pela palavra chave no cabeçalho.

Todos os dados para um vértice estão agrupados juntos (em oposição a e.g. fornecimento de coordenadas para todos os vértices, em seguida cores para todos os vértices, e assim por diante).

A sintaxe é

‘*x y z*’ (coordenadas do vértice tridimensionais em ponto flutuante) ou

‘*x y z w*’ (coordenadas do vértice tetradimensionais em ponto flutuante)

opcionalmente seguida por

‘*nx ny nz*’

(superfície normalizada tridimensional se presente)

opcionalmente seguida por

‘*r g b a*’ (componente quádrupla em ponto flutuante se presente, cada componente no intervalo 0..1. A componente *a* (alfa) representa a opacidade: 0 transparente, 1 opaco.)

opcionalmente seguida por

‘*s t*’

‘*ou*’

‘*s t u*’

(duas ou três valores coordenados de textura).

Valores são separados por espaços em branco, e quebras de linha são imateriais.

Letras na palavra chave de cabeçalho do objeto devem aparecer numa ordem específica; isto é a ordem reversa na qual os dados são fornecidos para cada vértice. Então vértices de objeto do tipo ‘CN4OFF’ possuem primeiramente as componentes quadridimensionais de posicionamento no espaço, a seguir as componentes normais tridimensionais, finalmente as componentes quadridimensionais de cor. Você pode modificar a ordem dos dados modificando o cabeçalho de palavra chave; um ‘NCOFF’ é apenas não reconhecido.

#### 4.1.4 Vértices *N*-dimensionais

Muitos objetos compartilham um estilo comum de representação de vértice com opcionais de superfície normal e cor. Todos os vértices dentro de um objeto possuem o mesmo formato, especificado pela palavra chave do cabeçalho.

Todos os dados para um vértice estão agrupados juntos (em oposição a e.g. fornecendo coordenadas para todos os vértices, a seguir cores para todos os vértices, e assim por diante).

A sintaxe para vértices *N*-dimensionais ( $N > 3$ ) é

‘*x[1] x[2] x[3] x[4] ...*’

(*N* coordenadas do vértice em ponto flutuante) ou

‘*x[0] x[1] x[2] x[3] x[4] ...*’

((*N+1*) coordenadas do vértice em ponto flutuante, se o modificador 4 tiver sido especificado na linha de cabeçalho do objeto)

Note, todavia, que objetos *N*-dimensionais internamente sempre possuem pontos (*N+1*)-dimensionais; a primeira componente *x[0]* – se presente no arquivo do objeto file – é usada como divisor homogêneo. Isso é diferente do caso tridimensional comum onde o modificador 4 gera um objeto quadridimensional onde a componente quadridimensional implicitamente é escolhida para 1.

Componentes de cor usualmente podem ser especificadas da mesma forma que para vértices tridimensionais, Veja [seção 4.1.3 \[Vertices\]](#), [página 65](#), enquanto especificando componentes de cor em normais não faz sentido.

#### 4.1.5 Direções de superfícies normais

Geomview utiliza vetores normais para determinar como um objeto é compartilhado. A direção da normal é importante nesse cálculo.

Quando normais forem fornecidos com um objeto, a direção da normal é determinada pelos dados fornecidos.

Quando normais não forem fornecidos com o objeto, Geomview calcula vetores normais automaticamente; nesse caso normais apontam para adiante do lado do qual os vértices aparecem na ordem anti-horária.

Sobre superfícies paramétricas (retalhos de Bezier), o vetor normal no ponto  $P(u,v)$  está na direção  $dP/du$  multiplicado vetorialmente por  $dP/dv$ .

#### 4.1.6 Matrizes de transformação

Alguns objetos incorporam matrizes quadradas reais de ordem 4 para transformações sobre objetos homogêneos. Essas matrizes atuam através de multiplicação à direita de vetores. Dessa forma, se  $p$  for um vetor linha de 4 elementos representando coordenadas homogêneas de um ponto no objeto OOGL, e  $A$  for a matrix  $4 \times 4$ , então o ponto resultante da transformação é  $p' = p A$ . Essa convenção matricial é comum em computação gráfica; é a matriz transposta daquela muitas vezes usada em matemática, onde pontos são vetores coluna multiplicados à direita pelas matrizes.

Dessa forma para transformações Euclidianas, as componentes para translação aparecem na quarta linha (os últimos quatro elementos) da matriz  $A$ . A última coluna da matriz  $A$  (quarto, oitavo, décimo segundo e décimo sexto elementos) são tipicamente 0, 0, 0, e 1 respectivamente.

#### 4.1.7 Matrizes de transformação ND

No contexto do espaço  $N$ -dimensional ( $N > 3$ ) alguns objetos incorporam  $(N+1) \times (N+1)$  matrizes reais para transformações sobre objetos homogêneos. Essas matrizes atuam através de multiplicação à direita de vetores. Dessa forma, se  $p$  for um vetor linha de  $(N+1)$ -elementos representando coordenadas homogêneas de um ponto no objeto OOGL, e  $A$  é a matriz quadrada de ordem  $(N+1)$ , então o ponto resultante da transformação é  $p' = p A$ .

Note que (a excessão de matrizes de transformação  $4 \times 4$ , veja [seção 4.1.6 \[Matrizes de transformacao\]](#), [página 67](#)) a componente homogênea é localizada nos elementos com índice **zero**, de forma que componentes de transformação para transformações Euclidianas aparecem na **zero**-ésima linha (primeiros  $(N+1)$  elementos). A primeira coluna da matriz  $A$  (a coluna com índice zero) é tipicamente 1, 0, ..., 0.

#### 4.1.8 Formato binário

Muitos objetos OOGL aceitam formatos o formato de arquivo binário bem como o formato de arquivo ASCII. Esses arquivos começam com a indicação usual (e.g. CQUAD) seguida pela palavra BINARY. Dados binários iniciam-se no byte imediatamente seguinte ao primeiro caractere de nova linha após a palavra BINARY. Espaços em branco e um simples comentário podem atrapalhar, e.g.

OFF BINARY # binary-format "OFF" data follows

Dados binários compreendem inteiros de 32 bits e os inteiros em ponto flutuante de 32 bits conforme definido pela IEEE (IEEE Standard for Binary Floating-Point Arithmetic (ANSI/IEEE Std 754-1985 - Institute of Electrical and Electronics Engineers), ambos os formatos seguem à forma de ordenação "big-endian" (i.e., com o byte mais significativo em primeiro lugar). Esse é o formato nativo para tipos de dado int e tipos de dado float em sistemas do tipo Sun-3, Sun-4, e Irises, além de muitos outros sistemas.

Formatos de dados binários assemelham-se aos formatos correspondentes em ASCII, com tipos de dado "int" e tipos de dado "float" nos lugares que você está acostumado a encontrar. Existe algumas excessões todavia, especificamente dos formatos d arquivo QUAD, OFF e COMMENT. Detalhes são fornecidos no arquivo individual das descrições do formato específico. Veja em [seção 4.2.1 \[QUAD\]](#), página 76, [seção 4.2.5 \[OFF\]](#), página 80, e em [Veja seção 4.2.14 \[COMMENT\]](#), página 90.

Objetos OOGL binários podem ser livremente misturados em fluxos de objetos ASCII:

```
LIST
{ = MESH BINARY
... dados binários de uma malha aqui ...
}
{ = QUAD
1 0 0   0 0 1   0 1 0   0 1 0
}
```

Note que dados ASCII continuam seguindo imediatamente o último byte dos dados binários.

Naturalmente, é impossível incluir comentários dentro de um objeto em formato binário OOGL, todavia comentários podem aparecer no cabeçalho antes do início dos dados binários.

#### 4.1.9 Referências a Objetos Embutidos e a Objetos Externos

Alguns tipos de objeto OOGL (LIST, INST) permitem referências a outros objetos OOGL, que podem aparecer literalmente no fluxo de dados, serem chamados a partir de arquivos em disco, ou serem comunicados a partir de outro lugar via objetos nomeados. Comandos GCL também aceitam objetos geométricos através desses meios citados.

A sintaxe genérica é

```
<oogl-object> ::=
[ "{" ]
  [ "define" symbolname ]
  [ ["="] object-keyword ...
  | "<" filename
  | ":" symbolname ]
[ "]" ]
```

onde os itens entre aspas duplas são sequências de caracteres literais (que aparecem sem as aspas), os itens entre colchêtes ([]) são opcionais, e a barra vertical (|) denota alternativas. Chaves, quando estiverem presentes, apenas indicam coincidência; o par mais externo de chaves é geralmente requerido quando o objeto estiver em um contexto maior, e.g. quando for parte de um objeto maior ou incluído em um fluxo de comando do Geomview.

Por exemplo, cada uma das três linhas seguintes:

```
{ define fred    QUAD 1 0 0  0 0 1  0 1 0  1 0 0 }
```

```
{ define fred = QUAD 1 0 0  0 0 1  0 1 0  1 0 0 }
```

```
{ appearance { +edge } LIST { < "file1" } { : fred } }
```

```
VECT 1 2 0    2 0    0 0 0    1 1 2
```

é um bojeeto OOGL válido. O último exemplo é válido somente quando estiver delimitado precisamente e residindo precisamente no seu próprio arquivo em disco.

A construção com ":" permite referência a símbolos, criados com **define**. Um valor inicial de um símbolo é um objeto nulo. Quando um símbolo for (re)definido, todas as referências a esse símbolo são automaticamente modificadas.

A construção "**define** NOME" permite definir um simbolo global para um objeto especificado. Se "NOME" referir-se a um objeto que já existia anteriormente, então o antigo objeto é descartado e substituído pela nova definição. Veja [seção 7.2.111 \[read\]](#), página 149. [seção 7.2.59 \[hdefine\]](#), página 137.

A construção "<" faz com que um arquivo em disco seja lido. Note que isso não é um mecanismo textual genérico de uso da diretiva de programação "include"; um objeto OOGL completo deve aparecer no arquivo referenciado na construção "<".

Arquivos lidos usando "<" são procurados primeiramente no diretório do arquivo que é refrenciado em "<", se existir; se essa busca falhar, o caminho normal de busca (veja [seção 7.2.72 \[load-path\]](#), página 141) é usado. A busca padrão olha primeiro no diretório atual, a seguir nos diretórios de dados do Geomview.

Ressaltando, espaços em branco e caracteres indicadores de final de linha são insignificantes, e comentários de "#" podem aparecer em qualquer lugar.

#### 4.1.10 Aparências

Objetos geométricos podem ter informações de aparência associada, especificando tonalidade, brilho, cor, visualização wire-frame vs. shaded-surface, e assim por diante. Aparências são erdadas através de hierarquias de objetos, e.g. anexando uma aparência a uma lista (LIST) significa que a aparência é aplicada a todos os membros de LIST.

Algumas propriedades relacionada a aparência são relegadas a subestruturas tais como "material", "lighting" e "texture". Seja cuidadoso para notar quais propriedade pertencem a qual estrutura. Qualquer objeto geométrico pode ser precedido por uma definição de aparência como no sguinte exemplo:

```
{
  appearance { +edge }
  LIST { < "arquivo1" } { QUAD 1 0 0  0 0 1  0 1 0  1 0 0 }
}
```

Aparências são também objetos OOGL no seu próprio direito e pode ser fornecido nomes simbólicos e referência a elas. Veja ([seção 4.1.9 \[Referencias\]](#), página 68) e em [seção 4.3.1 \[Objetos de aparencia\]](#), página 91.

**Texture Mapping**

Existe uma seção separada com relação a definição de texturas: (seção 4.1.11 [Mapeamento de Textura], página 74).

**Transparency**

Objetos de renderização translúcida não são suportados por todos os desenhadores que funcionam no Geomview. O renderizador OpenGL tem suporte limitado para isso: objetos de nível mais alto (i.e. aqueles que aparecem no navegador de objetos do painel principal (veja seção 3.3 [Interacao Basica], página 33) são renderizados corretamente por meio de alpha-blending). Também, os instantâneos do RenderMan irão incluir valores de opacidade.

Aqui está um exemplo de estrutura de aparência incluindo valores para todos atributos. A ordem dos atributos não é importante. Como usual, espaços em branco são irrelevantes. Atributos Booleanos podem ser precedidos por "+" ou "-" para torná-los habilitados ou desabilitados; "+" é assumido se somente o nome do atributo aparecer. Outros valores esperados de atributo.

Um "\*" prefixado a um atributo, e.g. "+edge" ou "linewidth 2" ou "material { \*diffuse 1 1 .25 }", seleciona a situação atual para sobrescrever ("override") para aquele atributo.

```
appearance {
    +face                # (Faz) desenho de faces dos polígonos.  Habili-
                        # tado por padrão.
    -edge                # (Não faz) desenho de arestas de polígonos.
    +vect                # (Faz) desenho de vetores (VECTs).  Habilitado
                        # por padrão.

    transparent screendoor
                        # (Habilita) transparência.  Habilitação de
                        # transparência.
                        # não (necessariamente) resulta em cores corretas
                        # no Geomview, mas os valores de alfa são usados
                        # em instantâneos RenderMan.
                        # As palavras chave permitidas são ‘‘screendoor’’
                        # (mascarando pixels de saída por meio de um
                        # modelo de ponteamento), ‘‘blending’’ para
                        # alpha-blending ( harmonização de alfa)
                        # com BSP-tree (árvore BSP) particionando o
                        # espaço e ordenando com precisão
                        # (lento) e ‘‘naive’’ para harmonização de
                        # alfa sem mesmo ordenar com precisão, não
                        # para falar sobre particionamento de espaço.
                        # Omitindo a palavra chave o padrão será
                        # harmonização de alfa com árvore
                        # particionando o espaço e ordenando com
                        # precisão.
    -normal              # (Faz) desenho de vetores normais a uma
                        # superfície.
```

```

normscale 1      # ... com comprimento 1.0 em coordenadas do
                  # objeto.

+evert           # faz a inversão de normais de polígono onde
                  # necessário de forma que sempre tenha
                  # câmera naquela face

+texturing       # (Habilita) mapeamento de textura
+linear          # (Habilita) média linear de elementos de textura
                  # mais fechados

+mipmap          # (Habilita) mapeamento mip de textura
+mipinterp       # (Habilita) mapeamento mip linear

-backcull        # (Não faz) descarte da orientação de faces
                  # no sentido anti-horário

-concave         # (Não faz) presunção e manuseio de polí-
                  # gonos côncavos

-shadelines      # (Não faz) linhas de tonalidade como se elas esti-
                  # vessem iluminando cilindros
                  # Esses quatro (mipinterp, backcull, concave,
                  # shadelines) são somente efetivos onde o
                  # sistema gráfico suportá-los, a saber em GL e
                  # Open GL.

-keepcolor       # Normalmente, quando informação de cor N-D posi-
                  # cional está habilitada como
                  # com o comando do geomview (ND-color ...), todas
                  # as cores de objetos são afetadas. Mas, objetos
                  # com o atributo "+keepcolor" são imunes a infor-
                  # mações de cor N-D.

shading smooth   # ou ‘‘shading constant’’ ou ‘‘shading flat’’ ou
                  # ou ‘‘shading csmooth’’ ou ‘‘shading vcflat’’.
                  # smooth = tonalidade de Gouraud, flat = facetado,
                  # csmooth = linearmente interpolado mas não
                  # iluminado, vcflat = tonalidade monótona, mas
                  # cores linearmente interpoladas.

linewidth 1      # linhas, pontos, e arestas são da largura de
                  # 1 pixel.

patchdice 10 10  # subdivide retalhos de Bezier esmiuçadamente em
                  # u e v

```



```

material {          # Aqui está uma definição material;
                    # pode também ser lido de um arquivo como em
                    #  'material < arquivo.mat'

    ka  1.0          # coeficiente de reflexão ambiente.
    ambient .3 .5 .3 # cor do ambiente (em componentes de vermelho,
                    # verde, azul). A contribuição ambiente para a to-
                    # nalidade é o produto de ka, a cor do ambiente,
                    # pela cor da luz ambiente.

    kd  0.8          # coeficiente de reflexão difusa.
    diffuse .9 1 .4 # cor difusa.
                    # (No modo 'shading constant' (tonalidade
                    # constante), a superfície
                    # é colorida com a cor difusa.)

    ks 1.0           # coeficiente de reflexão especular.
    specular 1 1 1   # cor especular (destacada).
    shininess 25     # expoente especular; grandes valores fornecem
                    # destaques falsos.

    backdiffuse .7 .5 0 # cor da face de trás para superfícies com
                    # dois lados. Se definido, esse campo determina
                    # a cor difusa para o lado de trás de uma super-
                    # fície. É implementada através de tonalidade
                    # via software, e por tonalidade via hardware
                    # sob sistemas GL que suportam iluminação de
                    # dois lados, e sob Open GL.

    alpha 1.0        # opacidade; 0 = transparente (invisível),
                    # 1 = opaco. Ignorado quando a transparência
                    # estiver desabilitada.

    edgecolor 1 1 0   # cor de linha & aresta

    normalcolor 0 0 0 # cor para vetores normais a uma superfície
}

lighting {          # Modelo de iluminação

    ambient .3 .3 .3 # luz ambiente

    replacelights   # 'Use somente as seguintes luzes para
                    # iluminar os objetos sob essa
                    # aparência.'
                    # Sem "replacelights" (substituição de luzes),
                    # quaisquer luzes listadas são adicionadas

```

```

# a esses na cena.

# Agora uma coleção exemplo de luzes:
light {
    color 1 .7 .6      # cor da luz
    position 1 0 .5 0  # posição da luz [distant light]
                        # fornecida em coordenadas homogêneas.
                        # Com a quarta componente = 0,
                        # isso significa uma luz vindo da
                        # direção (1,0,.5).
}

light {                # Outra luz.
    color 1 1 1
    position 0 0 .5 1  # luz na posição finita ...
    location camera     # especificada em coordenadas de câmera.
                        # (Uma vez que a câmera olha adiante -Z,
                        # esse exemplo coloca a luz
                        # .5 unidade atrás do olho.)
    # Possível palavra chave de localização ("location"):
    # global  posição da luz global em coordenadas de objeto mundo
    #          (bem, universo). Esse é o padrão se nenhuma
    #          localização for especificada.
    # camera  posição da câmera em coordenadas do sistema de
    #          câmera
    # local   posição local em coordenadas do sistema onde
    #          a aparência foi definida
}

# fim do modelo de iluminação
texture {
    clamp st           # ou 's' ou 't' ou 'none'
    file lump.tiff      # arquivo fornecendo imagem de mapa de
                        # textura
    alphafile mask.pgm.Z # arquivo fornecendo imagem de máscara
                        # de transparência
    apply blend         # ou 'modulate' ou 'decal'
    transform 1 0 0 0   # superfície (s,t,0,1) * tfm -> coord-
                        # enadas de textura
                    0 1 0 0
                    0 0 1 0
                    .5 0 0 1

    background 1 0 0 1  # relevante para 'apply blend'
}

# fim de aparência

```

Existem regras para herança de atributos de aparência quando muitas aparências são impostas em diferentes níveis na hierarquia.

Por exemplo, Geomview instala uma aparência de parada de segurança que fornece valores padrão para a maioria dos parâmetros; seu painel de controle instala outras aparências que fornecem novos valores para uns poucos atributos; a geometria fornecida pelo usuário pode também conter aparências.

A regra geral é que a aparência dos filhos (aquelas fechadas para as primitivas geométricas) vencem. Adicionalmente, controles de aparência com situação atual em sobrescrever ("override") (e.g. `++face` ou `material { *diffuse 1 1 0 }`) vencem sobre as outras que estiverem sem o atributo de sobrescrever.

Os controles de aparência do Geomview usam o recurso de sobrescrever "override" de forma a ser efetivo mesmo se objetos fornecidos pelo usuário contiverem suas próprias escolhas de aparência. Todavia, Se um objeto fornecido pelo usuário contiver um campo de aparência com o recurso de sobrescrever ativado, esse campo de aparência será imune aos controles do Geomview.

#### 4.1.11 Mapeamento de Textura

Alguns programas que trabalham sem contato direto com o usuário suportam objetos mapeados em textura, atualmente apenas o OpenGL e a interface RenderMan no momento dessa escrita. Existe também alguns recursos com a interface RMan quando em uso um canal alfa na imagem de textura. Aqueles programas que não trabalham diretamente com o usuário cujo suporte a textura não existe silenciosamente ignoram tentativas de uso de mapeamento de textura. Uma textura é especificada como parte de uma estrutura de aparência (Veja seção 4.1.10 [Aparencias], página 69). Resumidamente, se fornece uma imagem de textura (Veja também `<undefined> [image]`, página `<undefined>`), a qual é considerada contida em um quadrado no espaço parametrizado  $(s,t)$  no intervalo  $0 \leq s \leq 1$ ,  $0 \leq t \leq 1$ . Então se fornece uma primitiva geométrica, com cada vértice acompanhado com as coordenadas de textura  $(s,t)$ . Se a texturização estiver habilitada, a porção apropriada da imagem de textura é colada sobre cada face do objeto texturizado.

Não existe (atualmente) nenhuma provisão para herança de parte de uma estrutura de textura; se a palavra chave `texture` é mencionada em uma aparência, essa menção suplanta qualquer outra especificação de textura.

O atributo de aparência `texturing` controla se texturas são usadas; não existe perda de performance tendo campos `"texture { ... }"` definidos quando a utilização de texturas está desabilitada.

Os campos de textura disponíveis são:

```
clamp none -ou- s -ou- t -ou- st
```

Determina o significado de coordenadas de textura fora do intervalo 0..1. Com clamp none, o padrão, coordenadas são interpretadas modulo 1, então  $(s,t) = (1.25,0)$ ,  $(.25,0)$ , e  $(-.75,0)$  referem-se todos ao mesmo ponto no espaço das texturas. Com clamp s ou clamp t ou clamp st, individualmente ou ambos de s-coordenadas ou t-coordenadas menor que 0 ou maior que 1 são remapeadas para 1 ou para 0, respectivamente.

```
image { <especificação de imagem> (<undefined> [image], página <undefined>) }
```

Especifica a atual imagem de textura. Imagens de textura podem ter

- 1, 2, 3 ou 4 canais:
- 1 canal: luminância
  - 2 canais: luminância e alfa (opacidade:0 transparente, 1 opaco)
  - 3 canais: dados RGB
  - 4 canais: dados RGBA

Veja [\[image\]](#), página [\[image\]](#), para a definição atual de objetos de imagem. O canal usado por alfa é somente interpretado como máscara: onde a máscara é zero, pixels são simplesmente omitidos. Uma exceção é o caso onde *apply* é igual a *modulate* e a translucência está habilitada: nesse caso o valor de alfa resultante é o resultado da multiplicação da cor da superfície pelo valor de alfa do canal alfa da textura.

`file`        `nomearquivo`

`alphafile` `nomearquivo`

*Isso é considerado obsoleto, e somente mantido por compatibilidade, o moderno caminho é usar o novo objeto imagem OOGL. Veja [\[image\]](#), página [\[image\]](#). O material documentado aqui pode ainda funcionar apesar disso*

Especifica arquivos de imagem contendo a textura.

A palavra chave *file* especifica um arquivo com informações de cor ou de brilho; *alphafile* se presente, especifica uma máscara de transparência ("alpha"); onde a máscara for zero, pixels simplesmente são omitidos. Muitos formatos de arquivo de imagem estão disponíveis; o tipo de arquivo deve ser indicado pelos últimos poucos caracteres do nome do arquivo:

<code>.ppm</code> ou <code>.ppm.Z</code> ou <code>.ppm.gz</code>	24-bit 3-color imagem no formato PPM
<code>.pgm</code> ou <code>.pgm.Z</code> ou <code>.pgm.gz</code>	8-bit tons de cinza imagem no formato PGM
<code>.sgi</code> ou <code>.sgi.Z</code> ou <code>.sgi.gz</code>	8-bit, 24-bit, ou 32-bit imagem SGI
<code>.tiff</code>	8-bit ou 24-bit imagem TIFF
<code>.gif</code>	imagem GIF

Para esse recurso trabalhar, alguns programas devem estar disponíveis no caminho de busca do Geomview:

- `zcat` para arquivo `.Z`
- `gzip` para arquivos `.gz`
- `tifftopnm` para arquivos `.tiff`
- `giftopppm` para arquivos `.gif`

Se uma imagem *alphafile* for fornecida, essa imagem deve ser do mesmo tamanho que a imagem *file*.

*Objetos imagem fornecem um caminho mais flexível para especificar dados de*

textura. Veja [\[image\]](#), página [\[undefined\]](#).

`apply modulate -ou- blend -ou- decal`

Indica como a imagem de textura é aplicada à superfície.

Aqui a "surface color" (cor da superfície) significa a cor que a superfície pode ter na ausência de mapeamento de textura.

Com `modulate`, o padrão, a cor de textura (ou iluminação, se texturizado por meio de uma imagem de escala de cinza) é multiplicada pela cor da superfície.

Com `blend`, textura harmoniza-se entre cor de fundo (`background`) e a cor da superfície. O parâmetro `file` deve especificar uma imagem de escala de cinza. Onde a imagem de textura é 0, a cor da superfície permanece inalterada; onde for 1, a superfície é colorida na cor dada por `background`; e cor é interpolada para valores imediatos.

Com `decal`, o parâmetro `file` deve especificar uma imagem de tres cores. Se um parâmetro `alphafile` estiver presente, seus valores interpolam-se entre a cor da superfície (onde `alpha=0`) e a cor de textura (onde `alpha=1`). Iluminação não afeta a cor de textura no modo `decal`; efetivamente a textura é tonalmente constante.

`background R G B A`

Especifica uma cor com 4 componentes, com números R, G, B, e A em ponto flutuante normalmente no intervalo 0..1, usados quando `apply blend` for selecionado.

`transform matriz-de-transformação`

Espera uma lista de 16 números, ou um dos outros caminhos de representar uma transformação (: nomecabecalho ou < nomearquivo). A matriz 4x4 de transformação é aplicada a coordenadas de textura, no sentido de um vetor linha de 4 componentes (s,t,0,1) multiplicado à esquerda pela matriz, para produzir novas coordenadas (s',t') às quais atualmente indexam a textura.

## 4.2 Formatos de Arquivo de Objeto

### 4.2.1 QUAD: coleção de quadriláteros

O sufixo convencional para um arquivo QUAD é '.quad'.

A sintaxe do arquivo é

```
[C] [N] [4]QUAD -ou- [C] [N] [4]POLY # Palavra chave
vértice vértice vértice vértice # vértices 4-D para algum N
```

```

vértice vértice vértice vértice
...

```

A palavra chave inicial é [C] [N] [4] QUAD ou [C] [N] [4] POLY, onde o prefixos opcionais C e N indicam que cada vértice inclui cores e retas normais respectivamente. Isto é, esses arquivos iniciam-se com uma das palavras

QUAD CQUAD NQUAD CNQUAD POLY CPOLY NPOLY CNPOLY

(mas não com NCQUAD ou NCPOLY). QUAD e POLY são sinônimos; ambas as formas são permitidas apenas por compatibilidade com ChapReyes.

Seguindo a palavra chave está um número arbitrário de grupos de quatro vértices, cada grupo descrevendo um quadrilátero. Veja a sintaxe de vértice acima. O objeto termina no caractere de fim de arquivo, ou com uma chave fechada se incorporado dentro de uma referência de objeto (veja acima).

Um formato de arquivo QUAD BINARY é aceito; veja [seção 4.1.8 \[Formato binario\]](#), [página 67](#). A primeira palavra de dados binários deve ser um inteiro de 32 bits fornecendo o número de quads no objeto; seguindo esse inteiro encontra-se uma série de inteiros em ponto flutuante de 32 bits, arranjados apenas como no formato ASCII.

### 4.2.2 MESH: Malha retangularmente conectada

O sufixo convencional para um arquivo MESH é ‘.mesh’.

A sintaxe do arquivo é

```

[U] [C] [N] [Z] [4] [u] [v] [n] MESH # Palavra chave
[Ndim]                               # Dimensão do espaço, presente
                                     # somente se nMESH
Nu Nv                                # dimensões da grade da malha
                                     # Nu*Nv vértices, no formato especificado
                                     # pela palavra chave inicial
vértice(u=0,v=0) vértice(1,0) ... vértice(Nu-1,0)
vértice(0,1) ... vértice(Nu-1,1)
...
vértice(0,Nv-1) ... vértice(Nu-1,Nv-1)

```

A palavra chave é [U] [C] [N] [Z] [4] [u] [v] [n] MESH. Os caracteres opcionais prefixados significam:

- ‘U’ Cada vértice inclui uma textura de 3 parâmetros de espaço de componente. As primeiras duas componentes são parâmetros usuais de textura S e T para aquele vértice; o terceiro pode ser especificado como zero.
- ‘C’ Cada vértice (veja Vertices acima) inclui uma cor de quatro componentes.
- ‘N’ Cada vértice inclui um vetor normal à superfície.
- ‘Z’ Dos valores dos 3 eixos coordenados (x, y e z) de vértice somente a componente Z está presente; X e Y são omitidos, e assumidos ambos como sendo iguais às coordenadas de malha (u,v) de forma que X varia de 0 .. (Nu-1), Y varia de 0 .. (Nv-1) onde Nu e Nv são as dimensões de malha – veja acima.
- ‘4’ Vértices são quadridimensionais, cada vértice consiste em 4 valores em ponto flutuante. Z e 4 não podem ambos estarem presentes ao mesmo tempo.

- ‘u’      A malha é ajustada na direção u, de forma que o (0,v)’ésimo vértice está conectado ao (Nu-1,v)’ésimo para todo v.
- ‘v’      A malha é ajustada na direção v, de forma que o (u,0)’ésimo vértice está conectado ao (u,Nv-1)’ésimo para todo u. Dessa forma uma malha u-ajustada ou v-ajustada é topologicamente um cilindro, enquanto uma malha uv-ajustada é um toro.
- ‘n’      Especifica uma malha cujos vértices existem em um espaço de dimensão mais alta. A dimensão segue a palavra chave "MESH". Cada vértice então tem *Ndim* componentes.

Note que a ordem dos caracteres do prefixo é significativa; uma malha colorida, u-ajustada é uma **CuMESH** não uma **uCMESH**.

Seguindo o cabeçalho da malha estão os inteiros *Nu* e *Nv*, as simensões da malha.

Então segue-se *Nu*\**Nv* vértices, cada um desses vértices na forma fornecida através do cabeçalho. Eles aparecem na sequência v-crescente, i.e. se chamarmos cada vértice de (u,v) então os vértices aparecerão na ordem

```
(0,0) (1,0) (2,0) (3,0) ... (Nu-1,0)
(0,1) (1,1) (2,1) (3,1) ... (Nu-1,1)
...
(0,Nv-1) ... (Nu-1,Nv-1)
```

O formato **MESH BINARY** é aceito; Veja [seção 4.1.8 \[Formato binario\]](#), página 67. Os valores de *Nu* e *Nv* são inteiros de 32-bit; todos os outros valores são números em ponto flutuante de 32-bit.

### 4.2.3 BBOX: Caixas associada simples

Esse é um objeto-brinquedo muito simples: Toma 2 vértices e desenha um (hiper-) cubo que é a caixa associada dos dois vértices.

Sintaxe:

```
BBOX
x[0] y[0] z[0]
x[1] y[1] z[1]

ou

4BBOX
x[0] y[0] z[0] w[0]
x[1] y[1] z[1] w[1]

ou

nBBOX
Ndim # > 3
x[0] y[0] z[0] w[0] ...
x[1] y[1] z[1] w[1] ...

ou

4nBBOX
Ndim # > 3
d[0] x[0] y[0] z[0] w[0] ...
```

`d[0] x[1] y[1] z[1] w[1] ...`

Não existe formato binário BBOX. O modificador 4 tem diferentes significados dependendo da dimensão da caixa associada: 4BBOX significa que as 4 componentes dos vértices constroem uma caixa associada tetradimensional. Usando 4 em conjunção com `n - 4nBBOX NDim` - significa que os vértices especificados no arquivo possuem  $NDim+1$  componentes, mas a componente no índice 0 é o divisor homogêneo (em oposição ao caso comum tridimensional onde o divisor homogêneo pode ser `w` - a terceira - componente).

#### 4.2.4 Superfícies de Bezier

O sufixo de arquivo convencional para arquivos de superfície de Bezier é `‘.bbp’` ou `‘.bez’`. O arquivo com qualquer dos dois sufixos pode conter qualquer dos dois tipos de parte de superfície de Bezier.

Sintaxe:

```
[ST]BBP -ou- [C]BEZ<Nu><Nv><Nd>[_ST]
# Nu, Nv são direções nos eixos u e v
# graus de polinômios variam 1..6
# Nd = dimensão: 3->3-D, 4->4-D (racional)
# (O sinal '<' e o sinal '>' não aparecem na entrada.)
# Nu,Nv,Nd são cada um dígito decimal simples.
# a forma BBP implica Nu=Nv=Nd=3 de forma que BBP = BEZ333.

# Qualquer número de partes de superfície de Bezier segue o cabeçalho
# (Nu+1)*(Nv+1) pontos de controle do pedaço da superfície de Bezier
# cada 3 ou 4 números em ponto flutuante conforme o cabeçalho
vertex(u=0,v=0) vertex(1,0) ... vertex(Nu,0)
vertex(0,1)      ... vertex(Nu,1)
...
vertex(0,Nv)     ... vertex(Nu,Nv)

# coordenadas de textura ST se mencionado no cabeçalho
S(u=0,v=0) T(0,0) S(0,Nv) T(0,Nv)
S(Nu,0) T(Nu,0) S(Nu,Nv) T(Nu,Nv)

# número em ponto flutuante com 4 componentes no intervalo (0..1) de
# cores R G B A para cada canto se mencionado no cabeçalho
RGBA(0,0)  RGBA(0,Nv)
RGBA(Nu,0) RGBA(Nu,Nv)
```

Esses formatos representam coleções de partes de superfícies de Bezier, de graus maiores que 6, e com vértices 3-D ou 4-D (racionais).

A palavra chave de cabeçalho pode assumir as formas `[ST]BBP` ou `[C]BEZ<Nu><Nv><Nd>[_ST]` (os símbolos `'<'` e `'>'` não são parte da palavra chave).

O prefixo `ST` sobre `BBP`, ou o sufixo `_ST` sobre `BEZuvn`, indicam que cada pedaço de superfície inclui quatro pares de pontos com coordenadas em ponto flutuante no espaço de textura, um em cada canto do pedaço.



O prefixo **C** sobre **BEZuvn** indica um pedaço colorido, incluindo quatro conjuntos de quatro componentes com os números que especificam as cores em ponto flutuante (vermelho, verde, azul, e alfa) no intervalo 0..1, uma cor para cada canto.

$Nu$  e  $Nv$ , cada um é um simples dígito no intervalo 1..6, são os graus do polinômio do pedaço nas direções  $u$  e  $v$  respectivamente.

$Nd$  é o número de componentes no vértice de cada pedaço, e deve ser ou 3 para 3-D ou 4 para coordenadas homogêneas, isto é, pedaços racionais.

Pedaços **BBP** são pedaços bicúbicos com vértices tridimensionais, de forma que **BBP** = **BEZ333** e **STBBP** = **BEZ333\_ST**.

Qualquer número de pedaços segue o cabeçalho. Cada pedaço compreende uma série de vértices do pedaço, seguido por coordenadas opcionais de textura ( $s,t$ ), seguidas por cores opcionais no formato ( $r,g,b,a$ ).

Cada pedaço tem  $(Nu+1)*(Nv+1)$  vértices na ordem  $v$ -crescente, de forma que se designarmos um vértice através de seus índices ( $u, v$ ) de controle de ponto a ordem é

```
(0,0) (1,0) (2,0) ... (Nu,0)
(0,1) (1,1) (2,1) ... (Nu,1)
...
(0,Nv) ... (Nu,Nv)
```

com cada vértice contendo ou 3 ou 4 números em ponto flutuantes como especificado pelo cabeçalho.

Se o cabeçalho chama por coordenadas **ST**, quatro pares de números em ponto flutuante seguem: o espaço de coordenadas de textura para  $(0,0)$ ,  $(Nu,0)$ ,  $(0,Nv)$ , e os cantos  $(Nu,Nv)$  do pedaço, respectivamente.

Se o cabeçalho chama por cores, segue quatro grupos de quatro componentes (vermelho, verde, azul, alfa) de cores em ponto flutuante, um para cada canto do pedaço.

A série de pedaços termina em um caractere de fim de arquivo, ou com uma chave fechada se incorporado em uma referência de objeto.

#### 4.2.5 Arquivos do Tipo OFF

O sufixo convencional para arquivos **OFF** é **‘.off’**.

Sintaxe:

```
[ST] [C] [N] [4] [n] OFF # Palavra chave do cabeçalho
[Ndim] # Dimensão do espaço dos vértices, presente somente se nOFF
# estiver também presente
NVértices NFaces Narestas # Narestas não é usado nem checado

x[0] y[0] z[0] # Vértices, possivelmente com normais,
# cores, e/ou coordenadas de textura, nessa ordem,
# se os prefixo N, C, ST
# estiverem presentes.
# Se 4OFF, cada vértice possui 4 componentes,
# incluindo uma componente final homogênea.
# Se nOFF, cada vértice possui Ndim componentes.
# Se 4nOFF, cada vértice possui Ndim+1 componentes.
```

```

...
x[NVértices-1] y[NVértices-1] z[NVértices-1]

# Faces
# Nv = # vértices na referida face
# v[0] ... v[Nv-1]: índices dos vértices
# no intervalo 0..NVértices-1
Nv v[0] v[1] ... v[Nv-1] colorspec
...
# colorspec colar contínuo v[Nv-1]
# até o aparecer um caractere de fim de linha; pode ser de 0 a 4
# números
# nenhum: padrão
# inteiro: índice do mapa de cores
# 3 ou 4 inteiros: valores RGB[A] no intervalo 0..255
# 3 ou 4 números em ponto flutuante: valores RGB[A] no intervalo 0..1

```

Arquivos OFF (nome para "object file format" formato de arquivo de objeto) representa coleções de polígonos planos com vértices possivelmente compartilhados, um caminho conveniente para descrever poliedros. Os polígonos podem ser côncavos mas não existe suporte para polígonos contendo buracos.

Um arquivo OFF pode começar com a palavra chave OFF; isso é recomendado mas também é opcional, muitos arquivos existentes precisam dessa palavra chave.

Três inteiros ASCII seguem a palavra chave OFF: *NVértices*, *NFaces*, e *NArestas*. Esses são o número de vértices, faces, e arestas, respectivamente. Atualmente o software não utiliza nem verifica *NArestas*; ele não precisa ser correto mas deve estar presente.

As coordenadas do vértice seguem: dimensão \* *Nvértices* valores em ponto flutuante. Esses valores em ponto flutuante estão implicitamente numerados de 0 a *NVértices*-1. A dimensão é ou 3 (o padrão) ou 4 (especificado pelo caractere chave 4 diretamente antes da palavra chave OFF).

Seguindo esses acima citados estão as descrições das faces, tipicamente escritos com uma linha por face. Cada linha tem a forma

```
N Vert1 Vert2 ... VertN [cor]
```

Aqui *N* é o número de vértices sobre a considerada face, e *Vert1* a *VertN* são índices dentro da lista de vértices (no intervalo 0..*NVértices*-1).

O modificador opcional *cor* no final da linha acima pode tomar várias formas. Caracteres de fim de linha são significativos nesse ponto: a descrição *cor* inicia-se após *VertN* e termina com o caractere de fim de linha (ou próximo caractere cerquilha # representativo de comentário). Uma *cor* pode ser:

ausência de caractere

a cor padrão

um inteiro índice dentro "do" mapa de cores; veja abaixo

três ou quatro inteiros

valores de RGB e possivelmente alfa no intervalo 0..255

três ou quatro números em ponto flutuante  
valores RGB e possivelmente alfa no intervalo 0..1

Para o caso de um inteiro, o mapa de cores é lido diretamente do arquivo ‘`cmap.fmap`’ em sua forma atual no diretório ‘`data`’ do Geomview. Algum melhor mecanismo para fornecer um mapa de cor será fornecido provavelmente algum dia.

O significado de "cor padrão" varia. Se nenhuma face do objeto tem uma cor, tudo recebe como herança a cor material padrão do ambiente. Se alguma mas não todas as faces possuem cores, o padrão é cinza (R,G,B,A=.666).

Um formato [ST][C][N][n]OFF BINARY é aceito; veja [seção 4.1.8 \[Formato binário\], página 67](#). Esse formato assemelha-se ao formato ASCII em quase tudo que você poderia esperar, com inteiros de 32-bit para todos os contadores e índices de vértice e números em ponto flutuante de 32-bit para posições de vértice (e coordenadas de textura ou cores de vértice ou retas normais se algum dos formatos COFF/NOFF/CNOFF/STCNOFF/etc. estiver presente).

Exceção: cada um dos índices de face do vértice são seguidos por um inteiro indicando quantas componentes de cor o acompanham. Componentes de cor de face devem ser números em ponto flutuante, não valores inteiros. Dessa forma uma face triangular pouco colorida pode ser representada como

```
int  int  int  int  int
3    17    5    9    0
```

enquanto a mesma face colorida com vermelho pode ser

```
int int int int int float float float float
3 17 5 9 4 1.0 0.0 0.0 1.0
```

### 4.2.6 Arquivos do Tipo VECT

O sufixo convencional para arquivos VECT é `‘.vect’`.

Syntaxe:

```
[4]VECT
NLinhaspoligonais  NVértices  NCores

Nv[0] ... Nv[NLinhaspoligonais-1]    # número de vértices
                                         # em cada linha poligonal

Nc[0] ... Nc[NLinhaspoligonais-1]    # número de cores fornecido
                                         # em cada linha poligonal

Vert[0] ... Vert[NVertices-1]  # Todos os vértices
                                # (3*NVertices números em
                                # ponto flutuante)

Color[0] ... Color[NCores-1]  # Todas as cores
                                # (4*NCores números em ponto
                                # flutuante, RGBA)
```

Objetos do tipo **VECT** representam listas de linhas poligonais (sequência de caracteres que representam segmentos de reta, possivelmente fechados). Uma linha poligonal degenerada pode ser usada para representar um ponto.

Um arquivo **VECT** inicia-se com a palavra chave **VECT** ou com **4VECT** e três inteiros: *NLinhas*, *NVértices*, e *NCores*. Aqui *NLinhas* é o número de linhas poligonais no arquivo, *NVértices* o número total de vértices, e *NCores* o número de cores como explanado abaixo.

A seguir vem *NLinhas* que são inteiros de **16-bit**

$Nv[0] \ Nv[1] \ Nv[2] \ \dots \ Nv[NLinhas-1]$

fornecendo o número de vértices em cada linha poligonal. Um número negativo indica uma linha poligonal fechada; 1 denota ponto composto por um pixel simples. O somatório (dos valores absolutos) de  $Nv[i]$  deve ser igual a *NVértices*.

A seguir vem *NLinhas* que são formadas por inteiros de **16-bit**  $Nc[i]$ : o número de cores em cada linha poligonal. Normalmente um dos três valores abaixo:

- 0            Nenhuma cor é especificada para esta linha poligonal. Seu desenho na mesma cor que a linha poligonal anterior.
- 1            Uma cor simples é especificada. A linha poligonal completa é desenhada nessa cor.
- $abs(Nv[i])$  Cada vértice tem uma cor. Ou cada segmento é desenhado na correspondente cor, ou as cores são linearmente interpoladas ao longo dos segmentos de reta, dependendo da implementação.

A seguir vem *NVértices* grupos de 3 ou 4 números em ponto flutuante: as coordenadas de todos os vértices. Se a palavra chave for **4VECT** então existirão 4 valores por vértice. O primeiro grupo  $abs(Nv[0])$  forma a primeira linha poligonal, o grupo seguinte  $abs(Nv[1])$  forma a segunda e assim por diante.

Finalmente *NCores* grupos de 4 números em ponto flutuante fornecendo valores de vermelho, verde, azul e alfa (opacidade). O primeiro grupo  $Nc[0]$  aplica-se à primeira linha poligonal, e assim por diante.

Um formato **VECT BINARY** é aceito; veja [seção 4.1.8 \[Formato binario\]](#), página 67. O formato binário segue exatamente o formato ASCII, com inteiros de 32-bit Big-Endian onde aparecem os números inteiros comuns, e com inteiros de **16-bit** Big-Endian onde aparecem inteiros de 16-bit; números em ponto flutuante de 32-bit Big-Endian onde aparecem os valores reais. **NOTA REALMENTE GRANDE:** Os contadores de vértice  $Nv[i]$  e os contadores de cor  $Nc[i]$  são inteiros de **16-bit** Big-Endian.

#### 4.2.7 Arquivos do Tipo SKEL

Arquivos do Tipo **SKEL** representam coleções de pontos e linhas poligonais, com vértices compartilhados. O sufixo convencional para arquivos **SKEL** é `‘.skel’`.

Sintaxe:

```
[C] [4] [n] SKEL
[NDim]                            # Dimensão dos vértices, presente somente
                                 # se nSKEL também estiver presente
NVértices   NLinhaspoligonais
```

```

x[0]  y[0]  z[0]  # Vértices
# se 4SKEL, cada vértice terá 4 componentes
# se nSKEL, each vértice terá NDim componentes
# se C[4][n]SKEL coordenadas de
# vértice são seguidas por uma
# especificação de cor RGBA
...
x[NVértices-1]  y[NVértices-1]  z[NVértices-1]

# linhas poligonais
# Nv = vértices sobre essa linha poligonal
# (1 = ponto)
# v[0] ... v[Nv-1]: índices de vértice
#                               no intervalo 0..NVértices-1
Nv  v[0] v[1] ... v[Nv-1]  [colorspec]
...

# colorspec continua adiante de v[Nv-1]
# até encontrar um fim de linha; pode ser
# vazia, ou 3 ou 4 números.
# vazia: cor padrão

# 3 ou 4 números em ponto flutuante: valores RGB[A] no intervalo 0..1

```

A sintaxe é semelhante à sintaxe dos arquivos OFF, com uma tabela de vértices seguidos de uma sequência de descrições de linhas poligonais, cada descrição referindo-se a vértices através de índices na tabela. Cada linha poligonal tem uma cor opcional.

Para objetos nSKEL, cada vértice tem *NDim* componentes. Para objetos 4nSKEL, cada vértice tem *NDim+1* componentes; a componente final é o divisor homogêneo.

Um formato *[4][n]SKEL BINARY* é aceito; veja [seção 4.1.8 \[Formato binario\]](#), página 67. Esse formato assemelha-se ao formato ASCII na maioria das formas que você pode esperar, com inteiros de 32-bit para todos os contadores e índices de vértice e números em ponto flutuante de 32-bit para posições de vértice.

Exceção: cada índice do vértice de linhas poligonais é seguido de um inteiro indicando quantas componentes de cor o acompanham. Componentes de cor de linhas poligonais devem ser inteiros em ponto flutuante, não valores inteiros. Dessa forma uma pouco colorida linha poligonal com 3 vértices pode ser representada como

```

int int int int int
3  17  5  9  0

```

enquanto a mesma linha poligonal colorida em vermelho pode ser

```

int int int int int float float float float
3  17  5  9  4  1.0  0.0  0.0  1.0

```

## 4.2.8 SPHERE Files

O sufixo convencional para arquivos SPHERE é `‘.sph’`.

```

[ST][E|H|S]SPHERE # Palavra chave
# coordenadas de textura geradas automaticamente, somente permitido

```

```
# com objetos STSPHERE [SINUSOIDAL|CYLINDRICAL|RECTANGULAR|
# STEREOGRAPHIC|ONEFACE]
# os próximos quatro campos são requeridos
Radius
Xcenter Ycenter Zcenter
```

A palavra chave é [ST] [E|H|S]SPHERE. Os caracteres prefixados opcionais significam:

- ‘ST’      A esfera é desenhada com coordenadas de textura geradas automaticamente. Veja abaixo.
- ‘E’      Assume-se que a esfera encontra-se dentro do espaço Euclidiano.
- ‘H’      Assume-se que a esfera encontra-se dentro de um espaço Hiperbólico. Veja [Capítulo 8 \[Geometrias Nao-Euclidianas\]](#), página 161.
- ‘S’      Assume-se que a esfera encontra-se dentro de um espaço esférico. Veja [Capítulo 8 \[Geometrias Nao-Euclidianas\]](#), página 161.

Objetos do tipo esfera são desenhados usando malhas que são retangulares em um sistema de coordenadas polares, com o plano equatorial paralelo ao plano  $x,y$ . Sua suavidade superficial, e o tempo gasto para desenhá-la, depende da escolha dos cortes quadrados, 10x10 por padrão. Para Geomview, o painel de aparência, o comando de teclado <N>ad, ou um atributo de aparência `dice nu nv` escolhe isso.

Coordenadas de textura são geradas para objetos STSPHERE; a palavra chave seguindo a palavra chave inicial STSPHERE define o caminho para fazer isso. A palavra chave que segue a palavra chave inicial segue as convenções do script perl `mktxmesh` que acompanha o diretório *Orrery* na árvore de diretórios instalados que acompanha o Geomview.

#### *SINUSOIDAL*

projeção sinusoidal de área equivalente

#### *CYLINDRICAL*

projeção cilíndrica:  $s$  é a longitude,  $t$  é a latitude

#### *RECTANGULAR*

projeção retangular:  $s$  é a longitude,  $t$  é  $\sin(\text{latitude})$  (i.e. a coordenada  $z$  no sistema de coordenadas da esfera)

#### *STEREOGRAPHIC*

projeção estereográfica a partir do pólo sul ( $z=-1$ )

#### *ONEFACE*

visão ortográfica estendida do hemisfério  $+y$  sobre ambos, espelhando

### 4.2.9 Arquivos do Tipo INST

O sufixo convencional para um arquivo INST é ‘.inst’.

Não existe formato INST BINARY.

Um INST aplica uma transformação 4x4 (ou  $(N+1) \times (N+1)$  no contexto de ND-viewing) a outro objeto OOGL. Um arquivo do tipo INST inicia-se com INST seguido de as seções mostradas adiante que podem vir em qualquer ordem:

`geom oogl-object`

especifica o objeto Oogl a ser instanciado. Veja [seção 4.1.9 \[Referencias\]](#), página 68, para a sintaxe de um *oogl-object*. palavra chave `unit` é um sinônimo para `geom`.

`transform [{""] transformação 4x4 ["]]`

especifica uma matriz de transformação simples. Ou a matriz pode aparecer literalmente como 16 números, ou a matriz pode aparecer como uma referência a um objeto "transform", i.e.

`"<" arquivo-contendo-matriz-4x4`

ou

`":" símbolo-representando-transformação-de-objeto`

Outra forma de especificar a transformação é

`transforms  
objeto-oogl`

O *objeto-oogl* deve ser um objeto TLIST (lista de transformações), ou uma LIST cujos membros dessa lista são objetos TLIST mais recentes. Com efeito, a palavra chave `transforms` toma uma coleção de matrizes 4x4 e replica o objeto `geom`, fazendo uma cópia para cada matriz 4x4.

Se nem a palavra chave `transform` nem a palavra chave `transforms` aparecerem, nenhuma transformação é aplicada (atualmente a identidade é aplicada). Você pode usar isso para, e.g., empacotar uma aparência em torno de um objeto externo fornecido, através de uma LIST de membros simples pode-se fazer isso mais eficientemente.

Veja [seção 4.1.6 \[Matrizes de transformacao\]](#), página 67, para o formato de matriz.

A cópia de um objeto geométrico simples por meio de um objeto TLIST (veja 'transforms' acima) pode ser útil para transformar coordenadas de textura através de outra lista de transformações; essa lista pode ser especificada por

`txtransforms  
objeto-TLIST`

O número de transformações de textura deve coincidir com o número de transformações geométricas. O objeto SPHERE (Veja [seção 4.2.8 \[SPHERE\]](#), página 84) utiliza essa técnica para gerar um esfera completamente texturizada fora de alguma fração de uma esfera (usualmente um octante).

Uma transformação  $(N+1)$ -dimensional pode ser especificada por

`ntransform [{""] N+1 N+1 (N+1)x(N+1) floats ["]]`

A linha acima fornece uma matriz de transformação  $N+1$ -dimensional. Ou a matriz pode aparecer literalmente como  $(N+1) \times (N+1)$  números, ou pode existir uma referência a um objeto 'ntransform', i.e.

`"<" arquivo-contendo-matriz-(N+1)x(N+1)`

ou

`":" símbolo-representando-objeto-ntransform`

Veja [seção 4.1.7 \[Matrizes de transformacao ND\]](#), página 67, para o formato de matriz.

Mais dois campos INST são aceitos: `location` e `origin`.

Note que `location` bem como `origin` são ignorados se esse objeto INST realiza uma `ntransform`. Também, se a visualização ND está ativada (comando `ND-axes`, veja [Capítulo 7 \[GCL\], página 127](#)) então objetos INST com `origin` diferente de `local` não irão ser desenhados, embora o material `location` possa trabalhar (ou não).

`location [global ou camera ou ndc ou screen ou local]`

Normalmente um INST especifica uma posição relativa a seu objeto pai; o campo `location` permite colocar um objeto em qualquer lugar.

- `location global` anexa o objeto ao ambiente do sistema de coordenadas global (também conhecido como "universe") – o mesmo dos objetos mundo do Geomview, das geometrias alienígenas, e câmeras são colocados.
- `location camera` coloca o pai do objeto como sendo uma câmera. (Dessa forma se houverem multiplas visualizações, essas visualizações podem aparecer em uma diferente posição espacial em cada visualização.) O centro de visão da camera está em volta da parte negativa do seu eixo z; X positivo está à direita e adiante, Y positivo está acima e adiante. Normalmente as unidades do espaço da câmera são as mesmas das coordenadas globais. Quando uma câmera é colocada de volta à sua posição inicial, a origem global está localizada em (0,0,-3.0).
- `location ndc` coloca os parentes do objeto no cubo unitário normalizado no qual a projeção da câmera (perspectiva ou ortográfica) mapeia o objeto mundo visível. X, Y, e Z estão no intervalo de -1 a +1, com Z = -1 estando mais próximo e Z = +1 adiante do plano de corte, e X e Y nas direções à direita e adiante e acima e adiante respectivamente. Dessa forma alguma coisa como

```
INST transform 1 0 0 0 0 1 0 0 0 0 1 0 -.9 -.9 -.999 1
      location ndc
      geom < label.vect
```

cola `label.vect` dentro do canto inferior esquerdo de cada janela, e em frente de tudo mais que estiver próximo, assumindo o conteúdo `label.vect` como localizado no quadrante positivo do plano XY. É tentado usar -1 em lugar de como a componente Z da posição, mas o -1 pode colocar o objeto apenas nas proximidades em lugar de muito perto do plano de corte e tornar o objeto (parcialmente) invisível, devido a algum erro de cálculo com números em ponto flutuante.

- `location screen` coloca o objeto objeto em coordenadas de tela. O intervalo de Z é ainda de -1 a +1 como para coordenadas ndc; X e Y são medidos em pixels, e a posição de (0,0) localiza-se no canto *inferior esquerdo* da janela, avançado para a direita e adiante e para cima e adiante.

`location local` é o padrão; o objeto está posicionado relativametne a seus genitores.

`origin [global ou camera ou ndc ou screen ou local] x y z`

O campo `origin` reposiciona o conteúdo da INST de forma que o local da origem seja o ponto especificado do sistema de coordenadas fornecido. A menos que `location` seja especificado, essa opção não muda a orientação, somente a escolha da origem. Ambas as opções `location` e `origin` podem ser usadas juntas.

Então por exemplo

```
{ INST
  location screen
```



```

origin ndc 0 0 -.99
geom { < xyz.vect }
transform { 100 0 0 0 0 100 0 0 0 0 -.009 0 0 0 0 1 }
}

```

coloca a origem de xyz.vect no centro da janela, apenas transformando o plano de corte mais próximo. O comprimento da unidade das arestas X e Y são ajustados proporcionalmente para ter o comprimento de apenas 100 unidades de tela – pixels –, independentemente do tamanho da janela.

#### 4.2.9.1 Exemplos INST

Aqui estão alguns exemplos de arquivos INST

```

INST
    unit < xyz.vect
    transform {
        1 0 0 0
        0 1 0 0
        0 0 1 0
        1 3 0 1
    }

{ appearance { +edge material { edgecolor 1 1 0 } }
  INST geom < mysurface.quad }

{INST transform {: T} geom {<dodec.off}}

{ INST
    transforms
    { LIST
    { < some-matrices.prj }
    { < others.prj }
    { TLIST <still more of them> }

    }
    geom
    { # material copiado a partir de todas as matrizes acima
    ...
    }
}

```

O exemplo adiante assemelham-se ao exemplo de origin na seção acima, mas fazem com que as arestas X e Y sejam 1/4 do tamanho da janela (1/4, não 1/2, uma vez que o intervalo das coordenadas ndc de X e Y estejam de -1 a +1).

```

{ INST
    location ndc
    geom { < xyz.vect }
    transform { .5 0 0 0 0 .5 0 0 0 0 -.009 0 0 0 -.99 1 }
}

```

### 4.2.10 Arquivos do Tipo LIST

O sufixo convencional para um arquivo LIST é `‘.list’`.

Uma lista de objetos Oogl

Sintaxe:

```
LIST
    oogl-object
    oogl-object
    ...
```

Note que não existe separação explícita entre os objetos oogl, de forma que eles podem ser colocados entre chaves (`{ }`) por questões de clareza. Da mesma forma não existe um marcador explícito para o final da lista; a menos que o arquivo apareça sozinho em um arquivo de disco, a construção completa pode também ser empacotada entre chaves, como em:

```
{ LIST { QUAD ... } { < xyz.quad } }
```

Uma LIST vazia, i.e. `{ LIST }`, é válida, e é o caminho mais fácil para criar um objeto vazio. Por exemplo, para remover uma definição de símbolo você pode escrever

```
{ define algunsímbolo { LIST } }
```

### 4.2.11 Arquivos do Tipo TLIST

O sufixo convencional para um arquivo TLIST é `‘.grp’` ("grupo") ou `‘.prj’` (matrizes "projetivas").

Coleções de matrizes 4x4, usadas na seção `transforms` de/e objeto `INST`.

Sintaxe:

```
TLIST # palavra chave
<matriz 4x4 (16 números em ponto flutuante)>
... # qualquer número de matrizes 4x4
transform {                # referência a um objeto de transformação
<objeto de transformação (pode ser um manipulador)>
}
tlist {                    # TLIST aninhada
<objeto TLIST Oogl (pode ser um manipulador)>
}
```

Objetos TLIST são usados somente dentro de cláusulas `transforms` de um objeto `INST`. Objetos TLIST fazem com que os objetos `geom INSTs` sejam instanciados uma vez sob cada uma das transformações na TLIST. O efeito é como aquele de um LIST de INSTs cada uma com uma transformação simples, e todas as transformações referindo-se ao mesmo objeto, mas é mais eficiente.

TLISTs podem ser aninhadas: efetivamente isto significa que todas as transformações em cada objeto TLIST aninhado são multiplicadas (à esquerda) através das transformações no objeto TLIST mais externo.

Esteja informado de que uma TLIST é um tipo de `geom`, distinto de um objeto `transform`. Alguns contextos esperam um `geom`, alguns contextos esperam um `transform`. Por exemplo em

```

INST transform { : meuT } geom { ... }
meuT deve ser um objeto transform, que pode ter sido criado com a GCL
(read transform { define meuT 1 0 0 1 ... })
enquanto em
    INST transforms { : meusTs } geom { ... }
ou
    INST transforms { LIST { : meusTs } {< more.prj> } geom { ... }
meusTs deve ser um objeto geom, definido e.g. com
    (read geometry { define meusTs { TLIST 1 0 0 1 ... } })

```

O formato TLIST BINARY é aceito. Dados binários iniciam-se com um inteiro de 32-bit fornecendo o número de transformações, seguido por aquele número de matrizes 4x4 no formato em número de ponto flutuante de 32-bit. A ordenação dos elementos da matriz é a mesma do formato ASCII.

#### 4.2.12 Arquivos do Tipo GROUP

Esse formato é obsoleto, mas ainda é aceito. It combined the functions of INST and TLIST, taking a series of transformations and a single Geom (unit) objeto, and replicating the objeto under each transformation.

```

GROUP ... < matrices > ... unit { oogl-object }
is still accepted and effectively translated into
INST
transforms { TLIST ... <matrices> ... }
unit { oogl-object }

```

#### 4.2.13 Arquivos do Tipo DISCGRP

Esse formato é para grupos discretos, tais como aparecem na teoria dos coletores (manifolds) ou em modelos de simetria. Esse formato tem sua própria página de manual. Veja [discgrp\(5\)](#).

#### 4.2.14 Objetos do Tipo COMMENT

O objeto COMMENT é um mecanismo para codificar dados arbitrários dentro de um objeto OOGL. O objeto COMMENT pode ser usado para manter trilhas de dados ou para passagem de dados de retorno e passar dados adiante entre módulos externos.

Sintaxe:

```

COMMENT                                # palavra chave

nome tipo    # nome individual e especificador de tipo
{ ... }      # dados arbitrários

```

Os dados, que devem ser contidos dentro de chaves, podem incluir qualquer coisa exceto chaves não balanceadas (aberta mas sem o fechamento correspondente ou fechada mas sem a abertura correspondente). O campo *tipo* pode ser usado para identificar dados de interesse de um programa em particular apesar de nomear convenções.

Objetos COMMENT são entendidos como estando associados com outros objetos apesar da inclusão em um objeto LIST. (Veja [seção 4.2.10 \[LIST\]](#), página 89.) A sintaxe da

cerquilha "#" OOGL de comentário não é suficiente para troca de dados uma vez que esses comentários são removidos quando um objeto OOGL é lido dentro do Geomview. O objeto COMMENT é preservado quando chamado dentro do Geomview e é mantido intacto na saída.

Aqui está um exemplo associando uma localização na internet a uma peça de geometria:

```
{ LIST
  { < Tetrahedron}
  {COMMENT GCHomepage HREF { http://www.geomview.org/ }}
}
```

Um formato de COMMENT binário é aceito. Esse formato binário de comentário não é consistente com outros formatos binários OOGL. Veja [seção 4.1.8 \[Formato binario\]](#), página 67. O nome e o tipo são seguidos por

*N Byte1 Byte2 ... ByteN*

Em lugar de dados contidos dentro de chaves.

### 4.3 Objetos nao-geometricos

A sintaxe desses objetos é fornecida na forma usada em [seção 4.1.9 \[Referencias\]](#), página 68, onde itens "entre aspas duplas" devem aparecer literalmente mas sem aspas duplas, itens entre colchêtes ([ ]) são opcionais, e a barra vertical "|" separa escolhas alternativas.

#### 4.3.1 Objetos de aparencia

Aparências são objetos OOGL com características próprias, que simplesmente significam que é possível fornecer a eles nomes simbólicos (Veja [seção 4.1.9 \[Referencias\]](#), página 68). Existem outras seções manuseado detalhes de aparência. Veja [seção 4.1.10 \[Aparencias\]](#), página 69.

#### 4.3.2 Objetos de imagem

Objetos de imagem são usados para especificar dados de pixmap ou para texturas (Veja [seção 4.1.11 \[Mapeamento de Textura\]](#), página 74), ou para imagens de fundo de câmeras (Veja [seção 7.2.19 \[camera\]](#), página 131).

Ao mesmo tempo em que imagens são escritas elas são também comprimidas de 1 a 4 canais, um canal fornece um número simples no intervalo que vai de 0 a **maxval** para cada ponto de imagem (pixel); e **maxval** é colocado em 255. A interpretação dos dados de imagem dependente do número de canais é como segue:

#Canais	No. do Canal	Interpretação
1	1	escala de cinza ou dados de luminância
2	1	escala de cinza ou dados de luminância
	2	canal alfa (0: transparente, <b>maxval</b> : opaco)
3	1	canal vermelho
	2	canal verde
	3	canal azul
4	1	canal vermelho
	2	canal verde
	3	canal azul

4 canal alfa (0: transparente, maxval: opaco)

Dados de imagem podem ser especificados inline (embutidos dentro do fluxo de dados atual) ou via referências de arquivos; em ambos os casos os dados são lidos e interpretados ao mesmo tempo que o objeto de imagem é passado. *Essa forma é diferente da antiga (e desatualizada) forma de especificação de textura de imagem, onde os dados de imagem em uma mídia podem eventualmente serem re-lidos pelo Geomview.*

A sintaxe geral de objetos de imagem é como segue:

```
<image> ::=
  [ "{" ]           (abertura de chave, geralmente precisam informar
                    o fim do objeto de forma clara.)
  [ "image" ]       (palavra chave opcional; desnecessária se o tipo
                    é determinado pelo contexto, o que
                    usualmente acontece.)
  [ "define" <nome> ]
                    (define uma imagem chamada <nome>, escolhendo
                    seus valores a partir do material adiante)
  |
  "<" <nomedearquivo> (significando: leia a imagem de contida
                    em nomedearquivo)
  |
  ":" <nome>         (significando: use a variável nome,
                    definida em algum lugar; se a variável não
                    for definida em algum lugar a imagem
                    é tida como vazia)
  |
                    (material atual de definição de imagem; dados
                    da imagem obrigatoriamente vêm por ultimo,
                    após a definição da largura e da altura
                    e do número de canais)
  "width"           (largura da imagem, detectado automaticamente
                    a partir dos dados da imagem se possível)
  "height"          (altura da imagem, detectado automaticamente
                    a partir dos dados da imagem se possível)
  "channels"         (número de canais, detectado automaticamente
                    a partir dos dados da imagem e a partir das
                    especificações data descrita
                    adiante, se possível)
  "maxval"          (não suportado, obrigatoriamente deve ser 255 se
                    especificado)
  "data MASCDEST [FILTER] [{] < NOME DO ARQUIVO [}]"
  "data MASCDEST [FILTER] TAMAN_IMAGEM [{] [\n] DADOS_LIT_IMAGEM [}]"
```

(dados de imagem ou externos ou embutidos, veja abaixo para uma descrição detalhada do significado de *MASCDEST* e *FILTER*. Uma imagem pode -e tem, em geral- múltiplas seções de dados.)

[ "]" (fechamento correspondente da chave)

#### Detalhes relativos à especificação dos dados de uma imagem:

##### 'MASCDEST'

Esse é um campo-bit descrevendo onde os dados da imagem especificada devem ser colocados no pixmap de destino. O campo-bit é especificado por meio de um inteiro em um dos formatos conhecidos (decimal, octal, hexadecimal). Os canais dos dados fonte são sempre enumerados consecutivamente. Se, e.g. 'NOMEDOARQUIVO' ou 'DADOS\_LIT\_IMAGEM' especificam um imagem (provavelmente RGB ...) de três canais e 'MASCDEST' for igual a 0xD (i.e. o primeiro bit é 0), então o terceiro canal do pixmap fonte pode ser substituído no quarto canal do objeto imagem de destino (o canal alfa), o segundo canal pode determinar o valor de destino 'azul' e o primeiro canal da fonte determina o valor de destino correspondente ao 'vermelho'.

O número de canais dos dados fontes sempre tem que coincidir com o número de bits especificado como 'MASCDEST'. **Exceção:** se o pixmap fonte possui somente um canal, então o número de canais dos dados fonte pode ser usado para preencher qualquer número de canais de destino; todos os canais especificados em 'MASCDEST' são preenchidos com os dados do canal simples do pixmap fonte.

Geomview conhece as seguintes constantes simbólicas, que podem ser usadas em lugar de especificar o campo-bit 'MASCDEST' numericamente:

##### LUMINANCE

o mesmo que '1', '0x1', '\01'

##### LUMINANCE\_ALPHA

o mesmo que '3', '0x3', '\03'

##### RGB

o mesmo que '7', '0x7', '\07'

##### RGBA

o mesmo que '15', '0xf', '\017'

##### ALPHA

dependendo do contexto: o número absoluto de canais deve obrigatoriamente ser conhecido; i.e. 'data ALPHA ...' deve obrigatoriamente ser colocado antes de alguma coisa de forma a determinar o número de canais da imagem, e.g.

```
...
data RGB ...
data ALPHA
...
```

é válido, mas

```
<nenhumoutrocanalouespecificaçãodedadosdeimagem>
data ALPHA ...
```

<todo o resto ...>

não é válido, porque Geomview não tem meios de determinar o canal de destino a partir do contexto.

**AUTO** Dados de imagem no formato PGM é interpretado como canal simples em escala de cinza, dados RGB PNM como dados de imagem RGB. **AUTO** não pode trabalhar com dados de imagem no formato 'raw'.

**'FILTER'** A especificação **'FILTER'** é opcional. se for omitida, então Geomview tenta determinar o tipo de imagem usando o sufixo de **'NOMEDOARQUIVO'**. Se não houver sufixo ou o sufixo for desconhecido, ou para dados embutidos de imagem, Geomview está apto a auto-detectar o formato do arquivo de imagem SGI (por razões históricas ...) e formatos de imagem NetPBM (por razões práticas). A auto-deteção de formatos NetPBM incluem o novo formato de imagem *PAM* que permite (em meio a um monte de outras coisas) armazenar um canal alfa juntamente com os dados de luminância ou de RGB. Da mesma forma, a saída final de qualquer dos filtros especificados devem ou ser no formato de arquivo de imagem SGI, ou especificar uma imagem PAM, PNM ou PGM. Se o formato de arquivo de imagem não puder ser determinado por ou pelo sufixo do nome de arquivo ou pela especificação de filtro ou pela auto-deteção de dados SGI ou NetPBM, então Geomview assume que os dados sejam "raw". Veja abaixo. Os filtros de descompressão podem ser deduzidos ou de um dos formatos de imagem conhecidos ou de um especificador de filtro explícito, e.g. o seguinte é válido:

```
data LUMINANCE raw.gzip { < arquivoemtonsdecinzagzipado }
```

A linha acima deve ser equivalente a

```
data LUMINANCE raw { < arquivoemtonsdecinza },
```

fornece dados descomprimidos realizados através de dados de canal simples, com o primeiro pixel correspondendo ao canto inferior esquerdo (devido ao formato 'raw' de imagem, veja abaixo).

Geomview tem conhecimento interno dos seguintes filtros/sufixos:

#### Descompressão de Dados

'z'

'gz'

'gzip' os dados são direcionados por 'gzip -dc'

'bz2'

'bzip2' os dados são direcionados por 'bzip2 -dc'

#### Formatos de Imagem

'tiff'

'tif' Formato de imagem TIFF. Somente suportado se o executável **tifftopnm** puder ser executado no caminho de execução atual.

<code>'png'</code>	Formato de imagem PNG. Somente suportado se o executável <code>pngtopnm</code> puder ser executado no caminho de execução atual.
<code>'jpg'</code>	
<code>'jpeg'</code>	Formato de imagem JPEG. Somente suportado se o executável <code>jpegtopnm</code> puder ser executado no caminho de execução atual.
<code>'gif'</code>	Formato de imagem GIF image file format. Somente suportado se o executável <code>giftoppm</code> puder ser executado no caminho de execução atual.
<code>'raw'</code>	Dados de imagem em Raw; o número de canais deve coincidir com o número de bits informado em <code>'MASCDEST'</code> . Pixels são especificados com 1 byte por canal. Os pixels são organizados em linhas como em <code>'luminance[-alpha]'</code> ou em amostras <code>'RGB[A]'</code> . O pixel mais à esquerda é o primeiro pixel em cada linha de dados, a linha de dados mais acima deve vir primeiramente (isso é apenas o mesmo que a convenção de NetPBM, os sistemas de coordenadas de imagem têm sua origem no canto superior esquerdo, da forma usual).

### Filtros Explicitamente Especificados

Se nenhum dos sufixos especificados acima coincidirem, então o sufixo/filtro é interpretado como um filtro de programa externo; o programa do filtro externo deve ler de `STDIN` (da entrada padrão) e escrever para `STDOUT` (a saída padrão). A saída deve ou ser no formato de imagem SGI, ou no formatos de image PNM ou PGM. De outra forma os dados de saída são interpretados como dados de imagem no formato raw (veja acima).

Alguma coisa como o seguinte pode trabalhar, garantindo que o programa `'${HOME}/bin/bububfilter'` exista, seja executável e faça alguma coisa útil:

```
...
data RGB "${HOME}/bin/bububfilter.bzip2" 7
{ # dados binários seguem
bububub
}
...
```

Note que – previamente fornecendo os dados para `'bububfilter'` – Geomview irá tentar descompactar o material com `'bzip2 -dc'`.

**Omitindo dados de imagem:** Normalmente, o número de canais de imagem é determinado automaticamente a partir das especificações dos **dados** de imagem; se a especificação de imagem carrega um número explícito de canais via palavra chave **channels** que excede o número de canais encontrado nas especificações de **dados**, ou se a união de todas as



especificações ‘MASCDEST’ possuem buracos, então omitindo luminância e canais RGB são inicializados para 0, e um canal alfa omitido é inicializado para `maxval`, i.e. omitindo os dados do canal alfa para uma imagem RGBA é apenas o mesmo que definir uma imagem RGB.

### 4.3.3 Objetos de Transformação

Onde uma matriz simples 4x4 é esperada – como no campo de `transform INST`, a transformação da câmera `camtoworld` e os comandos do Geomview `xform*` – use um objeto de transformação.

Note que uma transformação é diferente de uma `TLIST`, que é um tipo de geometria. `TLISTs` podem conter uma ou mais transformações 4x4; objetos "transform" devem ter exatamente uma.

Por que temos ambos ("transform" e `TLIST`)? Em muitos lugares – e.g. posicionamento de câmeras – é somente significativo ter uma transformação simples. Usando um tipo separado de objeto reforça isso.

A sintaxe para um objeto de transformação "transform" é

```
<transform> ::=
  [ "{" ]           (Abertura de chave, geralmente necessário para
                    tornar o fim do objeto claramente explicitado.)

  [ "transform" ]   (palavra chave opcional; desnecessária se o tipo
                    for determinado pelo contexto, o que comumente
                    ocorre.)

  [ "define" <nome> ]
                    (define uma transformação chamada <nome>,
                    escolhendo seus valores do material adiante)

  <dezesseis números em ponto flutuante>
                    (interpretado como uma transformação homogênea 4x4
                    fornecida linha por linha, intencionalmente aplicada a um
                    vetor linha multiplicado à ESQUERDA, de forma que
                    e.g. translações euclidianas apareçam na linha
                    inferior)

  |
  "<" <nomedearquivo> (significando: leia a transformação a partir
                    daquele arquivo)

  |
  ":" <nome>         (significando: use a variável <nome>,
                    definida em algum lugar; se não definido o valor
                    inicial é a transformação identidade)

  [ "]" ]           (fechamento de chave correspondente)
```

O conjunto pode ser colocado entre { chaves }. As chaves não são essenciais se exatamente um dos itens acima estiver presente, então e.g. um array 4x4 de números em ponto flutuante independente não precisa necessariamente ter chaves.

Alguns exemplos, em contextos onde eles podem ser usados:

```

# Exemplo 1: Um comando GCL para definir uma transformação
# chamada "fred"

(read transform { transform define fred
    1 0 0 0
    0 1 0 0
    0 0 1 0
    -3 0 1 1
}
)

# Exemplo 2: Um objeto câmera usando a transformação
# "fred" para posicionamento de câmera
# Fornecida a definição acima, isso coloca a câmera em
# (-3, 0, 1), olhando na direção -Z.

{ camera
    halfyfield 1
    aspect 1.33
    cantoworld { : fred }
}

```

#### 4.3.4 Objetos ND-Transform

Onde – no contexto de visualização NDimensional – uma matriz simples  $(N+1) \times (N+1)$  é esperada – como no campo `INST ntransform`, ou a `ND-xform*` (veja comandos [Capítulo 7 \[GCL\]](#), página 127) – use um objeto `ntransform`.

`ntransform` são matrizes de transformação  $N\text{Linhas} \times N\text{Colunas}$  onde usualmente  $N\text{Linhas} = N+1$  no contexto de objetos  $N$ -dimensionais e visualização. A componente homogênea de uma `ntransform` situa-se na coluna zero (em oposição a objetos `transform` comuns onde a componente homogênea situa-se na coluna três). Objetos `ntransform` trabalham sobre pontos de qualquer dimensão: se um ponto é para ser transformado através de um objeto `ntransform` e a dimensão do ponto não coincide com o número de linhas do objeto `ntransform`, então ou o ponto está implicitamente preenchido com zeros para coincidir com  $N\text{Linhas}$  ou a matriz está implicitamente preenchida com unidades abaixo de sua diagonal principal (e zeros em todas as outras posições) de forma que a matriz irá trabalhar como a matriz identidade sobre as dimensões excedentes do ponto de entrada.

A sintaxe para um objeto `ntransform` é

```

<ntransform> ::=
    [ "{" ]                (abertura de chave, geralmente necessária para
                           tornar o fim do objeto claramente explicitado.)

    [ "ntransform" ]       (palavra chave opcional; desnecessária se o tipo
                           for determinado pelo contexto, o que
                           comumente ocorre.)

    [ "define" <nome> ]    (define uma transformação chamada <nome>,

```

```

                                escolhendo seus valores do material adiante)

    NLinhas NColunas
                                (número de linhas e colunas da matriz,
                                tipicamente N+1 N+1, mas qualquer dimensão
                                é possível)
    <NLinhas x NColunas números em ponto flutuante>
                                (interpretados como uma transformação homogênea
                                NLinhas x NColunas fornecida linha por linha,
                                pretensamente a ser aplicada a um vetor linha
                                multiplicado à ESQUERDA, de forma que e.g.
                                translações Euclidianas aparecem na linha mais
                                acima -- em oposição a objetos de
                                transformação comuns onde as
                                translações aparecem na linha mais inferior)
|
    "<" <nomedearquivo> (significando: leia a transformação daquele
                                arquivo)
|
    ":" <nome>           (significando: use a variável <nome>,
                                definida em algum lugar; se não for definida o
                                valor inicial é a transformação identidade)

[ "]" ]                  (correspondente fechamento de chave)

```

O conjunto deve ser delimitado entre { chaves }. Chaves não são necessariamente essenciais, de forma que e.g. dois inteiros – *NLinhas NColunas* – seguidos por um array composto de *NLinhas x NColunas* números em ponto flutuante independentes pode mas não precisa ter chaves.

Alguns exemplos, em contextos onde eles possivelmente podem ser usados:

```

# Exemplo 1: Um comando GCL para definir uma transformação 6x6 chamada
# "fred", uma mera translação por meio do vetor -3 0 1 1 0. Essa
# transformação é significativa para um espaço pentadimensional, com uma componente
# homogênea um índice zero.

```

```

(read ntransform { ntransform  define fred
    6 6
    1 -3 0 1 1 0
    0 1 0 0 0 0
    0 0 1 0 0 0
    0 0 0 1 0 0
    0 0 0 0 1 0
    0 0 0 0 0 1
}
)

```

```

# Exemplo 2: Escolhe o ND-xform de um objeto -- um geométrico ou um grupo de

```

```
# cameras. Fornecendo a definição acima, o ND-xform escolhido coloca o ob-
jeto em (-3 0 1 1
# 0) no espaço pentadimensional.

(ND-xform-set focus : fred)

# ou

(ND-xform-set g1 : fred)
```

### 4.3.5 câmera

Um objeto câmera especifica as seguintes propriedades de uma câmera:

posição e orientação

especificada por ou uma transformação camera para o objeto mundo ou uma transformação de objeto mundo para a câmera; essa transformação não inclui a projeção, de forma que essa transformação é tipicamente apenas uma composição de translação e rotação. Especificado como um objeto transform, tipicamente uma matriz 4x4.

"focus" - distância focal

Ao invés de sugerir uma distância típica da câmera ao objeto de interesse; usada para o posicionamento padrão da câmera (a câmera é colocada em  $(X,Y,Z) = (0,0,focus)$  quando resetada) e para ajustar o campo de visão quando alternando entre os modos de visualização ortográfico e perspectivo.

razão de aspecto da janela

A verdadeira razão de aspecto no sentido  $\langle Xsize \rangle / \langle Ysize \rangle$ . Essa razão de aspecto normalmente pode concordar com a razão de aspecto da janela de camera. Geomview normalmente ajusta a razão de aspecto de suas câmeras para coincidir com suas janelas associadas.

distância de plano de corte próximo e distante

Note que ambas as distâncias devem ser estritamente maiores que zero. Razões de distância  $\langle distante \rangle / \langle próximo \rangle$  muito grandes fazem com que a área de armazenamento temporário do eixo Z comporte-se de forma péssima; parte de um objeto pode ser visível mesmo se estiver em algum lugar mais distante que outro.

campo de visão

Especificado em uma das duas formas a seguir.

‘fov’            é o campo de visão – em graus se perspectivo, ou distância linear se ortográfico – na *menor* direção.

‘halfyfield’

é metade do campo projetado no eixo Y, em coordenadas do objeto mundo (não angulo!), em unidades de distância a partir da câmera. Para uma câmera em perspectiva, halfyfield é relacionado ao campo angular:

$$\text{halfyfield} = \tan( Y\_axis\_angular\_field / 2 )$$



```

                                restringido para ser o inverso de

"halfyfield" <meio-campo-linear-Y-em-unidade-de-distância>
                                (o padrão é tan 40/2 graus)
                                Nota de tradução:40 é o valor padrão
                                do campo de visão (fov).

"fov"                          (campo de visão angular se "perspective",
                                campo de visão linear em caso contrário.
                                Medido em qualquer direção é menor,
                                dando a razão aspecto. Quando a razão de
                                aspecto muda -- e.g. quando uma janela é
                                reajustada -- "fov" é preservado.)

"frameaspect" <razão-de-aspecto>      (X/Y) (padrão 1.333)

"near"   <distância-de-corte-próxima>      (padrão 0.1)

"far"    <distância-de-corte-afastada>      (padrão 10.0)

"focus" <distância-focal>                (padrão 3.0)

"bgcolor" <cor RGB(A) em ponto flutuante>
                                (padrão 1/3 1/3 1/3 1)

"bgimage" { <especificação de imagem> }
                                (padrão nenhuma imagem de fundo)

[ "]" ]                                (correspondente fechamento de chave)

```

### 4.3.6 Janela

Um objeto janela especifica tamanho, posição, e outras informações relacionadas ao sistema de janelas sobre uma janela de forma que essas informações sejam independentes do dispositivo.

A sintaxe de um objeto janela é:

```

nomejanela ::=

[ "window" ] (palavra chave opcional)
[ "{" ] (abertura de chave, requerida na maioria das vezes)

    (qualquer dos seguintes, em qualquer ordem)

"size" <tamanhox> <tamanhoy>
(tamanho da janela)

```

```
"position"  <xmin> <xmax> <ymin> <ymax>
(posição & tamanho)
```

```
"noborder"
(especifica se a janela pode
ter ou não uma borda)
```

```
"pixelaspect"  <aspecto>
(especifica a razão de aspecto real visualizada
de um pixel nessa janela no sentido
tamanhox/tamany, normalmente 1.0.
Para hardware stereo o qual corta o
display verticalmente por um fator de 2,
‘‘pixelaspect 0.5’’ pode funcionar.
O valor é usado no cálculo da
projeção de uma câmera associada a
essa janela.)
```

```
[ "}" ] (correspondente fechamento de chave)
```

Objetos janela são usados em `janelas` do Geomview e em comandos do painel de interação/interface com o usuário (`ui-panel`) para escolher propriedades padronizadas para futuras janelas ou mudar as mesmas propriedades padronizadas de uma janela existente. Veja [seção 7.2.156 \[window\]](#), página 158. Veja também [seção 7.2.149 \[ui-panel\]](#), página 157.

## 5 Customização: arquivos ‘.geomview’

Quando Geomview é iniciado, ele chama e executa comando em um arquivo de inicialização dependente do sistema operacional chamado ‘.geomview’. Esse arquivo está no subdiretório ‘data’ do diretório de distribuição do Geomview e contém comandos GCL para configurar Geomview de uma forma comum para todos os usuários no sistema.

A seguir, Geomview procura o arquivo ‘~/geomview’ (‘~’ corresponde a seu diretório base). Você pode usar esse arquivo para configurar seu próprio comportamento padrão do Geomview de forma que ele se ajuste às suas preferências.

Após a leitura de ‘~/geomview’, Geomview procura por um arquivo chamado ‘.geomview’ no diretório atual. Se tal arquivo existir Geomview lê esse arquivo, a menos que esse arquivo seja o mesmo que ‘~/geomview’ (o que pode ser o caso se você estiver executando o Geomview a partir de seu diretório base). Você pode usar o ‘.geomview’ do diretório atual para criar uma personalização no Geomview específica para um certo projeto.

Você pode usar arquivos ‘.geomview’ para controlar todos os tipos de coisa no Geomview. Eles podem conter quaisquer declarações GCL válidas. Especialmente útil é o comando `ui-panel` que controla a localização inicial dos painéis do Geomview. Para um exemplo veja o arquivo dependente do sistema ‘.geomview’ mencionado acima. Veja [Capítulo 7 \[GCL\]](#), página 127. Veja [seção 7.2.149 \[ui-panel\]](#), página 157.

Uma boa idéia colocar juntos todos os comandos que você coloca em um arquivo ‘.geomview’ em uma declaração `progn` com o objetivo de fazer com que Geomview execute todos de uma só vez. Caso você não faça isso Geomview possivelmente pode executar esses comando sequencialmente sobre os primeiros poucos ciclos de atualização após a inicialização.

Para modificar, e.g. a política de focalização da janela de câmera de forma que ela selecione a política de focalização do gerenciador de janela (em lugar de ser ativada quando o cursor do mouse cruza a janela), você pode colocar o seguinte no seu arquivo ‘~/geomview’:

```
(progn
  (ui-cam-focus focus-change)
  ... # other stuff
)
```

Você pode colocar qualquer comando GCL válido nos seus arquivos ‘.geomview’, Veja [Capítulo 7 \[GCL\]](#), página 127. Veja [seção 7.2.106 \[progn\]](#), página 148. Veja [seção 7.2.141 \[ui-cam-focus\]](#), página 155.



## 6 Módulos Externos

Um módulo externo é um programa que interage com Geomview. Um módulo comunica-se com Geomview através de GCL e pode controlar qualquer aspecto do Geomview que você possa controlar através da interface de usuário do Geomview.

Em muitos casos um módulo externo é um programa especializado que implementa algum algoritmo matemático que cria um objeto geométrico que modifica aparência à medida que o algoritmo progride. O módulo informa ao Geomview da nova aparência do objeto a cada passo, de forma que o objeto aparenta evoluir com o tempo na janela do Geomview. Dessa modo Geomview serve como um *ferramenta de exibição* para o módulo.

Um módulo externo pode ser interativo. Esse módulo pode responder a eventos de mouse e a eventos de teclado que ocorram em uma janela do Geomview, dessa forma estendendo a capacidade do Geomview propriamente dito.

### 6.1 Como Módulos Externos Interagem com o Geomview

Módulos externos aparecem no navegador de Módulos (*Modules*) no painel principal (*Main*) do Geomview. Para executar um módulo, clique no botão esquerdo do mouse sobre a entrada do módulo no navegador. Enquanto o módulo estiver sendo executado, uma linha adicional para aquele módulo irá aparecer no navegador. Essa linha inicia-se com um número entre colchêtes, que indica o número de *instância* do módulo. (Para alguns módulos faz sentido ter mais de uma instância do módulo sendo executado ao mesmo tempo.) Você pode encerrar um módulo externo através de um clique sobre sua entrada vermelha de instância.

Por padrão quando Geomview inicia, mostra todos os módulos que tiverem sido instalados no seu sistema.

Para instruções sobre instalação de algum módulo no seu sistema de forma que esse módulo apareça no navegador de módulos (*Modules*) toda vez que Geomview estiver sendo executado por alguém no seu sistema, veja [seção 6.7 \[Module Installation\]](#), página 125.

Quando Geomview chama um módulo externo, cria pipes conectados às saídas e às entradas padrão do módulo. (Pipes são como arquivos exceto que eles são usados para comunicação entre programas em lugar de armazenar coisas em um disco.) Geomview interpreta qualquer coisa que o módulo escreve em sua saída padrão como um comando GCL. Da mesma forma, Se um módulo externo requisita qualquer dado do Geomview, Geomview escreve aquele dado para a entrada padrão do módulo. Dessa forma tudo que um módulo tem de fazer com o objetivo de comunicar-se com Geomview é escrever comandos para sua saída padrão e (opcionalmente) receber dados de sua entrada padrão. Note que isso significa que o módulo não pode usar a entrada padrão e a saída padrão para comunicar-se com o usuário. Se um módulo precisar comunicar-se com o usuário isso pode ser feito ou através de um painel de controle nele próprio ou em caso contrário através de respostas a certos eventos que esse módulo encontrar como saída vinda do Geomview.

### 6.2 Exemplo 1: Módulo Externo Simples

Essa seção fornece um módulo externo extremamente simples que mostra uma malha oscilando. Para experimentar esse exemplo, faça uma cópia do arquivo `example1.c` (esse arquivo é distribuído com Geomview no subdiretório `doc`) em seu diretório e compile `example1.c` com o comando

```
cc -o example1 example1.c -lm
```

A seguir coloque a linha

```
(emodule-define "Example 1" "./example1")
```

em um arquivo chamado `‘.geomview’` no seu diretório atual. A seguir chame o Geomview; É importante que você compile o programa exemplo, crie o arquivo `‘.geomview’` e chame o Geomview a partir do mesmo diretório. Você pode ver "Example 1" no navegador de módulos (*Modules*) do painel principal (*Main*) do Geomview; clique sobre essa entrada no navegador para iniciar o módulo. Uma superfície deve aparecer na sua janela de câmera e deve estar oscilando. Você pode parar o módulo clicando sobre a linha "[1] Example 1" no navegador de módulos (*Modules*).

```
/*
 * example1.c: oscillating mesh
 *
 * This example module is distributed with the Geomview manual.
 * If you are not reading this in the manual, see the "External
 * Modules" chapter of the manual for more details.
 *
 * This module creates an oscillating mesh.
 */

#include <math.h>
#include <stdio.h>

/* F is the function that we plot
 */
float F(x,y,t)
    float x,y,t;
{
    float r = sqrt(x*x+y*y);
    return(sin(r + t)*sqrt(r));
}

main(argc, argv)
    char **argv;
{
    int xdim, ydim;
    float xmin, xmax, ymin, ymax, dx, dy, t, dt;

    xmin = ymin = -5;          /* Set x and y          */
    xmax = ymax = 5;           /* plot ranges          */
    xdim = ydim = 24;          /* Set x and y resolution */
    dt = 0.1;                  /* Time increment is 0.1 */

    /* Geomview setup. We begin by sending the command
     *      (geometry example { : foo})
     * to Geomview. This tells Geomview to create a geom called
```

```

    * "example" which is an instance of the handle "foo".
    */
    printf("(geometry example { : foo })\n");
    fflush(stdout);

    /* Loop until killed.
    */
    for (t=0; ; t+=dt) {
        UpdateMesh(xmin, xmax, ymin, ymax, xdim, ydim, t);
    }
}

/* UpdateMesh sends one mesh iteration to Geomview. This consists of
 * a command of the form
 * (read geometry { define foo
 *     MESH
 *     ...
 * })
 * where ... is the actual data of the mesh. This command tells
 * Geomview to make the value of the handle "foo" be the specified
 * mesh.
 */
UpdateMesh(xmin, xmax, ymin, ymax, xdim, ydim, t)
    float xmin, xmax, ymin, ymax, t;
    int xdim, ydim;
{
    int i,j;
    float x,y, dx,dy;

    dx = (xmax-xmin)/(xdim-1);
    dy = (ymax-ymin)/(ydim-1);

    printf("(read geometry { define foo \n");
    printf("MESH\n");
    printf("%1d %1d\n", xdim, ydim);
    for (j=0, y = ymin; j<ydim; ++j, y += dy) {
        for (i=0, x = xmin; i<xdim; ++i, x += dx) {
            printf("%f %f %f\t", x, y, F(x,y,t));
        }
        printf("\n");
    }
    printf("})\n");
    fflush(stdout);
}

```

O módulo inicia-se definindo uma função  $F(x,y,t)$  que especifica uma superfície variando com o tempo. O propósito do módulo é animar essa superfície com o passar do tempo.

O programa principal começa definindo algumas variáveis que especificam os parâmetros com os quais a função é para ser mostrada.

O próximo pedaço de código no programa principal envia a seguinte linha para a saída padrão

```
(geometry example { : foo })
```

Isso diz ao Geomview para criar um geom chamado `example` que é uma instância do manipulador `foo`. *Manipuladores* são uma parte do formato de arquivo OOGL que permite a você nomear uma peça do objeto geométrico cujo valor pode ser especificado em seu lugar (e nesse caso atualizado muitas vezes); para maiores informações sobre manipuladores, veja [Capítulo 4 \[Formatos dos Arquivos da OOGL\]](#), página 65. Nesse caso, `example` é o título através do qual o usuário irá ver o objeto no navegador de objeto do Geomview, e `foo` é o nome interno do manipulador para o qual o objeto aponta.

Nós então fazemos `fflush(stdout)` para garantir que Geomview receba esse comando imediatamente. Em geral, uma vez que pipes podem ser colocados em uma área de memória temporária de armazenamento, um módulo externo deve fazer isso sempre que esse módulo externo tenha que garantir que Geomview tenha atualmente recebido tudo que tenha sido mostrado na saída.

A última coisa no programa principal é um ciclo infinito que circula através de chamadas ao procedimento `UpdateMesh` com incremento dos valores de `t`. `UpdateMesh` envia ao Geomview um comando da forma

```
(read geometry { define foo
MESH
24 24
...
})
```

onde `...` é uma longa lista de números. Esse comando diz ao Geomview fazer os valores do manipulador `foo` ser a malha especificada. Tão breve quanto Geomview receba esse comando, o geom sendo mostrado muda para refletir o novo objeto geométrico.

A malha é fornecida no formato de uma OOGL MESH. Esse formato começa com a palavra chave `MESH`. A seguir temos dois números que fornecem as dimensões `x` e `y` da malha; nesse caso elas são ambas 24. Essa linha é seguida por 24 linhas, cada linha contendo 24 trios de números. Cada um desses trios representa um ponto sobre superfície. Então finalmente existe uma linha com `"}"` nesse formato que termina o `"{"` que iniciou a declaração `define` e o `"("` que iniciou o comando. Para mais detalhes sobre o formato de dados MESH, veja [seção 4.2.2 \[MESH\]](#), página 77.

Esse módulo pode ser escrito sem o uso de manipuladores escrevendo comandos da forma

```
(geometry example {
MESH
24 24
...
})
```

Nesse primeiro tempo Geomview recebe um comando e dessa forma pode criar um geom chamado `example` com os dados fornecidos da MESH. Subsequentemente comandos (`geometry example ...`) podem fazer com que Geomview substitua a geometria do geom `example` com os novos dados da MESH. Se realizado dessa forma pode não ser necessário enviar o comando inicial (`geometry example { : foo }`) como dito acima. A técnica do manipulador é útil, todavia, porque essa técnica pode ser usada em situações mais gerais onde um manipulador representa somente parte de um complexo geom, permitindo a um módulo externo substituir somente aquela parte sem ter que retransmitir o geom completo. Para mais informações sobre manipuladores, veja [Capítulo 7 \[GCL\]](#), página 127. Veja [seção 4.1.9 \[Referencias\]](#), página 68. Veja [seção 7.2.59 \[hdefine\]](#), página 137. Veja [seção 7.2.111 \[read\]](#), página 149.

O módulo entra em ciclos através de chamadas a `UpdateMesh` que fornece como saída comandos da forma acima um após o outro tão rápido quanto possível. O ciclo continua indefinidamente; o módulo irá terminar quando o usuário fizer isso clicando sobre sua linha de instância no navegador de módulos (*Modules*), ou em caso contrário quando Geomview for encerrado.

Algumas vezes quando você encerra o módulo clicando sobre sua entrada de instância no navegador de módulos (*Modules*), Geomview irá encerrá-lo enquanto o módulo está no meio de um comando ao Geomview. Geomview irá então receber somente uma peça de um comando e irá mostrar uma crítica mas inofensiva mensagem de erro sobre isso. Quando um módulo tiver um painel de interface com o usuário o usuário pode usar um botão "Quit" para fornecer uma forma mais elegante para o usuário encerrar o módulo. Veja o exemplo seguinte.

Você pode usar esse módulo em uma janela de shell sem o Geomview para ver os comando que o módulo mostra como saída. Você irá ter que encerrá-lo com `ctrl-C` para que ele pare.

### 6.3 Exemplo 2: Módulo Externo Simples Usando o Painel de Controle FORMS

Nota de tradução: Este exemplo é muito antigo e não compila nas máquinas atuais. Até o momento de digitação destas linhas de tradução ele não tinha sido atualizado permanecendo portanto inoperante.

Essa seção fornece uma nova versão do módulo acima — uma versão que inclui uma interface de usuário para controlar a velocidade da oscilação. Usamos a biblioteca FORMS criada por Mark Overmars para o painel de controle. A biblioteca FORMS é uma coleção de ferramentas para interface de usuário de domínio público para IRISes.

Para experimentar esse exemplo, faça uma cópia do arquivo `example2.c` (distribuído com Geomview no subdiretório `doc`) no seu diretório e compile-o com o comando

```
cc -I/u/gcg/ngrap/include -o example2 example2.c \
-L/u/gcg/ngrap/lib/sgi -lforms -lfm_s -lgl_s -lm
```

Você pode substituir a sequência de caracteres `/u/gcg/ngrap` acima com o nome do caminho do diretório de distribuição do Geomview em seu sistema. (A biblioteca forms é distribuída com Geomview e as opções `-I` e `-L` acima dizem ao compilador onde encontrá-las.)

Então coloque a linha

```
(emodule-define "Example 2" "./example2")
```

em um arquivo chamado `./geomview` no diretório e chame Geomview do mesmo diretório. Clique sobre a entrada "Example 2" no navegador de módulos (*Modules*) para chamar o módulo. Um pequeno painel de controle deverá aparecer. Você pode então controlar a velocidade da oscilação da malha movendo o botão deslizante.

```
/*
 * example2.c: oscillating mesh with FORMS control panel
 *
 * This example module is distributed with the Geomview manual.
 * If you are not reading this in the manual, see the "External
 * Modules" chapter of the manual for an explanation.
 *
 * This module creates an oscillating mesh and has a FORMS control
 * panel that lets you change the speed of the oscillation with a
 * slider.
 */

#include <math.h>
#include <stdio.h>
#include <sys/time.h>          /* for struct timeval below */

#include "forms.h"             /* for FORMS library */

FL_FORM *OurForm;
FL_OBJECT *VelocitySlider;
float dt;

/* F is the function that we plot
 */
float F(x,y,t)
    float x,y,t;
{
    float r = sqrt(x*x+y*y);
    return(sin(r + t)*sqrt(r));
}

/* SetVelocity is the slider callback procedure; FORMS calls this
 * when the user moves the slider bar.
 */
void SetVelocity(FL_OBJECT *obj, long val)
{
    dt = fl_get_slider_value(VelocitySlider);
}

/* Quit is the "Quit" botão callback procedure; FORMS calls this
 * when the user cliques the "Quit" botão.
```

```

    */
void Quit(FL_OBJECT *obj, long val)
{
    exit(0);
}

/* create_form_OurForm() creates the FORMS panel by calling a bunch of
 * procedures in the FORMS library. This code was generated
 * automatically by the FORMS designer program; normally this code
 * would be in a separate file which you would not edit by hand. For
 * simplicity of this example, however, we include this code here.
 */
create_form_OurForm()
{
    FL_OBJECT *obj;
    FL_FORM *form;
    OurForm = form = fl_bgn_form(FL_NO_BOX,380.0,120.0);
    obj = fl_add_box(FL_UP_BOX,0.0,0.0,380.0,120.0,"");
    VelocitySlider = obj = fl_add_valslider(FL_HOR_SLIDER,20.0,30.0,
                                           340.0,40.0,"Velocity");

    fl_set_object_lsize(obj,FL_LARGE_FONT);
    fl_set_object_align(obj,FL_ALIGN_TOP);
    fl_set_call_back(obj,SetVelocity,0);
    obj = fl_add_button(FL_NORMAL_BUTTON,290.0,75.0,70.0,35.0,"Quit");
    fl_set_object_lsize(obj,FL_LARGE_FONT);
    fl_set_call_back(obj,Quit,0);
    fl_end_form();
}

main(argc, argv)
    char **argv;
{
    int xdim, ydim;
    float xmin, xmax, ymin, ymax, dx, dy, t;
    int fdmask;
    static struct timeval timeout = {0, 200000};

    xmin = ymin = -5;           /* Set x and y          */
    xmax = ymax = 5;           /* plot ranges          */
    xdim = ydim = 24;          /* Set x and y resolution */
    dt = 0.1;                  /* Time increment is 0.1 */

    /* Forms panel setup.
     */
    foreground();
    create_form_OurForm();
    fl_set_slider_bounds(VelocitySlider, 0.0, 1.0);

```

```

fl_set_slider_value(VelocitySlider, dt);
fl_show_form(OurForm, FL_PLACE_SIZE, TRUE, "Example 2");

/* Geomview setup.
 */
printf("(geometry example { : foo })\n");
fflush(stdout);

/* Loop until killed.
 */
for (t=0; ; t+=dt) {
    fdmask = (1 << fileno(stdin)) | (1 << qgetfd());
    select(qgetfd()+1, &fdmask, NULL, NULL, &timeout);
    fl_check_forms();
    UpdateMesh(xmin, xmax, ymin, ymax, xdim, ydim, t);
}

/* UpdateMesh sends one mesh iteration to Geomview
 */
UpdateMesh(xmin, xmax, ymin, ymax, xdim, ydim, t)
    float xmin, xmax, ymin, ymax, t;
    int xdim, ydim;
{
    int i,j;
    float x,y, dx,dy;

    dx = (xmax-xmin)/(xdim-1);
    dy = (ymax-ymin)/(ydim-1);

    printf("(read geometry { define foo \n");
    printf("MESH\n");
    printf("%1d %1d\n", xdim, ydim);
    for (j=0, y = ymin; j<ydim; ++j, y += dy) {
        for (i=0, x = xmin; i<xdim; ++i, x += dx) {
            printf("%f %f %f\t", x, y, F(x,y,t));
        }
        printf("\n");
    }
    printf("})\n");
    fflush(stdout);
}

```

O Código inicia-se pela inclusão de alguns arquivos de cabeçalho necessários para o evento cíclico e para a biblioteca FORMS. O código então declara variáveis globais para manter um ponteiro para o objeto FORMS do tipo botão deslizante e a velocidade `dt`. Essas



duas variáveis são do tipo global porque elas são necessárias no procedimento de retorno do botão deslizante chamado `SetVelocity`, que faz todas as chamadas a cada vez que o usuário move a barra do botão deslizante. `SetVelocity` atualiza o valor da variável `dt` com o novo valor do botão deslizante.

`Quit` é o procedimento de chamada de retorno para o botão *Quit*; esse botão fornece um caminho elegante para o usuário encerrar o programa.

O procedimento `create_panel` chama um conjunto de procedimentos da biblioteca FORMS para ajustar o painel de controle com o botão deslizante e o botão simples. Para mais informação sobre o uso de FORMS para criar painéis de interface veja a documentação de FORMS. Em particular, FORMS vem com um desenhista de painel gráfico que conduz você a desenhar seus painéis de forma interativa e a gerar códigos como o código em `create_panel`.

Esse programa principal exemplo é similar ao exemplo anterior, mas inclui codificação extra para lidar com ajustes e gerenciamento o painel FORMS.

Para ajustar o painel chamamos o procedimento GL `foreground` para fazer com que o processo execute em primeiro plano. Por padrão programas GL executam em segundo plano, e por várias razões módulos externos que usam FORMS (que é baseado em GL) precisa executar em primeiro plano. Chamamos então `create_panel` para criar o painel e `fl_set_slider_value` para ajustar o valor inicial do botão deslizante. A chamada a `fl_show_form` faz com que o painel apareça na tela.

As primeiras três linhas do ciclo principal, iniciam-se com

```
fdmask = (1 << fileno(stdin)) | (1 << qgetfd());
```

monitora e conduz os eventos no painel. A chamada a `select` impõe uma espera a cada passagem pelo ciclo principal. Essa chamada retorna ou após uma espera de 1/5 de segundo ou quando o evento GL seguinte ocorrer, ou quando dados aparecerem na entrada padrão, o que acontecer primeiro. A variável `timeout` especifica a quantidade de tempo a esperar nessa chamada; o primeiro número (0 nesse exemplo) fornece o número de segundos, e o segundo número (200000 nesse exemplo) fornece o número de microsegundos. Finalmente, `fl_check_forms()` procura e executa quaisquer eventos FORMS que tenham ocorridos; nesse caso isso significa uma chamada a `SetVelocity` se o usuário tiver movido o botão deslizante ou uma chamada a `Quit` se o usuário tiver clicado no botão *Quit*.

O propósito da espera no ciclo é para prevenir que o programa use excessivamente o tempo da CPU executando seu ciclo principal quando não houverem eventos a serem processados. Isso não é tão crucial nesse exemplo, e de fato pode tornar a animação mais lenta até certo ponto, mas em geral com módulos externos que possuírem eventos cíclicos essa espera é importante para do something like this because otherwise the module will needlessly take que os ciplos da CPU sigam adiante para outros programamas que estejam sendo executados (tais como Geomview!) mesmo quando estes não estiverem fazendo nada.

A última linha do ciclo principal nesse exemplo, a chamada a `UpdateMesh`, é a mesma que no exemplo anterior.

## 6.4 A Biblioteca XForms

XForms é uma interface de usuário ou conjunto de ferramentas muito fácil de encontrar e relativamente simples para X11. Muitos módulos externos do Geomview, incluindo os

exemplos nesse manual, usam XForms para criar e gerenciar painéis de controle. XForms está disponível no sítio <http://www.nongnu.org/xforms/>. XForms é free-ware. Se você quiser pode usar qualquer outro conjunto de ferramentas como interface ao invés de XForms em um módulo externo. Escolhemos FORMS pelo fato de o mesmo ser livre e relativamente simples.

Existe um pacote completo baseado na ferramenta autoconf ‘`gvmod-xforms-example`’ disponível no sítio do Geomview [Sourceforge.NET](http://sourceforge.net).

## 6.5 Exemplo 3: Módulo Externo com Comunicação Bi-Direcional

Os dois módulos exemplo anteriores simplesmente enviam comandos ao Geomview sem receber nada de volta do Geomview. Esta seção descreve um módulo que se comunica em ambas as direções. Existe dois tipos de comunicação que podem ir do Geomview para um módulo externo. Esse exemplo mostra comunicação *sem sincronismo* — o módulo precisa estar apto a responder a qualquer momento a expressões que o Geomview possa emitir as quais informam ao módulo de alguma modificação de estado dentro do Geomview.

(O outro tipo de comunicação é *com sincronismo*, onde um módulo envia uma requisição ao Geomview sobre alguma peça de informação e espera por uma resposta venha de volta antes de fazer qualquer coisa a mais. O principal comando GCL para requisitar informação desse tipo é [seção 7.2.158 \[write\]](#), [página 158](#). Esse módulo exemplo não faz nada com comunicação sincronizada.)

Na comunicação sem sincronismo, Geomview envia expressões que são essencialmente ecos de comandos GCL. O módulo externo envia ao Geomview um comando expressando interesse em um certo comando, e então toda vez que Geomview executar o referido comando, o módulo recebe uma cópia dele. O envio de informação ocorre independentemente de que envia o comando ao Geomview; a requisição pode ser resultado do usuário fazendo alguma coisa com o painel do Geomview, ou pode vir de outro módulo ou de um arquivo que o Geomview leu. É dessa forma que um módulo descobre informações e age sobre coisas que ocorrem no Geomview.

Esse exemplo usa a biblioteca em lisp da OOGL para analisar e agir sobre as expressões que Geomview escreve para a entrada padrão do módulo. Essa biblioteca faz atualmente parte do Geomview propriamente dito — escrevemos a biblioteca no processo de implementação da GCL. Essa biblioteca lisp da OOGL também é conveniente para ser usada em módulos externos que devem entender um subconjunto da GCL — especificamente, aqueles comandos que o módulo tem interesse expresso.

Esse exemplo mostra como um módulo pode receber eventos de seleção de usuário, i.e. quando o usuário clicar com o botão direito do mouse com o cursor sobre um geom em uma janela de câmera do Geomview. Quando isso ocorrer Geomview gera uma chamada interna a um procedimento chamado `pick`; o argumento para o procedimento fornece informação sobre a seleção, tal como o objeto que foi selecionado, as coordenadas do ponto selecionado, etc. Se um módulo externo tiver expressado interesse em chamadas ao procedimento `pick`, então sempre que o procedimento `pick` for chamado Geomview irá ecoar a chamada à entrada padrão do módulo que manifestou o interesse. O módulo que recebe o echo pode então fazer o que desejar com a informação do procedimento `pick`.

Esse módulo é o mesmo que o módulo *Nose* que vem com o Geomview. Seu propósito é ilustrar processos de seleção. Qualquer coisa que você selecionar sobre um geom por meio de um clique do botão direito do mouse sobre esse geom, o módulo desenha uma pequena caixa na localização onde você tiver clicado. De forma geral a caixa é amarela. Caso você selecione um vértice, a caixa é da cor magenta. Se você selecionar um ponto sobre uma aresta de um objeto, o módulo irá também ressaltar a aresta desenhando caixas da cor ciano em suas extremidades e desenhar uma linha amarela ao longo da aresta.

Note que para esse módulo fazer alguma coisa você deve ter um geom carregado no Geomview e você deve clicar com o botão direito do mouse com o cursor sobre uma parte do geom.

```

/*
 * example3.c: external module with bi-directional communication
 *
 * This example module is distributed with the Geomview manual.
 * If you are not reading this in the manual, see the "External
 * Modules" chapter of the manual for an explanation.
 *
 * This module is the same as the "Nose" program that is distributed
 * with Geomview. It illustrates how a module can find out about
 * and respond to user pick events in Geomview. It draws a little box
 * at the point where a pick occurs. The box is yellow if it is not
 * at a vertex, and magenta if it is on a vertex. If it is on an edge,
 * the program also marks the edge.
 *
 * To compile:
 *
 * cc -I/u/gcg/ngrap/include -g -o example3 example3.c \
 *    -L/u/gcg/ngrap/lib/sgi -loogl -lm
 *
 * You should replace "/u/gcg/ngrap" above with the pathname of the
 * Geomview distribution directory on your system.
 */

#include <stdio.h>
#include "lisp.h"           /* We use the OOGL lisp library */
#include "pickfunc.h"       /* for PICKFUNC below */
#include "3d.h"             /* for 3d geometry library */

/* boxstring gives the OOGL data to define the little box that
 * we draw at the pick point. NOTE: It is very important to
 * have a newline at the end of the OFF objeto in this string.
 */
char boxstring[] = "\
INST\n\
transform\n\
.04 0 0 0\n\

```

```

0 .04 0 0\n\
0 0 .04 0\n\
0 0 0 1\n\
geom\n\
OFF\n\
8 6 12\n\
\n\
-.5 -.5 -.5      # 0   \n\
.5 -.5 -.5      # 1   \n\
.5 .5 -.5       # 2   \n\
-.5 .5 -.5      # 3   \n\
-.5 -.5 .5      # 4   \n\
.5 -.5 .5       # 5   \n\
.5 .5 .5        # 6   \n\
-.5 .5 .5       # 7   \n\
\n\
4 0 1 2 3\n\
4 4 5 6 7\n\
4 2 3 7 6\n\
4 0 1 5 4\n\
4 0 4 7 3\n\
4 1 2 6 5\n";

progn()
{
    printf("(progn\n");
}

endprogn()
{
    printf(")\n");
    fflush(stdout);
}

Initialize()
{
    extern LObject *Lpick(); /* This is defined by PICKFUNC below but must be
        /* be used in the following LDefun() call */
    LInit();
    LDefun("pick", Lpick, NULL);

    progn(); {
        /* Define handle "littlebox" for use later
        */
        printf("(read geometry { define littlebox { %s }})\n", boxstring);

        /* Express interest in pick events; see Geomview manual for explanation.

```

```

    */
    printf("(interest (pick world * * * * nil nil nil nil nil))\n");

    /* Define "pick" objeto, initially the empty list (= null objeto).
     * We replace this later upon receiving a pick event.
     */
    printf("(geometry \"pick\" { LIST } )\n");

    /* Make the "pick" objeto be non-pickable.
     */
    printf("(pickable \"pick\" no)\n");

    /* Turn off normalization, so that our pick objeto will appear in the
     * right place.
     */
    printf("(normalization \"pick\" none)\n");

    /* Don't draw the pick objeto's bounding box.
     */
    printf("(bbox-draw \"pick\" off)\n");

} endprogn();
}

/* The following is a macro call that defines a procedure called
 * Lpick(). The reason for doing this in a macro is that that macro
 * encapsulates a lot of necessary stuff that would be the same for
 * this procedure in any program. If you write a Geomview module that
 * wants to know about user pick events you can just copy this macro
 * call and change the body to suit your needs; the body is the last
 * argument to the macro and is delimited by curly braces.
 *
 * The first argument to the macro is the name of the procedure to
 * be defined, "Lpick".
 *
 * The next two arguments are numbers which specify the sizes that
 * certain arrays inside the body of the procedure should have.
 * These arrays are used for storing the face and path information
 * of the picked objeto. In this module we don't care about this
 * information so we declare them to have length 1, the minimum
 * allowed.
 *
 * The last argument is a block of code to be executed when the module
 * receives a pick event. In this body you can refer to certain local
 * variables that hold information about the pick. For details see
 * Example 3 in the External Modules chapter of the Geomview manual.
 */

```

```

PICKFUNC(Lpick, 1, 1,
{
    handle_pick(pn>0, &point, vn>0, &vertex, en>0, edge);
},
/* version for picking Nd-objects (not documented here) */)

handle_pick(picked, p, vert, v, edge, e)
    int picked;                /* was something actually picked?    */
    int vert;                  /* was the pick near a vertex?    */
    int edge;                  /* was the pick near an edge?    */
    HPoint3 *p;                /* coords of pick point          */
    HPoint3 *v;                /* coords of picked vértice      */
    HPoint3 e[2];              /* coords of endpoints of picked edge */
{
    Normalize(&e[0]);          /* Normalize makes 4th coord 1.0 */
    Normalize(&e[1]);
    Normalize(p);
    progn(); {
        if (!picked) {
            printf("(geometry \"pick\" { LIST } )\n");
        } else {
            /*
             * Put the box in place, and color it magenta if it's on a vértice,
             * yellow if not.
             */
            printf("(xform-set pick { 1 0 0 0 0 1 0 0 0 0 1 0 %g %g %g 1 })\n",
                p->x, p->y, p->z);
            printf("(geometry \"pick\"\n");
            if (vert) printf("{ appearance { material { diffuse 1 0 1 } }\n");
            else printf("{ appearance { material { diffuse 1 1 0 } }\n");
            printf(" { LIST { :littlebox }\n");

            /*
             * If it's on an edge and not a vertex, mark the edge
             * with cyan boxes at the endpoints and a black line
             * along the edge.
             */
            if (edge && !vert) {
                e[0].x -= p->x; e[0].y -= p->y; e[0].z -= p->z;
                e[1].x -= p->x; e[1].y -= p->y; e[1].z -= p->z;
                printf("{ appearance { material { diffuse 0 1 1 } }\n\
LIST\n\
{ INST transform 1 0 0 0 0 1 0 0 0 0 1 0 %f %f %f 1 geom :littlebox }\n\
{ INST transform 1 0 0 0 0 1 0 0 0 0 1 0 %f %f %f 1 geom :littlebox }\n\
{ VECT\n\
    1 2 1\n\
    2\n\

```

```

        1\n\
        %f %f %f\n\
        %f %f %f\n\
        1 1 0 1\n\
    }\n\
}\n",
        e[0].x, e[0].y, e[0].z,
        e[1].x, e[1].y, e[1].z,
        e[0].x, e[0].y, e[0].z,
        e[1].x, e[1].y, e[1].z);
    }
    printf("    }\n    }\n\n");
}

} endprogn();

}

Normalize(HPoint3 *p)
{
    if (p->w != 0) {
        p->x /= p->w;
        p->y /= p->w;
        p->z /= p->w;
        p->w = 1;
    }
}

main()
{
    Lake *lake;
    LObject *lit, *val;
    extern char *getenv();

    Initialize();

    lake = LakeDefine(stdin, stdout, NULL);
    while (!feof(stdin)) {

        /* Parse next lisp expression from stdin.
        */
        lit = LExpr(lake);

        /* Evaluate that expression; this is where Lpick() gets called.
        */
        val = LEval(lit);

```

```

    /* Free the two expressions from above.
    */
    LFree(lit);
    LFree(val);
  }
}

```

The code begins by defining procedures `progn()` and `endprogn()` which begin and end a Geomview `progn` group. The purpose do Geomview `progn` command is to group commands together and cause Geomview to execute them all at once, without refreshing any graphics windows until the end. It is a good idea to group blocks of commands that a module sends to Geomview like this so that the user sees their cumulative effect all at once.

Procedure `Initialize()` does various things needed at program startup time. It initializes the lisp library by calling `LInit()`. Any program that uses the lisp library should call this once before calling any other lisp library functions. It then calls `LDefun` to tell the library about our `pick` procedure, which is defined further down with a call to the `PICKFUNC` macro. Then it sends a bunch of setup commands to Geomview, grouped in a `progn` block. This includes defining a handle called `littlebox` that stores the geometry da little box. Next it sends the command

```
(interest (pick world * * * * nil nil nil nil nil))
```

which tells Geomview to notify us when a pick event happens.

The syntax of this `interest` statement merece some explanation. In general `interest` takes one argument which is a (parenthesized) expression representing a Geomview function call. It especifica a type of call that the module is interested in knowing about. The arguments can be any particular argument values, ou the special symbols `*` or `nil`. For example, the first argument in the `pick` expression above is `world`. This means that the module is interested in calls to `pick` where the first argument, which especifica the coordinate system, is `world`. A `*` is like a wild-card; it means that the module is interested in calls where the corresponding argument has any value. The word `nil` is like `*`, except that the argument's value is not reported to the module. This is useful for cutting down on the amount of data that must be transmitted in cases where there are arguments that the module doesn't care about.

The second, third, fourth, and fifth arguments to the `pick` command give the name, pick point coordenadas, coordenadas do vértice, and edge coordenadas of a pick event. We specify these by `*`'s above. The remaining five arguments to the `pick` command give other information about the pick event that we do not care about in this module, so we specify these with `nil`'s. For the details dos arguments to `pick`, Veja [Capítulo 7 \[GCL\], página 127](#).

The `geometry` statement defines a geom called `pick` that is initially an empty list, specified as `{ LIST }`; this is the best way of specifying a null geom. The module will replace this with something useful by sending Geomview another `geometry` command when the user picks something. Next we arrange for the `pick` objeto to be non-pickable, and turn normalization off for it so that Geomview will display it in the size and location where we put it, rather than resizing and relocating it to fit into the unit cube.

The next function in the file, `Lpick`, is defined with a strange looking call to a macro called `PICKFUNC`, defined in the header file '`pickfunc.h`'. This is the function for handling pick events. The reason we provide a macro for this is that that macro encapsulates a lot



of necessary stuff that would be the same for the pick-handling function in any program. If you write a Geomview module that wants to know about user pick events you can just copy this macro call and change it to suit yours needs.

In general the syntax for PICKFUNC is

```
PICKFUNC(name, block, NDblock)
```

where *name* is the name do procedure to be defined, in this case `Lpick`. The next argument, *block*, is a block of code to be executed when a pick event occurs. If *block* contains a return statement, then the returned value must be a pointer to a Lisp-objeto, that is of type `LObject *`. The last argument has the same functionality as the *block* argument, but is only invoked when picking objetos in a higher dimensional world.

PICKFUNC declares certain local variables in the body do procedure. When the module receives a `(pick ...)` statement from Geomview, the procedure assigns values to these variables based on the information in the `pick` call (variables corresponding to `nil`'s in the `(interest (pick ...))` are not given values).

There is also a second variant da PICKFUNC macro with a slightly different syntax:

```
DEFPICKFUNC(helpstr, coordsys, id,  
            point, pn, vertex, vn, edge, en, face, fn, ppath, ppn,  
            vi, ei, ein, fi,  
            body, NDbody)
```

DEFPICKFUNC can be used as well as PICKFUNC, there is no functional difference with the exception that the name da C-function is tied to `Lpick` when using DEFPICKFUNC and that the `(help pick)` GCL-command (veja [seção 7.2.61 \[help\]](#), [página 138](#)) would respond with echoing *helpstr*.

The table below lists all variables defined in PICKFUNC. In the context of ND-viewing float variants dos arguments apply: the *body* execution block sees the `HPoint3` variables, and the *NDbody* block sees only flat one-dimensional arrays of `float`-type.

In the ND-viewing context the co-ordinates passed to the pick function are still the 3-dimensional co-ordinates da câmera view-port where the pick occurred, but padded with zeroes on transformed back to the co-ordinate system specified by the second argument do `pick` command.

```
char *coordsys;
```

A string specifying the coordinate system in which coordenadas are given. In this example, this will always be `world` because do `interest` call above.

```
char *id; A string specifying the name do picked geom.
```

```
HPoint3 point; int pn;
```

```
float *point; int pn;
```

*point* is an `HPoint3` structure giving the coordenadas of the picked point. `HPoint3` is a homogeneous point coordinate representation equivalent to an array of 4 floats. *pn* tells how many coordenadas have been written into this array; it will always be either 0, 4 ou greater than 4. If it is greater than 4, then the *NDbody* instruction block is invoked and in this case *point* is a flat array of *pn* many `float`s. A value of zero means no point was picked, i.e. the user clicado the botão direito do mouse while the cursor was not pointing at a geom. In this case the ordinary *block* 3d instruction block is executed.

```
HPoint3 vertex; int vn;
float *vertex; int vn;
```

`vertex` is an `HPoint3` structure giving the coordenadas of the vértice selecionado, if the pick point was near a vértice. `vn` tells how many coordenadas have been written into this array; it will always be either 0 ou greater equal 4. A value of zero means the pick point was not near a vértice. In the context of ND-viewing `vertex` will be an array of `vn` floats and `vn` will be equal to `pn`.

```
HPoint3 edge[2]; int en;
float *edge; int en;
```

`edge` is an array of two `HPoint3` structures giving the coordenadas do endpoints da picked edge, if the pick point was near an edge. `en` tells how many coordenadas have been written into this array; it will always be 0 ou greater equal 8. A value of zero means the pick point was not near an edge. In the context of ND-viewing `edge` will be a flat one-dimensional array of `en` many floats: the first `pn` floats define the first vértice, and the second `pn` many floats define the second vértice; `en` will be two times `pn`.

In this example module, the remaining variables will never be given values because their values in the `interest` statement were specified as `nil`.

```
HPoint3 face[]; int fn;
float *face; int fn;
```

`face` is a variable length array of `fn` `HPoint3`'s. `face` gives the coordenadas dos vértices da picked face. `fn` tells how many coordenadas have been written into this array; it will always be either 0 ou a multiple of `pn`. A value of zero means the pick point was not near a face. In the context of ND-viewing `face` is a flat one-dimensional array of `fn` many floats of which each vértice occupies `pn` many componentes.

```
int ppath[]; int ppn;
```

`ppath` is an array of `maxpathlen` `int`'s. `ppath` gives the path through the OOGL heirarchy to the picked primitive. `pn` tells how many integers have been written into this array; it will be at most `maxpathlen`. A path of {3,1,2}, for example, means that the picked primitive is "subobjeto number 2 of subobjeto number 1 of objeto 3 in the world".

```
int vi;    vi gives the index do vértice selecionado in the picked primitive, if the pick
           point was near a vértice.
```

```
int ei[2]; int ein
```

The `ei` array gives the indices dos endpoints da picked edge, if the pick point was near a vértice. `ein` tells how many integers were written into this array. It will always be either 0 ou 2; a value of 0 means the pick point was not near an edge.

```
int fi;    fi gives the index da picked face in the picked primitive, if the pick point was
           near a face.
```

The `handle_pick` procedure actually does the work of dealing with the pick event. It begins by normalizing the homogeneous coordenadas passed in as arguments so that we can

assume the fourth coordinate is 1. It then sends GCL commands to define the `pick` objeto to be whatever is appropriate for the kind of pick received. Veja [Capítulo 4 \[Formatos dos Arquivos da OOGL\]](#), página 65, and veja [Capítulo 7 \[GCL\]](#), página 127, for an explanation of format of data in these commands.

The main program, at the bottom of file, first calls `Initialize()`. Next, the call to `LakeDefine` defines the `Lake` that the lisp library will use. A `Lake` is a structure that the lisp library uses internally as a type of communication vehicle. (It is like a unix stream but more general, hence the name.) This call to `LakeDefine` defines a `Lake` structure for doing I/O with `stdin` and `stdout`. The third argument to `LakeDefine` should be `NULL` for external modules (it is used by `Geomview`). Finally, the program enters its main loop which parses and evaluates expressions from standard input.

## 6.6 Example 4: Simple Tcl/Tk Module Demonstrating Picking

It's not necessary to write a `Geomview` module in C. The only requirement of an external module is that it send GCL commands to its standard output and expect responses (if any) on its standard input. An external module can be written in C, perl, tcl/tk, or pretty much anything.

As an example, assuming you have Tcl/Tk version 4.0 or later, here's an external module with a simple GUI which demonstrates interaction with `geomview`. This manual doesn't discuss the Tcl/Tk language; see the good book on the subject by its originator John Ousterhout, published by Addison-Wesley, titled *Tcl and the Tk Toolkit*.

The `'#!'` on the script's first line causes the system to interpret the script using the Tcl/Tk `'wish'` program; you might have to change its first line if that's in some location other than `/usr/local/bin/wish4.0`. Or, you could define it as a module using

```
(module-define "Pick Demo" "wish pickdemo.tcl")
```

in which case `'wish'` could be anywhere on the UNIX search path.

```
#!/usr/local/bin/wish4.0
```

```
# We use "fileevent" below to have "readsomething" be called whenever
# data is available from standard input, i.e. when geomview has sent us
# something. It promises to include a trailing newline, so we can use
# "gets" to read the geomview response, then parse its nested parentheses
# into tcl-friendly {} braces.
```

```
proc readsomething {} {
    if {[gets stdin line] < 0} {
        puts stderr "EOF on input, exiting..."
        exit
    }
    regsub -all {\(} $line "\{" line
    regsub -all {\)} $line "\}" line
    # Strip outermost set of braces
    set stuff [lindex $line 0]
    # Invoke handler for whichever command we got. Could add others here,
```

```

# if we asked geomview for other kinds of data as well.
switch [lindex $stuff 0] {
    pick      {handlepick $stuff}
    rawevent {handlekey $stuff}
}
}

# Fields of a "pick" response, from geomview manual:
#   (pick COORDSYS GEOMID G V E F P VI EI FI)
#       The pick command is executed internally in response to pick
#       events (right mouse double clique).
#
#       COORDSYS = coordinate system in which coordenadas of the following
#       arguments are specified. This can be:
#       world: world coord sys
#       self:  coord sys of the picked geom (GEOMID)
#       primitive: coord sys of the actual primitive within
#       the picked geom where the pick occurred.
#       GEOMID = id of picked geom
#       G = picked point (actual intersection of pick ray with objeto)
#       V = picked vertex, if any
#       E = picked edge, if any
#       F = picked face
#       P = path to picked primitive [0 ou more]
#       VI = index of picked vértice in primitive
#       EI = list of indices of endpoints of picked edge, if any
#       FI = index of picked face

# Report when user picked something.
#
proc handlepick {pick} {
    global nameof selvert seledge order
    set obj [lindex $pick 2]
    set xyzw [lindex $pick 3]
    set fv [lindex $pick 6]
    set vi [lindex $pick 8]
    set ei [lindex $pick 9]
    set fi [lindex $pick 10]

    # Report result, converting 4-component homogeneous point into 3-space point.
    set w [lindex $xyzw 3]
    set x [expr [lindex $xyzw 0]/$w]
    set y [expr [lindex $xyzw 1]/$w]
    set z [expr [lindex $xyzw 2]/$w]
    set s "$x $y $z "
    if {$vi >= 0} {
        set s "$s vertex #$vi"
    }
}

```

```

    }
    if {$ei != {}} {
        set s "$s edge [lindex $ei 0]-[lindex $ei 1]"
    }
    if {$fi != -1} {
        set s "$s face #$fi ([expr [llength $fv]/3]-gon)"
    }
    msg $s
}

# Having asked for notification of these raw events, we report when
# the user pressed these keys in the geomview graphics windows.

proc handlekey {event} {
    global lastincr
    switch [lindex $event 1] {
        32 {msg "Pressed space bar"}
        8 {msg "Pressed backspace key"}
    }
}

#
# Display a message on the control panel, and on the terminal where geomview
# was started. We use ‘puts stderr ...’ rather than simply ‘puts ...’,
# since Geomview interprets anything we send to standard output
# as a GCL command!
#
proc msg {str} {
    global msgtext
    puts stderr $str
    set msgtext $str
    update
}

# Load objeto from file
proc loadobject {fname} {
    if {$fname != ""} {
        puts "(geometry thing < $fname)"
        # Be sure to flush output to ensure geomview receives this now!
        flush stdout
    }
}

# Build simple "user interface"

```

```

# The message area could be a simple label rather than an entry box,
# but we want to be able to use X selection to copy text from it.
# The default mouse bindings do that automatically.

entry .msg -textvariable msgtext -width 45
pack .msg

frame .f

    label .f.l -text "File to load:"
    pack .f.l -side left

    entry .f.ent -textvariable fname
    pack .f.ent -side left -expand true -fill x
    bind .f.ent <Return> { loadobject $fname }

pack .f

# End UI definition.

# Call "readsomething" when data arrives from geomview.

fileevent stdin readable {readsomething}

# Geomview initialization

puts {
    (interest (pick primitive))
    (interest (rawevent 32)) # Be notified when user presses space
    (interest (rawevent 8)) # ou backspace keys.
    (geometry thing < hdecode.off)
    (normalization world none)
}
# Flush to ensure geomview receives this.
flush stdout

wm title . {Sample external module}

msg "Click right mouse in graphics window"

```

## 6.7 Module Installation

Essa seção diz como instalar um módulo externo de forma que você possa invocá-lo dentro do Geomview. Existem duas maneiras de instalar um módulo: você pode instalar um

módulo *privado* de forma que o módulo esteja disponível somente para você mesmo sempre que executar o Geomview, ou você pode instalar um módulo de *sistema* de forma que o módulo esteja disponível para todos os usuários do seu sistema sempre que eles executarem o Geomview.

### 6.7.1 Private Module Installation

O comando `emodule-define` providencia que um módulo apareça no navegador de módulos (*Modules*) do Geomview. O comando recebe dois arumentos que são sequências de caractere; o primeiro é o nome que irá aparecer no navegador de módulos (*Modules*). O segundo é o comando de shell para executar o módulo; esse nome de shell pode incluir argumentos (veja [seção 7.2.40 \[emodule-define\]](#), página 134). Geomview executa esse comando em um subshell quando você dá um clique sobre a entrada do módulo no navegador. Por exemplo

```
(emodule-define "Foo" "/u/home/modules/foo -x")
```

adiciona uma linha rotulada "Foo" ao navegador de módulos (*Modules*) o qual faz com que o comando `"/u/home/modules/foo -x"` seja executado quando selecionado.

Você pode colocar comandos `emodule-define` no seu arquivo `'~/geomview'` para providenciar que certos módulos estejam disponíveis sempre que você execute Geomview; veja [Capítulo 5 \[Customizacao\]](#), página 103. você pode também executar comandos `emodule-define` a partir do painel de comandos (*Commands*) para adicionar um módulo a uma cópia do Geomview que já esteja sendo executada.

Existem muitos outros comandos GCL para controlar as entradas no navegador de módulos (*Modules*); para detalhes, veja [Capítulo 7 \[GCL\]](#), página 127.

### 6.7.2 System Module Installation

Para instalar um módulo de forma que esse módulo esteja disponível para todos os usuários do Geomview faça o seguinte

1. Crie um arquivo chamado `'geomview-módulo'` `'módulo'` é o nome do módulo. Esse arquivo deve conter uma linha simples que é um comando `emodule-define` para aquele módulo:

```
(emodule-define "Novo Módulo" "novomodulo")
```

O primeiro argumento, "Novo Módulo" acima, é a sequência de caracteres que irá aparecer no navegador de módulo (*Modules*). A segunda sequência de caracteres, "novomodulo" acima, é o comando de Bourne shell para invocar o módulo. Esse comando de shell pode incluir argumentos, e você pode assumir que o módulo encontra-se localizado em `$PATH` que representa os locais de busca do shell.

2. Coloque uma cópia do `'geomview-módulo'` e o executável do módulo propriamente dito no diretório `'/usr/local/libexec/geomview'`.

Após esses passos, o novo módulo deve aparecer, em ordem alfabética, no navegador de módulos (*Modules*) do Geomview do painel principal (*Main*) da próxima vez que o Geomview for inicializado. A razão desse trabalho é que quando Geomview for invocado processará todos os arquivos `'geomview-*` em seu diretório de `'módulos'`. Geomview também lembra o caminho desse diretório e coloca aquele caminho em `$PATH` do shell no qual Geomview invoca tal módulo.

## 7 GCL: a Linguagem de Comandos do Geomview

GCL tem a sintaxe do lisp – i.e. uma expressão da forma `(f a b ...)` significa informar os valores de `a`, `b`, ... para a função `f`. GCL é muito limitado e GCL não é de forma alguma uma implementação de lisp. GCL é simplesmente uma linguagem para expressar comandos que são executados na ordem fornecida, ao contrário de uma linguagem de programação. GCL não suporta variável ou definição de função.

GCL é a linguagem que Geomview entende para arquivos que chama bem como para comunicação com outros programas. Para executar um comando GCL interativamente, você pode trazer o painel de comandos (*Commands*) que trás sua digitação em um comando; Geomview executa o comando quando você pressiona a tecla ENTER. A saída de tais comandos é mostrada na saída padrão. Alternativamente, você pode invocar Geomview com `geomview -c` – que faz com que o Geomview leia comandos GCL a partir da entrada padrão.

Funções GCL retornam um valor, e você pode concaenar chamadas de função de forma que outras funções usem esse valor retornado. Por exemplo

```
(f (g a b))
```

avalia `(g a b)` e então avalia `(f x)` onde `x` é o resultado retornado por `(g a b)`. Geomview mantém esses valores de retorno internamente normalmente não fornece saída alguma com os resultados guardados. Para mostrar um valor de retorno esse valor de retorno deve ser fornecido à função `echo`. Por exemplo a função `geomview-version` retorna uma sequência de caracteres representando a versão do Geomview que está sendo executada, e

```
(echo (geomview-version))
```

mostra essa sequência de caracteres.

Muitas função simplesmente retornam `t` ( de "true" - verdadeiro) caso tenham sido executadas como esperado ou `nil` ( nenhum ) em caso de falha; esse é o caso se a documentação para a função não fornece o retorno esperado. Esses são os símbolos do lisp para verdadeiro e falso, respectivamente. (Eles correspondem às variáveis definidas em `C Lt` e `Lnil` que você verá se olhar no código fonte do Geomview ou em algum dos módulos externos.)

Nas descrições ds comandos acima muitas referências são feitas a formatos "OOGL" formats. OOGL é a linguagem de descrição dos dados que Geomview utiliza para descrever objetos geométricos, câmeras, aparências, e outros objetos básicos. Para detalhes dos formatos OOGL, veja [Capítulo 4 \[Formatos dos Arquivos da OOGL\]](#), página 65. (Ou equivalentemente, veja a página de manual `oogl(5)`, distributed with Geomview in the file `/share/man/man5/oogl.5gv`).

Os comandos GCL e tipos de argumentos são listados abaixo. A maioria da documentação nessa seção do manual está disponível dentro do Geomview via comandos `? e ??`. O comando `(? comando)` faz com que Geomview mostre na tela um sumário de uma linha da sintaxe de `comando`, e `(?? comando)` mostra na tela uma explanação de o que `comando` faz. Você pode incluir o caractere coringa `*` no `comando` para mostrar informações para um grupo de comandos coincidindo com um modelo. Por exemplo, `(?? *emodule*)` irá mostrar todas as informações sobre todos os comandos contendo a sequência de caracteres `emodule`. `(? *)` irá mostrar um lista curta de todos os comandos.



## 7.1 Conventions Used In Describing Argument Types

Os seguintes símbolos são usados para descrever tipos de argumentos na documentação para funções GCL.

<i>aparência</i>	é uma especificação de aparência OOGL.
<i>cam-id</i>	é uma <i>identificação</i> que refere-se a uma câmera.
<i>câmera</i>	é uma especificação de câmera do OOGL.
<i>geom-id</i>	é uma <i>identificação</i> que se refere a um objeto geométrico.
<i>geometry</i>	é uma especificação de objeto geométrico do OOGL.
<i>id</i>	é uma sequência de caracteres que nomeia um objeto geométrico ou câmera. Como aqueles que você cria, os valores permitidos são: World, world, worldgeom, g0 a coleção de todos os objetos geométricos target      objeto alvo selecionado (câmera ou objeto geométrico) center      objeto central do movimento selecionado targetcam a última câmera alvo selecionada targetgeom o último objeto geométrico alvo selecionado focus      câmera onde o cursor está (ou mais recentemente esteve) allgeoms    todos os objetos geométricos allcams    todas as câmeras default, defaultcam, prototype câmeras futuras que herdarão as escolhas padronizadas
As seguintes <i>ids</i> são usadas para nomear sistemas de coordenadas, e.g. em comandos <code>pick</code> e <code>write</code> :	
World, world, worldgeom, g0	o objeto mundo, dentro do qual todos os objetos geométricos vivem.
universe	o universo, no qual o no qual o objeto mundo, as luzes e as câmeras vivem. Transformações <code>world2cam</code> das câmeras podem melhor serem chamadas <code>universe2cam</code> , etc.
self	"esse objeto do Geomview". Transforma de um objeto para <b>si mesmo</b> é a identidade; escrevendo seu objeto geométrico fornece o bojeto em si mesmo sem executar nenhuma transformação; pontos selecionados aparecem nas coordenadas do objeto.
primitive	(para objetos selecionados ( <code>pick</code> ) somente) Pontos selecionados aparecem no sistema de coordenadas da primitiva de menor nível do OOGL.

Um nome também é uma identificação aceitável. Fornecimento de nomes é feito único pela anexação de números se necessário (i.e. `foo<2>`). Todo objeto geométrico é também chamado `g[n]` e toda câmera é também chamada `c[n]` (`g0` é sempre o objeto geométrico mundo - `worldgeom`): esse nome é usado como um prefixo a comandos de teclado e pode também ser usado como uma identificação GCL. Números são usados após um objeto ser deletado. Ambos os nomes são mostrados no navegador de Objeto.

#### *declaração*

representa uma chamada de função. Chamadas a funções possuem a forma `(func arg1 arg2 ...)`, onde `func` é o nome da função e `arg1, arg2, ...` são os argumentos.

#### *transformação*

é uma matriz de transformação OOGL 4x4.

#### *ntransform*

é uma matriz de transformação OOGL (N+1)x(N+1).

#### *janela*

é uma especificação de janela do OOGL.

## 7.2 GCL Reference Guide

Nota do tradutor: os termos “expressão lambda” e “expressão S” são específicos da linguagem de programação Lisp.

### 7.2.1 !

! é um sinônimo de `shell`. Veja [seção 7.2.129 \[shell\]](#), página 152.

### 7.2.2 <

`(< EXPR1 EXPR2)`

Retorna `t` se `EXPR1` for menor que `EXPR2`. `EXPR1` e `EXPR2` devem ser ou ambas inteiras ou número em ponto flutuante, ou ambas sequências de caractere.

### 7.2.3 =

`(= EXPR1 EXPR2)`

Retorna `t` se `EXPR1` for igual a `EXPR2`. `EXPR1` e `EXPR2` devem ser ou ambas inteiras ou número em ponto flutuante, ou ambas sequências de caractere.

### 7.2.4 >

`(> EXPR1 EXPR2)`

Retorna `t` se `EXPR1` for maior que `EXPR2`. `EXPR1` e `EXPR2` devem ser ou ambas inteiras ou número em ponto flutuante, ou ambas sequências de caractere.

### 7.2.5 \*

`(* EXPR1 EXPR2)`

Multiplica `EXPR1` por `EXPR2` e retorna o resultado.

### 7.2.6 /

(/ *EXPR1* *EXPR2*)

Divide *EXPR1* por *EXPR2* e retorna o resultado.

### 7.2.7 +

(+ *EXPR1* *EXPR2*)

Adiciona *EXPR1* a *EXPR2* e retorna o resultado.

### 7.2.8 -

(- *EXPR1* *EXPR2*)

Subtrai *EXPR2* da *EXPR1* e retorna o resultado.

### 7.2.9 ?

(? [comando])

Fornece sumário de uso em uma linha para *comando*. *Comando* pode incluir \*s como caracteres coringa; veja também [seção 7.2.83 \[morehelp\]](#), página 143. Ajuda de comando em uma linha; lista nomes somente se multiplos comandos coincidirem. ? é um sinônimo para [seção 7.2.61 \[help\]](#), página 138

### 7.2.10 ??

(?? comando)

*comando* pode incluir coringas \*. Mostra mais informação que (? *comando*). ?? é um sinônimo para [seção 7.2.83 \[morehelp\]](#), página 143.

### 7.2.11 |

| é um sinônimo para `emodule-run`.

### 7.2.12 all

(all geometry)

retorna uma lista de nomes de todos os objetos geometry. Use e.g. '(echo (all geometry))' para mostrar tal lista.

(all camera)

retorna uma lista de nomes de todas as câmeras.

(all emodule defined)

retorna uma lista de todos os módulos externos definidos.

(all emodule running)

retorna uma lista de todos módulos externos em execução.

### 7.2.13 and

(and *EXPR1* *EXPR2*)

Avalia *EXPR1* e *EXPR2* e retorna `t` se ambas retornarem não-`nil`, de outra forma retorna `nil`.

### 7.2.14 ap-override

(ap-override [on|off])

Seleciona se controles de aparência devem sobrescrever ajustes dos próprios objetos. Habilitado por padrão. Sem argumentos, retorna o ajuste atual.

### 7.2.15 bgcolor

(bgcolor CAM-ID R G B)

Ajusta a cor de fundo da CAM-ID; R G B são números entre 0 e 1.

### 7.2.16 background-image

(background-image CAM-ID [NOMEDOARQUIVO])

Use a imagem fornecida como fundo da câmera CAM-ID (a qual deve ser uma câmera real, não pode ser ou `default` ou `allcams`). A imagem é centralizada na área da janela. Trabalha somente com gráficos GL e OpenGL. Use "" como nome de arquivo para remover o fundo. Sem argumentos, retorna o nome da imagem que é usada atualmente como fundo da janela, ou "". Qualquer tipo de arquivo aceitável como textura é permitido, e.g. `.ppm.gz`, `.sgi`, etc.

### 7.2.17 bbox-color

(bbox-color GEOM-ID R G B)

Ajusta a cor da caixa associada do GEOM-ID; R G B são números entre 0 e 1.

### 7.2.18 bbox-draw

(bbox-draw GEOM-ID [yes|no])

Diz se a caixa associada do GEOM-ID deve ser desenhada; a escolha padrão é `yes` se o segundo argumento for omitido.

### 7.2.19 camera

(camera CAM-ID [CAMERA])

Especifica dados para *CAM-ID*; *CAMERA* é uma sequência de caracteres fornecendo uma especificação de câmera Oogl. Se nenhuma *CAM-ID* de câmera existir, essa *CAM-ID* é criada; nesse caso, o segundo argumento é opcional, e se omitido, uma câmera padrão é usada. Veja [seção 7.2.91 \[new-camera\]](#), página 145.

### 7.2.20 camera-draw

(camera-draw CAM-ID [yes|no])

Diz se câmeras devem ou não serem desenhadas em CAM-ID; `yes` se omitido.

### 7.2.21 camera-prop

(camera-prop { geometry object } [projective])

Especifica o objeto a ser mostrado quando desenhando outras câmeras. Por padrão, esse objeto é desenhado com sua origem na camera, e com a câmera olhando adiante do eixo -Z do objeto. Com a palavra chave `projective`, a

projeção da visão da câmera é também aplicada ao objeto; isso coloca o  $Z=-1$  e o  $Z=+1$  do objeto perto e distante dos planos de corte, com a área de visão  $-1 \leq \{X,Y\} \leq +1$ . Exemplo: (camera-prop { < cube } projective)

### 7.2.22 camera-reset

(camera-reset CAM-ID)

Ajusta CAM-ID para seu valor padrão.

### 7.2.23 car

(car LISTA)

retorna o primeiro elemento de LISTA.

### 7.2.24 cdr

(cdr LISTA)

retorna a lista obtida removendo o primeiro elemento de LISTA.

### 7.2.25 clock

(clock) Retorna a hora atual, em segundos, como mostrado por esse relógio do fluxo. Veja [seção 7.2.121 \[set-clock\]](#), página 150. Veja [seção 7.2.131 \[sleep-until\]](#), página 152.

### 7.2.26 command

(command ARQUIVOENTRADA [ARQUIVOSAIDA])

Lê comandos de ARQUIVOENTRADA; envia respostas correspondentes (e.g. qualquer coisa escrita para nome de arquivo -) para ARQUIVOSAIDA, stdout por padrão.

### 7.2.27 cons

(cons EXPR LISTA)

Retorna a lista obtida adicionando *EXPR* como primeiro elemento da *LISTA*. Note que o segundo argumento tem de ser uma lista.

### 7.2.28 copy

(copy [ID] [nome])

Copia um objeto ou câmera. Se ID não for especificado, esse ID é assumido como sendo targetgeom. If nome não for especificado, esse nome é assumido como sendo o mesmo nome de ID.

### 7.2.29 cursor-still

(cursor-still [INT])

Ajusta o número de microssegundos para os quais o cursor não deve mover-se para registrar como fixo. Se INT não for especificado, o valor irá ser ajustado para o valor padrão.

### 7.2.30 cursor-twitch

(cursor-twitch [INT])

Ajusta a distância na qual o cursos não deve mover-se (em x ou y) para registrar como fixo. Se INT não for especificado, o valor irá ser ajustado para o valor padrão.

### 7.2.31 defun

(defun NOME (ARG1 ...) [DOCSTRING] EXPR1 ...)

Define uma chamada expressão lambda, isto é: define *NOME* para avaliar para a expressão lambda (lambda (ARG1 ...) (EXPR1 ...)) quando chamada como uma função. Também, instala *DOCSTRING* como resposta para os comandos (help NOME) e (morehelp NOME). Note que *DOCSTRING* não precisa conter a sinopse do comando, essa sinopse é gerada automaticamente. *EXPR1* não pode ser uma sequência de caracteres se *DOCSTRING* for omitida; *EXPR1* deve ser interpretada como a sequência de caracteres documento. O valor de retorno da (defun ...) é o nome da função. Funções podem ser recursivas e podem modificar a si mesmas. é possível redefinir funções internas, nesse caso a definição antiga está ainda disponível so o nome *-builtin-OLDNAME-*. Valores de argumento podem ser alterados por *setq*; a nova associação é descartada após avaliação de surroundingdefun-body. As palavras especiais *&optional* e *&rest* possuem o mesmo significado que a expressão lambda anonymous, veja nas referência adiante. Veja [seção 7.2.68 \[lambda\]](#), página 140. Veja [seção 7.2.127 \[setq\]](#), página 151. Veja [seção 7.2.69 \[let\]](#), página 140.

### 7.2.32 delete

(delete ID)

Apaga objeto ou câmera especificado em ID.

### 7.2.33 dice

(dice GEOM-ID N)

Divide qualquer ajustes Bezier dentro de *GEOM-ID* em malhas de medida NxN; o padrão para N é 10. Veja também o atributo de aparência [seção 4.1.10 \[Aparencias\]](#), página 69, o qual torna esse comando obsoleto.

### 7.2.34 dimension

(dimension [N])

Ajusta ou lê a dimensão do espaço para visão N-dimensional. (Uma vez que cálculos forem concluídos usando coordenadas homogêneas, isso significa que matrizes são (N+1)x(N+1).) Sem argumentos, retorna a dimensão atual, ou 0 se a visualização N-dimensional não puder ser habilitada.

### 7.2.35 dither

(dither CAM-ID {on|off|toggle})

Alterna entre estremeamento ligado e desligado em CAM-ID.

### 7.2.36 draw

(draw CAM-ID)

Desenha a visão em CAM-ID, se a visão precisar ser redesenhada. Veja [seção 7.2.113 \[redraw\]](#), página 149.

### 7.2.37 dump-handles

(dump-handles)

Descarrega a lista dos manipuladores ativos atualmente para a saída padrão. Essa função é pensada para uso em depuração interna somente.

### 7.2.38 echo

(echo ...)

Escreve os dados fornecidos para o arquivo especial -. Sequências de caracteres são escritas literalmente; expressões em lisp são avaliadas e seus valores escritos. Se recebido de um programa externo, **echo** envia para a entrada do programa. De outra forma escreve para a própria saída padrão do Geomview (tipicamente o terminal).

### 7.2.39 emodule-clear

(emodule-clear)

Limpa o navegador de aplicação do Geomview (módulo externo).

### 7.2.40 emodule-define

(emodule-define NOME COMANDO-SHELL ...)

Define um módulo externo chamado NOME, o qual então aparece no navegador de módulos externos. A sequência de caracteres COMANDO-SHELL é um comando shell UNIX que chama o módulo. Veja [seção 7.2.44 \[emodule-run\]](#), página 135 para discussão sobre módulos externos.

### 7.2.41 emodule-defined

(emodule-defined nomemodulo)

Se o nome do módulo externo for conhecido, retorna o nome do programa chamado quando nomemodulo está executando como sequência de caracteres entre aspas duplas; de outra forma retorna nil. (**echo (emodule-defined nome)**) mostra na tela a sequência de caracteres.

### 7.2.42 emodule-isrunning

(emodule-isrunning NOME)

Retorna Lt se o módulo externo NOME estiver rodando, ou Lnil se o módulo externo não estiver rodando. NOME é pesquisado nos nomes como eles aparecem no navegador de módulos e nos comandos de shell usados para executar o módulo externo (não incluindo os argumentos).

### 7.2.43 emodule-path

(emodule-path)

Retorna o caminho de busca atual para módulos externos. Nota: para ver agora o valor retornado por essa função você deve envolver emodule-path em uma chamada ao comando shell echo: (echo (emodule-path)). Veja [seção 7.2.123 \[set-emodule-path\]](#), página 151.

### 7.2.44 emodule-run

(emodule-run COMANDO-SHELL ARGS...)

Executa o COMANDO-SHELL fornecido (uma sequência de caracteres contendo um comando shell UNIX) como um módulo externo. A saída padrão do módulo é interpretado como comandos do geomview; respostas (escrita para nomearquivo -) são enviadas para a entrada padrão do módulo. O comando shell é interpretado por /bin/sh, de forma que redirecionamento de E/S pode ser usada: um programa que pergunta ao usuário por entradas a partir do terminal poderá vir a ser executado com:

```
(emodule-run seuprograma <&2)
```

Caso já não tenha sido ajustada, a variável de ambiente \$MACHTYPE é ajustada para o nome do tipo da máquina. Conexões de entrada e saída para o geomview são liberadas automaticamente quando o comando shell encerra. Clicando sobre um programa que está sendo executado na entrada do navegador de módulos envia o sinal SIGHUP ao programa. Para que esse recurso funcione, programas devem evitar executar em segundo plano; os programas usando as bibliotecas FORMS ou GL devem chamar a função foreground() antes da primeira chamada a FORMS ou winopen(). Veja [seção 7.2.40 \[emodule-define\]](#), página 134. Veja [seção 7.2.46 \[emodule-start\]](#), página 135.

### 7.2.45 emodule-sort

(emodule-sort)

Ordena os módulos alfabeticamente no navegador de aplicação.

### 7.2.46 emodule-start

(emodule-start NOME)

Inicia o módulo externo NOME, definido por emodule-define. Equivalente a clicar na entrada correspondente no navegador de módulos.

### 7.2.47 emodule-transmit

(emodule-transmit NOME LISTA)

Coloca LISTA na entrada padrão do módulo externo NOME. NOME é pesquisado nos nomes dos módulos na forma em que esses nomes aparecem no navegador de Módulos Externos e a seguir nos comandos shell usados para executar os módulos externos. Não faz nada se o módulo NOME não estiver sendo executado.



### 7.2.48 `escale`

`(escale GEOM-ID FACTOR)`

O mesmo que `scale` mas multiplicado por `exp(scale)`. Obsoleto.

### 7.2.49 `eval`

`(eval EXPR)`

Avalia uma expressão lisp. Se *EXPR* é uma expressão-S não avaliada como retornado pelo comando (`apóstrofo ...`) então o efeito irá ser como se tivesse chamado a expressão sem apóstrofo diretamente. A `eval` também torna possível avaliar expressões-S construídas via `car`, `cdr` e `cons`. Veja [seção 7.2.23 \[car\]](#), [página 132](#). Veja [seção 7.2.24 \[cdr\]](#), [página 132](#). Veja [seção 7.2.27 \[cons\]](#), [página 132](#).

### 7.2.50 `event-keys`

`(event-keys {on|off})`

Alterna entre eventos de teclado `on` ou `off` para habilitar/desabilitar teclas de atalho.

### 7.2.51 `event-mode`

`(event-mode SEQ_CARAC_MODOS)`

Ajusta o modo de um evento do mouse (movimento); `SEQ_CARAC_MODOS` deve ser um entre as seguintes sequências de caractere:

1. "[r] Rotate"
2. "[t] Translate"
3. "[z] Cam Zoom"
4. "[s] Geom Scale"
5. "[f] Cam Fly"
6. "[o] Cam Orbit"
7. "[le] Edit Lights"

Início de nota do tradutor:

Alguns termos não são de significado tão óbvio.

1. "[r] Rotate" Rotação
2. "[t] Translate" Translação
3. "[z] Cam Zoom" Aproximação ou afastamento de câmera
4. "[s] Geom Scale" Homotetia
5. "[f] Cam Fly" Voo de câmera
6. "[o] Cam Orbit" rbita de câmera
7. "[le] Edit Lights" Editar luzes

Fim de nota do tradutor.

### 7.2.52 event-pick

(event-pick {on|off})

Alterna entre selecionar on ou off.

### 7.2.53 evert

(evert GEOM-ID [yes|no])

Ajusta o estado normal de eversão (nota do tradutor: ver do outro lado de alguma superfície sobre a direção do vetor normal à mesma superfície) de GEOM-ID. Se o segundo argumento for omitido, inverte o estado de eversão.

### 7.2.54 exit

(exit)      Encerra o geomview.

### 7.2.55 ezoom

(ezoom GEOM-ID FATOR)

O mesmo que zoom mas multiplica por exp(zoom). Obsoleto.

### 7.2.56 freeze

(freeze CAM-ID)

Congela CAM-ID; desenho nessa janela de camera é desligado até que a imagem dessa câmera seja redesenhada com (redraw CAM-ID), após o redesenho da imagem da câmera alterações na imagem voltam a ser permitidas.

### 7.2.57 geometry

(geometry GEOM-ID [GEOMETRIA])

Especifica a geometria para GEOM-ID. GEOMETRIA é uma sequência de caracteres fornecendo a especificação de um objeto geométrico OOGL. Se nenhum objeto chamado GEOM-ID existir, esse objeto inesistente será criado; nesse caso o argumento GEOMETRIA é opcional, e se omitido, o novo objeto chamado GEOM-ID é retornado sendo um objeto geométrico vazio.

### 7.2.58 geomview-version

(geomview-version)

Retorna uma sequência de caracteres representando a versão do geomview que está executando.

### 7.2.59 hdefine

(hdefine geometria|camera|janela|aparência|imagem|transformação|ntransform nome valor)

Ajusta o valor de um manipulador de tipo fornecido.

(hdefine <tipo> <nome> <valor>)

is generally equivalent to

```
(read <tipo> { define <nome> <valor> })
```

exeto que a atribuição é desfeita ao final da execução de `hdefine`, (possivelmente não em todos os lugares se dentro de uma declaração condicional), enquanto o `read ... define` realiza a atribuição tão rapidamente quanto o texto é lido. Veja [seção 4.1.9 \[Referencias\]](#), página 68. Veja [seção 7.2.111 \[read\]](#), página 149. Veja [seção 7.2.60 \[hdelete\]](#), página 138.

### 7.2.60 hdelete

```
(hdelete [geometria|camera|janela|aparência|imagem|transform|ntransform]
nome)
```

Apaga o manipulador fornecido. Note que o manipulador não irá atualmente ser apagado no caso de existir ainda outros objetos fazendo referência ao manipulador, mas uma vez que os objetos que fazem referência ao manipulador apagado forem fechados, o manipulador irá também ser automaticamente mandado embora. O objeto que faz referência ao manipulador (se existir algum) irá somente ser deletado se não existirem outras referências para esse objeto.

Se o opcional primeiro argumento for omitido, então o primeiro manipulador que coincidir com *nome* irá ser apagado, independentemente do tipo de objeto ao qual esse manipulador estiver anexado. Não é um erro chamar essa função com um manipulador inexistente, mas é uma erro chamar essa função com o nome de um manipulador não global, i.e. um que não tenha sido criado por (`hdefine ...`) ou (`read ... { define ... }`). Veja [seção 4.1.9 \[Referencias\]](#), página 68. Veja [seção 7.2.111 \[read\]](#), página 149. Veja [seção 7.2.59 \[hdefine\]](#), página 137.

### 7.2.61 help

```
(help [comando])
```

O comando pode incluir `*`s como caracteres coringa; veja também [seção 7.2.61 \[help\]](#), página 138. Ajuda de comando em uma linha; lista nomes somente se múltiplos comandos coincidirem.

### 7.2.62 hmodel

```
(hmodel CAMID {virtual|projective|conformal})
```

Ajusta o modelo usado para mostrar o objeto geométrico nessa câmera. Veja [seção 7.2.134 \[space\]](#), página 153.

### 7.2.63 hsphere-draw

```
(hsphere-draw CAMID [yes|no])
```

Informa se é para desenhar ou não a esfera unitária: a esfera no infinito no espaço hiperbólico, e uma esfera de referência nos espaços Euclidianos esférico. Se o segundo argumento for omitido, `yes` é assumido.

### 7.2.64 if

(if TEST EXPR1 [EXPR2])

Avalia TEST; se TEST retornar um valor não-nil (nota do tradutor:não nulo), retorna o valor de EXPR1. Se TEST retornar nil, retorna o value de EXPR2 se EXPR2 estiver presente, de outra forma retorna nil.

### 7.2.65 inhibit-warning

(inhibit-warning STRING)

Inibe alertas de inibição do geomview de mostrar uma mensagem de alerta determinada por STRING. Atualmente não existe mensagens de alerta na qual o comando inhibit-warning seja aplicado, de forma que esse comando é pouco útil.

### 7.2.66 input-translator

(input-translator "#prefix\_string" "comando-shell")

Define um programa externo de tradução para tipos especiais de entrada. Quando perguntado se é para lê um arquivo especial que começa com a sequência de caracteres especificada, geomview chama comando-shell com entrada padrão obtida a partir do arquivo especificado. É esperado que comando-shell emita dados geométricos na linguagem OOGL para sua saída padrão. Nessa implementação, somente prefixos iniciando com # são reconhecidos. Muito útil em situações como

```
(input-translator "#VRML" "vrm12oogl")
```

### 7.2.67 interest

(interest (COMANDO [args]))

Permite a você expressar interesse em um comando. Quando geomview vier a executar o comando de interesse futuramente o comando de interesse será ecoado para o sistema de comunicação do qual o comando interest for originário. *COMANDO* pode ser qualquer comando. *Args* especifica restrições sobre os valores dos argumentos; se *args* estiver presente no comando interest, geomview irá somente ecoar chamadas para o comando no qual os argumentos coincidirem com aquele fornecido no comando interest. Dois valores especiais de argumento podem aparecer na lista de argumentos. \* que coincide com qualquer valor. nil que coincide com qualquer valor mas suprime o retorno daquele valor; seus valores são reportados como nil.

O propósito do comando interest é permitir a módulos externos encontrar coisas acontecendo dentro do geomview. Por exemplo, um módulo interessado em saber quando um geom chamado *foo* é apagado pode usar o comando interest da seguinte forma (interest (delete foo)) e iria receber a sequência de caracteres (delete foo) quando *foo* fosse apagado.

Destacando um caso especial do uso do comando interest. Para a maioria dos módulos interessados em selecionar eventos o comando (interest (pick world)) é suficiente. O comando (interest (pick world)) faz com que geomview envie uma sequência de caracteres da forma (pick world ...) toda

vez que um evento de seleção (duplo clique botão direito do mouse). Veja o comando [seção 7.2.99 \[pick\]](#), página 146 para detalhes.

## 7.2.68 lambda

`(lambda (ARG1 ...) EXPR1 ... EXPRN)`

Uma expressão lambda é como uma função. Para “chamar” uma expressão lambda, a expressão lambda tem de ser chamada como uma função: `((lambda (arg) (+ 1 arg)) 2)`. Nesse exemplo, o valor completo da expressão deve ser 3. Em geral, o valor da chamada irá ser o valor de *EXPRN*. A primeira lista serve para definir os parâmetros formais. A expressão lambda propriamente dita é apenas uma lista, iniciando-se com a palavra chave lambda, seguida por muitas listas entre aspas duplas. Veja [seção 7.2.31 \[defun\]](#), página 133. Veja [seção 7.2.127 \[setq\]](#), página 151. Veja [seção 7.2.69 \[let\]](#), página 140. Note que a lista argumento pode conter as palavras chaves especiais

**&optional**

fornecimento de valores aos identificadores seguintes é opcional, seus valores padrão irão ser `nil`

**&rest**

todos os argumentos excedentes irão ser coletados em uma lista, e essa lista irá ser atribuída ao argumento seguinte, da seguinte forma:

```
((lambda (&rest rest) (echo rest)) a b c d)
```

A saída irá ser `(a b c d)`.

## 7.2.69 let

`(let ARGUMENTS EXPR1 ... EXPRN)`

Gera uma expressão lambda a partir de *EXPR1 ... EXPRN*, com a associação de argumento descrita por *ARGUMENTS*. *ARGUMENTS* corresponde a uma lista de símbolos (associada a `nil` por padrão) ou a listas da forma `(ARG VALUE)` onde *ARG* é um símbolo e não avaliado e *VALUE* é uma expressão-S que é primeiramente avaliada, a seguir seu valor é associada a *ARG*. A expressão completa avalia para o valor de *EXPRN*, a última expressão no corpo da declaração. A lista de argumento deve estar presente, mas pode ser vazia; no último caso a declaração `(let () ...)` é equivalente a um `(progn ...)`. Veja [seção 7.2.68 \[lambda\]](#), página 140. Veja [seção 7.2.31 \[defun\]](#), página 133. Veja [seção 7.2.127 \[setq\]](#), página 151.

## 7.2.70 lines-closer

`(lines-closer CAM-ID DIST)`

Desenha linhas (incluindo arestas) próximo à câmera do polígonos a uma distância  $DIST / 10^5$  do intervalo contido na área de armazenamento temporário de memória que controla as coordenadas do eixo Z.  $DIST = 3.0$  por padrão. Se  $DIST$  for muito pequena, uma linha aproximada sobre uma superfície pode ser pontilhada ou invisível, dependendo do ponto de vista. Se  $DIST$  for muito grande, linhas podem aparecer em frente das superfícies que elas atualmente aproximam por trás. Bons valores para  $DIST$  variam com a

cena, ponto de visão, e distâncias entre planos de corte próximo e distante. Esse recurso é um remendo, mas pode ser de grande ajuda.

### 7.2.71 load

`(load filename [command|geometry|camera])`

Chama o arquivo fornecido dentro do geomview. O segundo argumento opcional especifica o tipo de dado que o referido arquivo chamado contém, o qual pode ser ou **command** (comandos do geomview), **geometry** (dados geométrico no formato OOGL), ou **camera** (definição de câmera no formato OOGL). se omitido, é tentado deduzir o tipo de conteúdo do arquivo. Carregando dados geométricos cria um novo objeto visível; carregando uma câmera abre uma nova janela; chamado um arquivo contendo comando executa o referido comando.

### 7.2.72 load-path

`(load-path)`

Retorna o atual caminho de busca para arquivos contendo comandos, objetos geométricos, etc. Nota: para ver o atual valor retornado por essa função você deve empacotar esse comando em uma chamada a `echo`: `(echo (load-path))`. Veja [seção 7.2.124 \[set-load-path\]](#), página 151.

### 7.2.73 look

`(look [objetoID] [cameraID])`

Rotaciona a referida câmera - cameraID - de forma que aponte em direção ao centro da caixa associada ao referido objeto - objetoID (ou a origem nos espaços hiperbolico ou esférico). No espaço Eucadiano, move a câmera para além ou para trás até que o objeto apareça tão grande quanto possível enquanto sendo inteiramente visível. Equivalente a

```
progn (
  (look-toward [objetoID] [cameraID] {center | origin})
  [(look-encompass [objetoID] [cameraID])]
)
```

Se objetoID não for especificado, esse objeto é assumido como sendo o objeto mundo. Se cameraID não for especificado, essa câmera é assumido como sendo a targetcam.

### 7.2.74 look-encompass

`(look-encompass [objetoID] [cameraID])`

Move cameraID para trás ou para adiante até que seu campo de visão alcance objetoID. Essa rotina trabalha somente no espaço Euclidiano. Se objetoID não for especificado, esse objeto é assumido como sendo o objeto mundo. Se cameraID não for especificado, essa câmera é assumido como sendo a targetcam. Veja [seção 7.2.75 \[look-encompass-size\]](#), página 142.

### 7.2.75 look-encompass-size

(look-encompass-size [ver-fração razão-corte margem-proxima margem-distante])

Ajusta/retorna parâmetros usados por (look-encompass). ver-fração é a porção da janela de câmera preenchida pelo objeto, razão-corte é a razão máxima permitida entre os planos de corte próximo e afastado. O plano de corte próximo é  $1/\text{magem-proxima}$  vezes mais perto que a aresta mais próxima do objeto, e o plano de corte distante é  $\text{margem-distante}$  vezes mais adiante. Retorna a lista dos valores atuais. Valores padronizados: .75 100 0.1 4.0

### 7.2.76 look-recenter

(look-recenter [objetoID] [cameraID])

Translada e rotaciona a câmera de forma que essa câmera esteja olhando na direção-z (no sistema de coordenadas de objetoID) no centro da caixa associada a objetoID (ou a origem do sistema de coordenadas no espaço não Euclidiano). No espaço Euclidiano, a câmera é também movida para tão perto quanto possível do objeto de forma a permitir que o objeto seja inteiramente visível. Também garante que o eixos y do objetoID e de cameraID sejam paralelos.

### 7.2.77 look-toward

(look-toward [objetoID] [cameraID] [origin | center])

Rotaciona a câmera especificada de forma a apontar para adiante da origem do sistema de coordenadas do objeto, ou do centro da caixa associada ao objeto (no espaço não Euclidiano, a origem irá ser usada automaticamente). O objetoID padrão é o objeto mundo, a câmera padrão é targetcam, a localização padrão é para a qual é apontada a câmera é adiante do centro da caixa associada a objetoID.

### 7.2.78 merge

(merge {window|camera} CAM-ID { WINDOW ou CAMERA ... })

Modifica a janela ou a câmera fornecido, mudando apenas a propriedade especificada no último argumento. E.g.

(merge camera Camera { far 20 })

ajusta o plano de corte afastado para 20 permanecendo os outros atributos inalterados.

### 7.2.79 merge-ap

(merge-ap GEOM-ID APARÊNCIA)

Mescla em algumas características de aparência para GEOM-ID. Parâmetros de aparência incluem cor de linha e de superfície, estilo de sombreado, espessura de linha, e iluminação.

### 7.2.80 merge-base-ap

(merge-base-ap APARÊNCIA)

merge-base-ap é um sinônimo para [seção 7.2.81 \[merge-baseap\]](#), página 143.

### 7.2.81 merge-baseap

(merge-baseap APARÊNCIA)

Mescla em algumas características de aparência para a base padrão de aparência (aplicada a todo geom antes de sua própria aparência). Iluminação está tipicamente incluída na base de aparência.

### 7.2.82 mod

(mod EXPR1 EXPR2)

Divide *EXPR1* por *EXPR2* e retorna o resto.

### 7.2.83 morehelp

(morehelp comando)

*comando* pode incluir coringas \*. Mostra na tela mais informação que [seção 7.2.61 \[help\]](#), [página 138](#).

### 7.2.84 name-object

(name-object ID NOME)

Atribui um novo NOME (uma sequência de caracteres) a ID. Um número é adicionado no final se NOME já estiver sendo usado (por exemplo, `foo -> foo<2>`). O novo nome, possivelmente com número anexado no final, pode ser usado como id de objeto posteriormente.

### 7.2.85 ND-axes

(ND-axes CAMID [NOMEGRUPO [Xindex Yindex Zindex [Windex]])

No nosso modelo para visualização N-Dimensional (habilitado por (dimension)), objetos no espaço N-dimensional são visualizados por N-dimensional *grupos de câmera*. Cada janela real de câmera pertence a algum grupo de câmeras, e mostra & manipula um subespaço projetado eixo-alinhado 3-D do espaço N-dimensional visto pelo seu grupo. Movendo uma câmera em um grupo afeta todos os outros membros do grupo.

O comando ND-axes configura tudo isso. O comando ND-axes especifica uma associação de câmera a um grupo, e o ajuste dos eixos do espaço N-dimensional os quais tornam-se os eixos X, Y, e Z da câmera. Eixos são especificados por seus índices, de 1 a N para um espaço N-dimensional. O grupo NOMEGRUPO é implicitamente criado se não for previamente conhecido.

Em princípio é possível mapear a componente homogênea de uma conformação de 4 pontos para algum outro índice; isso poderia ser realizado especificando 0 para um dos Xindex, Yindex ou Zindex e fornecendo a Windex algum valor positivo. Isso provavelmente não é útil pelo fato de Geomview não suportar geometria não-Euclidianas para dimensões mais altas.

Para ler uma configuração de câmeras, use `(echo (ND-axes CAMID))`. O valor de retorno é uma vetor fixo de 4 inteiros, o último dos quais deve ser 0.



### 7.2.86 ND-color

(ND-color CAMID

[ (( [ID] (x1 x2 ... xN) v r g b a v r g b a ... ) ((x1 ... xN) v r g b a v r g b a ... ) ... ) ] ) Especifica uma função, aplicada a cada vértice N-dimencional, o qual determina as cores dos objetos N-dimensionais como mostrado na câmera CAMID. Cada função de cor é definida por um vetor (no sistema de coordenadas do objeto geométrico ID) [x1 ... xN] e por uma sequência de quintuplas valor (v)/cor(r g b a), ordenados por ordem crescente de v. O produto interno  $v = P.[x]$  é linearmente interpolado nessa tabela para fornecer uma cor. Se ID for omitido, o vetor (xi) é assumido em coordenadas de universo. O comando ND-color especifica uma lista de tais funções; cada vértice é colorido por seu somatório (então e.g. intensidade verde pode indicar projeção ao longo de um eixo enquanto vermelho indica outro eixo. Uma lista vazia, como em (ND-color CAMID ()), suprime o colorido. Sem segundo argumento, (ND-color CAMID) retorna a lista de cor-função de coloração. Mesmo quando coloração está habilitada, objetos acompanhados com o atributo de aparência `keepcolor` são mostrados em suas cores naturais.

### 7.2.87 ND-xform

(ND-xform OBJID [ntransform { idim odim ... }])

Concatena a fornecida transformação-ND com a atual transformação-ND do objeto (aplica a transformação-ND para objeto ID, como oposição a simplesmente ajustar sua transformação-ND). Note que ND-transforms possuem suas coordenadas homogêneas iniciando-se no índice 0, enquanto transformações 3D possuem seu início no índice 3.

### 7.2.88 ND-xform-get

(ND-xform-get ID [from-ID])

Retorna a transformação N-D do objeto fornecido no sistema de coordenadas do from-ID (o padrão é `universe`), no sentido `<ponto-em-ID-coords> * Transform = <ponto-em-from-ID-coords>`. Note que ND-transforms possuem suas coordenadas homogêneas iniciando-se no índice 0, enquanto transformações 3D possuem seu início no índice 3.

### 7.2.89 ND-xform-set

(ND-xform-set OBJID [ntransform { idim odim ... }])

Ajusta a transformação N-D do objeto fornecido. Na dimensão N, a transformação é uma matriz  $(N+1) \times (N+1)$ , de forma que naquele caso idim e odim são esperados serem ambos iguais a  $(N+1)$ . Note que todas as câmeras em um camera-grupo possuem a mesma transformação N-D. Note que ND-transforms possuem suas coordenadas homogêneas iniciando-se no índice 0, enquanto transformações 3D possuem seu início no índice 3.

### 7.2.90 new-alien

(new-alien name [GEOMETRIA])

Cria um novo alien (objeto geométrico fora de "objeto mundo") com o nome fornecido (uma sequência de caracteres). *GEOMETRIA* é uma sequência de caracteres fornecendo uma especificação de objeto geométrico OOGL. Se *GEOMETRIA* for omitido, o novo alien é fornecido como sendo um objeto geométrico vazio. Se um objeto com o nome fornecido já existir, ao novo alien é dado um novo nome. Os feixes luminosos que são usados para mover em volta das luzes são um exemplo de aliens. Eles são desenhados mas não controláveis pelo caminho normal que os objetos comuns são: eles não aparecem no navegador de objetos e o usuário não pode movê-lo com o modo de movimento normal.

### 7.2.91 new-camera

(new-camera name [CAMERA])

Cria uma nova câmera com o nome fornecido (uma sequência de caracteres). Se uma câmera com o nome fornecido já existir, ao novo objeto é fornecido um nome único. Se *CAMERA* for omitido uma câmera padrão é usada.

### 7.2.92 new-center

(new-center [id])

Cessa o movimento de id, a seguir ajusta a transformação de id para a identidade. O id padrão é target. Também, se o id for uma câmera, chama (look-recenter World id). A função principal da chamada a (look-recenter) é colocar a câmera de forma que esteja apontando paralelamente ao eixo z na direção do centro do objeto mundo.

### 7.2.93 new-geometry

(new-geometry name [GEOMETRY])

Cria um novo geom com o nome fornecido (uma sequência de caracteres). *GEOMETRY* é uma sequência de caracteres fornecendo a especificação de um objeto geométrico OOGL. Se *GEOMETRY* for omitido, o novo objeto é fornecido como sendo um objeto geométrico vazio. Se um objeto com o nome fornecido já existir, ao novo objeto é fornecido um nome único.

### 7.2.94 new-reset

(new-reset)

Equivalente a (progn (new-center ALLGEOMS) (new-center ALLCAMS)).

### 7.2.95 NeXT

(NeXT) Retorna t se executando sobre um NeXT, nil se não estiver rodando sobre um NeXT. Uma relíquia de do ano da estação de trabalho NeXT.

### 7.2.96 normalization

(normalization GEOM-ID {each|none|all|keep})

Ajusta a situação atual da normalização de GEOM-ID.

<b>none</b>	suprime toda normalização.
<b>each</b>	normaliza a caixa associada ao objeto para ajustar-se dentro da esfera unitária, com o centro de sua caixa associada transladado para a origem. A caixa é alterada proporcionalmente de forma que sua diagonal maior, $\sqrt{(x_{\max}-x_{\min})^2 + (y_{\max}-y_{\min})^2 + (z_{\max}-z_{\min})^2}$ , seja 2.
<b>all</b>	assemelha-se a <b>each</b> , exceto quando um objeto está mudando (e.g. quando seu objeto geométrico está sendo modificado por um programa externo). Então, <b>each</b> precisamente ajusta a caixa associada em torno do objeto quando esse objeto muda e faz as normalizações de acordo com as mudanças, enquanto <b>all</b> normaliza a união de todas as variantes do objeto e normaliza conforme essa união.
<b>keep</b>	mantém a transformação de normalização atual intocada quando o objeto muda. Essa intocabilidade pode ser útil para aplicar a normalização <b>each</b> ou <b>all</b> à primeira versão de um objeto que está mudando de forma a trazer esse objeto para o campo de visão, a seguir alternar para <b>keep</b> .

### 7.2.97 not

(not EXPR)

Avalia EXPR; se EXPR retornar um valor não-**nil**, o valor de retorno do comando é **nil**, se EXPR retornar **nil**, o valor de retorno do comando é **t**.

### 7.2.98 or

(or EXPR1 EXPR2)

Avalia EXPR1; se EXPR1 retorna não-**nil**, o valor de retorno do comando é o valor de EXPR1, se EXPR1 retornar **nil**, a EXPR2 é avaliada e o valor de EXPR2 é retornado.

### 7.2.99 pick

(pick COORDSYS GEOMID G V E F P VI EI FI)

O comando pick é executado internamente em resposta a eventos de seleção (clique duplo no botão direito do mouse).

*COORDSYS*

= sistema de coordenadas no qual as coordenadas dos seguintes argumentos são especificados. Esse sistema de coordenadas pode ser:

<b>world</b>	sistema de coordenadas do objeto mundo
<b>self</b>	sistema de coordenadas do geom ( <i>GEOMID</i> ) selecionado

<code>primitive</code>	sistema de coordenadas do primitivo atual dentro do geom selecionado onde a seleção ocorreu.
<code>GEOMID</code>	= id do geom selecionado
<code>G</code>	= ponto selecionado (intersecção atual do raio selecionado com o objeto)
<code>V</code>	= vértice selecionado, se houver algum
<code>E</code>	= aresta selecionada, se houver alguma
<code>F</code>	= face selecionada
<code>P</code>	= camainho para o primitivo selecionado [0 ou mais]
<code>VI</code>	= índice do vértice selecionado no primitivo
<code>EI</code>	= lista de índices de extremidades da aresta selecionada, se houver alguma
<code>FI</code>	= índice da face selecionada

Módulos externos podem receber informações de eventos de seleção por meio do registro do interesse em chamadas a `pick` por meio do comando `interest`. No contexto de visualizações de várias dimensões as coordenadas são atualmente pontos de várias dimensões. Eles correspondem a pontos tridimensionais da seleção relativa ao subespaço definido pela janela de visualização da câmera onde a seleção ocorreu. As coordenadas são então preenchidas com zeros e transformadas de volta para o sistema de coordenadas definido por `COORDSYS`.

### 7.2.100 `pick-invisible`

`(pick-invisible [yes|no])`

Escolhe se seleções devem ser sensíveis a objetos cuja aparência faz com que fiquem invisíveis; o padrão é `yes`. Sem argumentos, retorna a situação/valor atual.

### 7.2.101 `pickable`

`(pickable GEOM-ID {yes|no})`

Informa se GEOM-ID está incluído ou não no conjunto de objetos que podem ser retornados a partir do comando `pick`.

### 7.2.102 `position`

`(position objetoID outroID)`

Ajusta a transformação de objetoID para aquele de outroID.

### 7.2.103 `position-at`

`(position-at objetoID outroID [center | origin])`

Faz a translação de objetoID para o centro da caixa associada ou para a origem do sistema de coordenadas de outroID (translação paralela). O padrão é `center`.

### 7.2.104 position-toward

(position-toward objetoID outroID [center | origin])

Rotaciona objetoID de forma que o centro da caixa associada ou a origem do sistema de coordenadas do outroID localize-se sobre a parte positiva do eixo z do primeiro objeto. O padrão é o centro da caixa associada.

### 7.2.105 process-events

(process-events)

Devolve o controle ao laço do evento do Geomview, então continua avaliando o comando do script atual. Se o fluxo atual de entrada tiver sido colocado para cochilar por um dos comandos (`sleep-...`), então o controle permanece no laço principal até que a “cochilada” do fluxo de entrada atual tenha terminado. Veja [seção 7.2.131 \[sleep-until\]](#), página 152. Veja [seção 7.2.130 \[sleep-for\]](#), página 152.

### 7.2.106 progn

(progn DECLARAÇÃO [ ... ])

evaluates each DECLARAÇÃO in order and retorna o value do last one. Use progn to group a collection of commands together, forcing them to be treated as a single command.

### 7.2.107 quit

(quit) quit is a synonym for [seção 7.2.54 \[exit\]](#), página 137.

### 7.2.108 quote

(quote EXPR)

retorna uma expressão simbólica em lisp *EXPR* sem avaliá-la. Note, todavia, que `quote` analisa *EXPR* como se ela pudesse ser avaliada. Veja [seção 7.2.49 \[eval\]](#), página 136.

### 7.2.109 rawevent

(rawevent dev val x y t)

Coloca o evento de linha especificado em uma fila de eventos. Os argumento especificam diretamente os membros da estrutura do evento usada internamente pelo geomview. Esse é o manipulador de evento de mais baixo nível e não foi pensado para uso geral.

### 7.2.110 rawpick

(rawpick CAMID X Y)

Process a pick event in camera CAMID at location (X,Y) given in integer pixel coordenadas. This is a low-level procedure not intended for external use.

### 7.2.111 read

(read {geometry|camera|aparência|image|ntransform|transform|command}  
 {GEOMETRY ou CAMERA ou ...})

Lê e interpreta o texto em ... como contendo o tipo de dado fornecido. Útil para definir objetos usando a sintaxe de referência OOGL, e.g.

```
(geometry thing { INST transform : T    geom : fred })
(read geometry { define fred
  QUAD
  1 0 0  0 1 0  0 0 1  1 0 0
})
(read transform { define T <myfile>})
```

Veja [seção 4.1.9 \[Referencias\]](#), página 68. Veja [seção 7.2.59 \[hdefine\]](#), página 137. Veja [seção 7.2.60 \[hdelete\]](#), página 138.

### 7.2.112 real-id

(real-id ID)

Retorna uma sequência de caracteres canonicamente identificando o ID fornecido, ou nil se o objeto não existe. Exemplos: (if (real-id fred) (delete fred)) apaga **fred** se esse arquivo existir mas retorna sem erro se esse arquivo não existir, e (if (= (real-id targetgeom) (real-id World)) ()) (delete targetgeom)) apaga **targetgeom** se esse arquivo for diferente do World.

### 7.2.113 redraw

(redraw CAM-ID)

Declara que o visual em CAM-ID deve ser redesenhado na próxima passagem através do ciclo principal ou da próxima vez que **draw** for chamada.

### 7.2.114 regtable

(regtable)

shows the registry table

### 7.2.115 rehash-emodule-path

(rehash-emodule-path)

Reconstrói o navegador de (módulo externo) aplicação através da leitura de todos os arquivos .geomview-\* em todos os diretórios retornados pelo comando emodule-path. Primariamente pensado para uso interno; quaisquer aplicações definidas por comandos (**emodule-define ...**) fora dos arquivos .geomview-\* sobre o comando emodule-path irão ser perdidos. Não ordena as entradas no navegador. Veja [seção 7.2.45 \[emodule-sort\]](#), página 135. Veja [seção 7.2.40 \[emodule-define\]](#), página 134.

### 7.2.116 replace-geometry

(replace-geometry GEOM-ID PART-SPECIFICATION GEOMETRY)

Substitui uma parte do geométrico for GEOM-ID.

### 7.2.117 rib-display

(rib-display [frame|tiff] FILEPREFIX)

Ajusta o display Renderman para framebuffer (janela que surge na tela) ou para um arquivo de disco no formato TIFF. FILEPREFIX é usado para construir nomes da forma `prefixNNNN.suffix`. (i.e. `foo0000.rib`) O número é incrementado a cada chamada a `rib-snapshot` e retorna a 0000 quando `rib-display` é chamado. Arquivos TIFF são fornecidos com o mesmo prefixo e número que o arquivo RIB correspondente (i.e. `foo0004.rib` gera `foo0004.tiff`). O padrão FILEPREFIX é `geom` e o formato padrão é TIFF. (Note que geomview apenas gera um arquivo RIB, o qual deve ser processado.)

### 7.2.118 rib-snapshot

(rib-snapshot CAM-ID [nomearquivo])

Escreve um instantâneo Renderman (no formato RIB) de CAM-ID gravando em <nomearquivo>. Se não for especificado um nomearquivo, veja [seção 7.2.117 \[rib-display\]](#), página 150 para uma explanação do nomearquivo usado.

### 7.2.119 scale

(scale GEOM-ID FATOR [FATORY FATORZ])

Ajusta proporcionalmente GEOM-ID, multiplicando seu tamanho por FATOR. Os fatores devem ser números positivos. Se FATORY e FATORZ estiverem presentes e forem não nulos, o objeto é ajustado proporcionalmente por FATOR na direção x, por FATORY na direção y, e por FATORZ na direção z. Se somente FATOR estiver presente, o objeto é justado proporcionalmente por FATOR nas três direções x, y, e z. Ajustes proporcionais somente fazem sentido realmente no espaço de Euclides. Ajustes proporcionais usando o mouse nos outros espaço não é permitido; o comando scale pode ser emitido em outros espaços mas deve ser usado com cuidado pelo fato de poder fazer com que dados extendam-se para além dos limites do espaço.

### 7.2.120 scene

(scene CAM-ID [GEOMETRY])

Make CAM-ID look at GEOMETRY instead of at the universe.

### 7.2.121 set-clock

(set-clock TIME)

Ajusta o relógio para esse fluxo de comando para ler *TIME* (em segundos) a partir do momento que o comando é recebido. Veja [seção 7.2.131 \[sleep-until\]](#), página 152. Veja [seção 7.2.25 \[clock\]](#), página 132.

### 7.2.122 set-conformal-refine

(set-conformal-refine CMX [N [SHOWEDGES]])

Ajusta os parâmetros para o algoritmos de refinamento usado no desenho no modelo conformacional. CMX é o cosseno do maior ângulo e arestas podem entortar antes de serem refinadas. Seus valores devem estar entre -1 e 1; o

padrão é 0.95; diminuindo seu valor irá fazer causar menos refinamento. *N* é o número máximo de iterações de refinamento; o padrão é 6. *SHOWEDGES*, que pode ser **no** ou **yes**, determina se arestas interiores no refinamento são desenhadas.

### 7.2.123 set-emodule-path

`(set-emodule-path (PATH1 ... PATHN))`

Ajusta o caminho de busca por módulos externos. Os *PATHi* devem ser nomes de caminho de diretórios contendo, para cada módulo, o arquivo executável do módulo e um arquivo `.geomview-<modulename>` que contém um comando (`emodule-define ...`) para aquele módulo. Esse comando implicitamente chama (`rehash-emodule-path`) para reconstruir o navegador de aplicações a partir do novo caminho ajustado. O nome especial de diretório `+` é substituído pelo caminho atual, então e.g. `(set-emodule-path (meudir +))` anexa `meudir` no início do caminho.

### 7.2.124 set-load-path

`(set-load-path (PATH1 ... PATHN))`

Ajusta o caminho de busca para comando, objeto geométrico, arquivos, etc. Os *PATHi* são sequências de caracteres fornecendo os nomes de caminho de diretórios a serem buscados. O nome especial de diretórios `+` é substituído pelo caminho atual, então e.g. `(set-load-path (meudir +))` anexa `meudir` no início do caminho.

### 7.2.125 set-motionscale

`(set-motionscale X)`

Ajusta o fator de proporcionalidade do movimento para *X* (o valor padrão é 0.5). Esses comandos ajustam proporcionalmente seu movimento por uma quantidade que depende da distância do quadro ao centro e do tamanho do quadro. Especificamente, ele ajusta de forma proporcional `dist + scaleof(frame) * motionscale` onde `dist` é a distância a partir do centro ao quadro e `motionscale` é o fator de ajuste proporcional do movimento ajustado por essa função. `scaleof(frame)` mede o tamanho do objeto `frame`.

### 7.2.126 setenv

`(setenv nome string)`

ajusta a variável de ambiente **nome** para o valor *string*; o nome é visível para o `geomview` (como em nomes de caminho contendo `$nome`) e para processos cria-se, e.g. módulos externos.

### 7.2.127 setq

`(setq SYM EXPR)`

Bind the symbol *SYM* to the value of *EXPR*. *SYM* must be an unqualified symbol, i.e. not aspas duplas, and literal: `(setq "foo" bar)` will not work. Likewise `(setq (bar STUFF) foo)` will also not work, even if `(bar ...)` would



evaluate to an unqualified symbol: variable names must be literals. Note that calling `(setq SYM ...)` will alter the value of *SYM* within the current namespace: if *SYM*, e.g., is bound as local variable by a lambda, let ou defun expression, then `(setq SYM ...)` will change the value of the local variable, the global binding will remain unchanged. It is NOT possible to un-bind a symbol. However, subsequent `(setq SYM ...)` invocations will re-bind *SYM* to another value and free the lisp-object previously bound to *SYM*. Veja seção 7.2.68 [lambda], página 140. Veja seção 7.2.31 [defun], página 133. Veja seção 7.2.69 [let], página 140.

### 7.2.128 sgi

`(sgi)` Returns `t` if running on an sgi machine, `nil` if not. A relict from the old work-station years.

### 7.2.129 shell

`(shell SHELL-COMMAND)`

Execute the given UNIX SHELL-COMMAND using `/bin/sh`. Geomview waits for it to complete and will be unresponsive until it does. A synonym is `!`.

### 7.2.130 sleep-for

`(sleep-for TIME)`

Suspend reading commands from this stream for *TIME* seconds. Commands already read will still be executed; `sleep-for` inside `progn` won't delay execution do rest do `progn`'s contents.

### 7.2.131 sleep-until

`(sleep-until TIME)`

Suspend reading commands from this stream until *TIME* (in seconds). Commands already read will still be executed; `sleep-until` inside `progn` won't delay execution do rest do `progn`'s contents. Time is measured according to this stream's clock, as set by `set-clock`; if never set, the first `sleep-until` sets it to 0 (so initially `(sleep-until TIME)` is the same as `(sleep-for TIME)`). Returns the number of seconds until *TIME*.

### 7.2.132 snapshot

`(snapshot CAM-ID NOME DO ARQUIVO [FORMAT [XSIZE [YSIZE]]])`

Save a snapshot of *CAM-ID* in the *NOME DO ARQUIVO* (a sequência de caracteres). The *FORMAT* argumento is optional; it may be "ppmscreen" (the default), "ps", "ppm", "sgi" (on SGI machines), "ppmosmesa" (if built with libOSMesa) ou "ppmosglx". A "ppmscreen" snapshot is created by reading the image directly from the given janela; the janela is popped above other janelas and redrawn first, then its contents are written as a PPM format image. A "ppmosmesa" snapshot is drawn by Mesa's software renderer into a memory buffer in RAM. A "ppmosglx" snapshot is rendered into a GLX Pixmap buffer, which is also off-screen but may ou may not reside in video RAM. Rendering

may ou may not be accelerated. The problem with on-screen snapshots is that the janela must be mapped and not obscured by other janelas. So on-screen snapshots will not work in the background, ou when a screen safer is active. With "ps", dumps a Postscript picture representing the view from that janela; hidden-surface removal might be incorrect. With "ppm", dumps a PPM-format image produced by geomview's internal software renderer; this may be of arbitrary size. If the *NOMEDOARQUIVO* argumento begins with "|", it's interpreted as a `/bin/sh` command to which the PPM ou PS data should be piped. Optional *XSIZE* and *YSIZE* values are relevant only for "ppm" formats, and render to a janela of that size (or scaled to that size, with aspect fixed, if only *XSIZE* is given)

### 7.2.133 soft-shader

`(soft-shader CAM-ID {on|off|toggle})`

Select se to use software ou hardware shading in that camera.

### 7.2.134 space

`(space {euclidean|hyperbolic|spherical})`

Set the space associated with the world.

### 7.2.135 stereowin

`(stereowin CAM-ID [no|horizontal|vertical|colored] [gapsize])`

Configure CAM-ID as a stereo janela. no: entire janela is a single pane, stereo disabled

horizontal: split left/right: left is stereo eye#0, right is #1.

vertical: split top/bottom: bottom is eye#0, top is #1.

colored: panes overlap, red is stereo eye#0, cyan is #1.

A gap of *gapsize* pixels is left between subjanelas; se omitido, subjanelas are adjacent. If both layout and *gapsize* are omitido, e.g. `(stereowin CAM-ID)`, returns current settings as a `(stereowin ...)` command list. This command doesn't set stereo projection; use `merge camera` or `camera` to set the stereeyes transforms, and `merge window` or `window` to set the pixel aspect ratio & janela position if needed.

### 7.2.136 time-interests

`(time-interests deltatime initial prefix [suffix])`

Indicates that all interest-related messages, when separated by at least *deltatime* seconds of real time, should be preceded by the sequência de caracteres *prefix* and followed by *suffix*; the first message is preceded by *initial*. All three are printf format strings, whose argumento is the current clock time (in seconds) on that stream. A *deltatime* of zero timestamps every message. Typical usage:

`(time-interests .1 (set-clock %g) (sleep-until %g))` or

`(time-interests .1 (set-clock %g) "(sleep-until %g) (progn (set-clock %g) " ")")`

or

`(time-interests .1 "(set-clock %g)" "(if (> 0 (sleep-until %g)) (" ")")"`

### 7.2.137 transform

```
(transform objetoID centerID frameID
[rotate|translate|translate-scaled|scale] x y z [bbox-center|origin] [dt
[smooth]])
```

Apply a motion (rotation, translation, scaling) to object `objetoID`; that is, construct and concatenate a transformation matrix with `objetoID`'s transform. The 3 IDs involved are the object that moves, the center of motion, and the frame of reference in which to apply the motion. The center is easiest understood for rotations: if `centerID` is the same as `objetoID` then it will spin around its own axes; otherwise the moving object will orbit the center object. There is the special keyword `bbox-center` which may be used for `centerID`. As a result the motion will be relative to the center of the bounding box of `objetoID`. Normally `frameID`, in whose coordinate system the (mouse) motions are interpreted, is `focus`, the current camera. Translations can be scaled proportional to the distance between the target and the center. Support for spherical and hyperbolic as well as Euclidean space is built-in: use the `space` command to change spaces. With type `rotate` `x`, `y`, and `z` are floats specifying angles in RADIANS. For types `translate` and `translate-scaled` `x`, `y`, and `z` are floats specifying distances in the coordinate system of the center object.

The optional `dt` field allows a simple form of animation; if present, the objeto moves by just that amount during approximately `dt` seconds, then stops. If present and followed by the `smooth` keyword, the movimento is animated with a  $3t^2-2t^3$  function, so as to start and stop smoothly. If absent, the movimento is applied immediately.

### 7.2.138 transform-incr

```
(transform-incr objetoID centerID frameID
[rotate|translate|translate-scaled|scale] x y z [origin|bbox-center] [dt
[smooth]])
```

Apply continuing movimento: construct a matriz de transformação and concatenate it with the current transform of `objetoID` every refresh (sets `objetoID`'s incremental transform). Same syntax as `transform`. If optional `dt` argumento is present, the objeto is moved at each time step such that its average movimento equals one instance do movimento per `dt` seconds. E.g. `(transform-incr World World World rotate 6.28318 0 0 10.0)` rotates the World about its X axis at 1 turn (2pi radians) per 10 seconds.

### 7.2.139 transform-set

```
(transform-set objetoID centerID frameID
[rotate|translate|translate-scaled|scale] x y z [origin|bbox-center])
```

Set `objetoID`'s transform to the constructed transform. Same syntax as `transform`.

### 7.2.140 truncate

(truncate *EXPR*)

Rounds *EXPR* towards zero.

### 7.2.141 ui-cam-focus

(ui-cam-focus [*focus-change*|*mouse-cross*])

Set the focus policy for the janelas de câmera. The default is **mouse-cross**: a câmera is made the active câmera (for interactive mouse events) when o cursor do mouse crosses the janela. Because this means it can become complicated to activate a specific câmera (in the context of multiple janelas de câmera) there is also the option to only change the câmera focus when the janela-manager decides to give it the focus for input events. So, after specifying **focus-change** it depends on the focus-change configuration of your janela-manager when a câmera becomes the active câmera for mouse-interaction. To change this behaviour permanently you could, e.g., place the following line in your ‘`$(HOME)/.geomview`’ file (Veja [Capítulo 5 \[Customizacao\]](#), página 103):

```
(progn
  (ui-cam-focus focus-change)
  ... # other stuff
)
```

### 7.2.142 ui-center

(ui-center *ID*)

Set the center for user interface (i.e. mouse) controlled movimentos to objeto *ID*.

### 7.2.143 ui-center-origin

(ui-center-origin [*origin*|*bbox-center*])

Set the origin do coordinate system do **CENTER** objeto for user interface (i.e. mouse) controlled movimentos. The keyword **origin** means to use the origin do coordinate system do currently selected objeto, while **bbox-center** means to use the center da bounding box do current objeto. The keyword **bbox-center** makes no sense if the objeto geométrico is non-Euclidean. Using either **bbox-center** ou **origin** does not make a difference if the objeto do centro is not a *geometry*, e.g. if it is a camera. Same holds if the World is the currently selected objeto.

### 7.2.144 ui-emotion-program

(ui-emotion-program *PROGRAM*)

This é uma obsolete command. Use its new equivalent [seção 7.2.40 \[emodule-define\]](#), página 134 instead.

### 7.2.145 ui-emotion-run

(ui-emotion-run EMODULE)

This é uma obsolete command. Use its new equivalent [seção 7.2.46 \[emodule-start\]](#), [página 135](#) instead.

### 7.2.146 ui-freeze

(ui-freeze {on|off})

Toggle updating user interface panels. Off by default.

### 7.2.147 ui-html-browser

(ui-html-browser BROWSER)

Use *BROWSER* for viewing the *HTML*-version do manual when the ‘Manual (HTML)’ menu item is selected in the ‘Help’-menu. If the (ui-html-browser ...) command was never executed, then the default is to use the browser stored in the *WEBBROWSER* environment variable. If the environment variable is unset then the default is compile-time dependent.

### 7.2.148 ui-motion

(ui-motion {inertia|constrain|own-coordinates} {on|off})

Enable ou disable certain properties of mouse-controlled movimento. The purpose of this command is to give access to the respective toggles of the *Main* panel’s *Motion* menu through GCL commands. Veja [seção 3.5 \[Movimentos do Mouse\]](#), [página 39](#).

**inertia** Normally, moving objetos have inertia: if o mouse is still moving when the botão is released, the selected objeto continues to move. When *inertia* is off, objetos cease to move as soon as you release the mouse.

**constrain**

It’s sometimes handy to move an objeto in a direction aligned with a coordinate axis: exactly horizontally ou vertically. Calling (ui-motion constrain on) changes the interpretation of mouse movimentos to allow this; approximately-horizontal or approximately-vertical mouse dragging becomes exactly horizontal or vertical movimento. Note that the movimento is still along the X ou Y axes of the câmera in which you move o mouse, not necessarily the objeto’s own coordinate system.

**own-coordinates**

It’s sometimes handy to move objetos with respect to the coordinate system where they were defined, rather than with respect to some camera’s view. When (ui-motion own-coordinates on) has been called, all movimentos are interpreted that way: dragging o mouse rightward in translate mode moves the objeto in its own +X direction, and so on. May be especially useful in conjunction with the (ui-motion constrain on) command.

### 7.2.149 ui-panel

(ui-panel PANELNAME {on|off} [WINDOW])

Do ou don't display the given user-interface panel. Case is ignored in panel names. Current *PANELNAMEs* are:

geomview	main panel
tools	movimento controls
appearance	controles de aparência
cameras	câmera controls
lighting	lighting controls
obscure	obscure controls (doesn't seem to exist any more)
materials	material properties controls
command	command entry box
credits	geomview credits

By default, the **geomview** and **tools** panels appear when geomview starts. If the optional Window is supplied, a **position** clause (e.g. (ui-panel obscure on { position xmin xmax ymin ymax })) sets the panel's default position. (Only xmin and ymin values are actually used.) A present but empty Window, e.g. (ui-panel obscure on {} ) causes interactive positioning.

### 7.2.150 ui-pdf-viewer

(ui-pdf-viewer VIEWER)

Use the executable *VIEWER* for viewing the *PDF*-version do manual when the 'Manual (PDF)' menu-item is selected in the 'Help'-menu. If the (ui-pdf-viewer ...) command was never executed, then the default is to use the browser stored in the *PDFVIEWER* environment variable. If the environment variable is unset then the default is compile-time dependent.

### 7.2.151 ui-target

(ui-target ID [yes|no])

Set the target of user actions (the selected line do objeto alvo browser) to ID. The segundo argumento especifica se to make ID the current objeto regardless of its type. If no, then ID becomes the current objeto of its type (geom ou camera). The default is **yes**. This command may result in a change of modos de movimento based on target choice.

### 7.2.152 uninterest

(uninterest (COMMAND [args]))

Undoes the effect of an **interest** command. (COMMAND [args]) must be identical to those used in the [seção 7.2.67 \[interest\]](#), [página 139](#) command.

### 7.2.153 update

(update [timestep\_in\_seconds])

Apply each incremental movimento once. Uses timestep if it's present and nonzero; otherwise movimentos are proportional to elapsed real time.

### 7.2.154 update-draw

(update-draw CAM-ID [timestep\_in\_seconds])

Apply each incremental movimento once and then draw CAM-ID. Applies timestep seconds' worth of movimento, ou uses elapsed real time if timestep is absent ou zero.

### 7.2.155 while

(while TEST BODY)

Iterate: *evaluate TEST, if non nil, evaluate BODY.*

### 7.2.156 window

(window CAM-ID WINDOW)

Specify attributes for the janela of CAM-ID, e.g. its size ou initial position, in the Oogl Window syntax. The special CAM-ID **default** especifica properties of future janelas (created by [seção 7.2.19 \[camera\]](#), [página 131](#) ou [seção 7.2.91 \[new-camera\]](#), [página 145](#)).

### 7.2.157 winenter

(winenter CAM-ID)

Tell geomview that o cursor do mouse is in the janela of CAM-ID. This function is for development purposes and is not intended for general use.

### 7.2.158 write

(write {command|geometry|camera|transform|ntransform|window|bbox}  
NOMEDOARQUIVO [ID|(ID ...)] [self|world|universe|outroID])

write description of ID in given format to NOMEDOARQUIVO. Last parameter chooses coordinate system for geometry & transform: self: just the objeto, no transformação ou aparência (objeto geométrico only) world: the objeto as positioned within the World. universe: objeto's position in universal coordenadas; includes Worldtransform other ID: the objeto transformed to o sistema de coordenadas de outroID.

A filename of - is a special case: data are written to the stream from which the 'write' command was read. For external modules, the data are sent to the module's standard input. For commands not read from an external program, - means geomview's standard output (veja [seção 7.2.26 \[command\]](#), [página 132](#)).

The ID can either be a single id ou a parenthesized list of ids, like g0 ou (g2 g1 dodec.off).

**7.2.159 write-comments****(write-comments NOMEDOARQUIVO GEOMID PICKPATH)**

write OOGL COMMENT objetos in the GEOMID hierarchy at the level do pick path to NOMEDOARQUIVO. Specifically, COMMENTS at level (a b c ... f g) will match pick paths da form (a b c ... f \*) where \* includes any value of g, and also any values of possible further indices h,i,j, etc. The pick path (returned in the `pick` command) is a list of integer counters specifying a subpart of a hierarchical OOGL objeto. Descent into a complex objeto (LISTA ou INST) adds a new integer to the path. Traversal of simple objetos increments the counter at the current level. Individual COMMENTS are enclosed by curly braces, and the entire sequência de caracteres of zero, one, ou more COMMENTS (written in the order in which they are encountered during hierarchy traversal) is enclosed by parentheses.

Note that arbitrary data can only be passed through the OOGL libraries as full-fledged OOGL COMMENT objetos, which can be attached to other objetos OOGL via the LISTA type as described above. Ordinary comments in OOGL files (i.e. everything after '#' on a line) are ignored at when the file is loaded and cannot be returned.

**7.2.160 write-handle****(write-handle PREFIX NOMEDOARQUIVO HANDLE)**

Writes the objeto underlying the given handle to *NOMEDOARQUIVO*. This function is intended for internal debugging use only.

**7.2.161 write-sexpr****(write-sexpr NOMEDOARQUIVO LISPOBJECT)**

Writes the given LISPOBJECT to NOMEDOARQUIVO. This function is intended for internal debugging use only.

**7.2.162 xform****(xform ID TRANSFORM)**

Concatenate TRANSFORM with the current transform do objeto (apply TRANSFORM to objeto ID).

**7.2.163 xform-incr****(xform-incr ID TRANSFORM)**

Apply continual movimento: concatenate TRANSFORM with the current transform do objeto every refresh (set objeto ID's incremental transform to TRANSFORM).

**7.2.164 xform-set****(xform-set ID TRANSFORM)**

Overwrite the current objeto transform with TRANSFORM (set objeto ID's transform to TRANSFORM).



### **7.2.165 zoom**

(zoom CAM-ID FACTOR)

Zoom CAM-ID, multiplying its field of view by FACTOR. FACTOR should be a positive number.

## 8 Geometrias Não-Euclidianas

Geomview supports hyperbolic and spherical objeto geométrico as well as Euclidean objeto geométrico. The three botões at the bottom do *Main* panel are for setting the current objeto geométrico type.

In each das three geometries, three models are supported: *Virtual*, *Projective*, and *Conformal*. You can change the current model with the *Model* browser on the *Camera* panel. Each Geomview câmera has its own model setting.

The default model in all three spaces is *Virtual*. This corresponds to the câmera being in the same space as, and moving under the same set of transformations as, the objeto geométrico itself.

In Euclidean space *Virtual* is the most useful model. The other models were implemented for hyperbolic and spherical spaces and just happen to work in Euclidean space as well: *Projective* is the same as *Virtual* but by default displays the unit sphere, and *Conformal* displays everything inverted in the unit sphere.

In hyperbolic space, the *Projective* model setting gives a view do projective ball model of hyperbolic 3-space imbedded in Euclidean space. The câmera is initially outside the unit ball. In this model, the câmera moves by Euclidean movimentos and objeto geométrico moves by hyperbolic movimentos. *Conformal* model is similar but shows the conformal ball model instead.

In spherical space, the *Projective* model gives a view of half da 3-sphere imbedded in Euclidean 3-space. Spherical movimentos give rise to projective transformations in the *Projective* model, and to Möbius transformations in the *Conformal* model. In both of these models the câmera moves by Euclidean movimentos.

In *Projective* and *Conformal* models, the unit sphere is drawn by default. You can turn it off and on at will using the *Draw Sphere* botão in the *Camera* panel. In the *Conformal* model, polígonos and edges are subdivided as necessary to make them look curved. The parameters which determine this subdivision can be set with the `set-conformal-refine` GCL command. Veja [seção 7.2.122 \[set-conformal-refine\]](#), página 150.

There are several sample hyperbolic space objetos in the ‘data/geom/hyperbolic’ subdirectory do Geomview directory. Likewise, the subdirectory ‘data/geom/spherical’ contains several sample spherical space objetos.

## 9 Gráficos Matemáticos no Geomview ou no RenderMan

Geomview comes with some Mathematica packages that let you use Geomview to display Mathematica graphics. Mathematica is a commercial mathematical software system available from Wolfram Research, Inc.

There are two ways to do this.

1. Use Mathematica to write a graphics objeto to a file in OOGL format or in RIB format.
2. Use Geomview as the default display for all 3D graphics output in Mathematica.

You can also use these packages to save Mathematica graphics in RenderMan (RIB) format.

Since the format of Mathematica graphics objetos is different from the OOGL formats, both of these methods involve translating Mathematica graphics to OOGL format. Geomview is distributed with a Mathematica package which does this translation. Before doing either dos above you must install this package.

### 9.1 Using Mathematica to generate OOGL files

The package 'OOGL.m' allows Mathematica to write graphics objetos in OOGL format. To use it, give the command `<< OOGL.m` to Mathematica to load the package. The `WriteOOGL[file,graphics]` command writes an OOGL description do 3D graphics objeto *graphics* to the file named *file*.

This package also provides the `Geomview` command which sends a 3D graphics objeto to Geomview. The first time you use this command it starts up a copy of Geomview. Later calls send the graphics to the same Geomview. There are two ways to use the `Geomview` command.

`Geomview[graphics]`

Sends the 3D graphics objeto *graphics* to Geomview as a geom named *Mathematica*. Subsequent usage of `Geomview[graphics]` replaces the *Mathematica* objeto in Geomview with the new *graphics*.

`Geomview[name,graphics]`

Sends the 3D graphics objeto *graphics* to Geomview as a geom named *name*. You can use multiple calls of this form with different names to cause Geomview to display several Mathematica objetos at once and allow independent control over them.

```
% math
Mathematica 2.0 for SGI Iris
Copyright 1988-91 Wolfram Research, Inc.
-- GL graphics initialized --
```

```
In[1] := <<OOGL.m
```

```
In[2] := Plot3D[Sin[x + Sin[y]], {x,-2,2},{y,-2,2}]
```

```
Out[2] := -Graphics3D-
```

This displays graphics in the usual Mathematica way here.

```
In[3] := WriteOOGL["math.oogl", %2]
```

```
Out[3] := -Graphics3D-
```

This displays nothing new but writes the file ‘math.oogl’. You can now load that file into Geomview on any computer. Alternately, you can use the `Geomview` command to start up a copy of Geomview from within Mathematica.

```
In[5] := Geomview[%2]
```

```
Out[5] := -Graphics3D-
```

## 9.2 Using Geomview as Mathematica’s Default 3D Display

The package ‘`Geomview.m`’ arranges for Geomview to be the default display program for 3D graphics in Mathematica. To load it, give the command `<< Geomview.m` to Mathematica. Thereafter, whenever you display 3D graphics with `Plot3D` or `Show`, Mathematica will send the graphics to Geomview.

Loading ‘`Geomview.m`’ implicitly loads ‘`OOGL.m`’ as well, so you can use the `Geomview` and `WriteOOGL` as described above after loading ‘`Geomview.m`’. You do not have to separately load ‘`OOGL.m`’.

```
% math
Mathematica 2.0 for SGI Iris
Copyright 1988-91 Wolfram Research, Inc.
-- GL graphics initialized --
```

```
In[1] := <<Geomview.m
```

```
In[2] := Plot3D[x^2 + y^2, {x, -2, 2}, {y, -2, 2}]
```

```
Out[2] := -SurfaceGraphics-
```

This invokes geomview and loads the graphics objeto into it.

```
In[3] := Plot3D[{x*y + 6, RGBColor[0,x,y]}, {x,0,1}, {y,0,1}]
```

```
Out[3] := -SurfaceGraphics-
```

This replaces the previous objeto do Geomview by the new objeto.

```
In[4] := Geomview[{%2,%3}]
```

```
Out[4] := {-SurfaceGraphics-, -SurfaceGraphics-}
```

This displays both objetos at once. You also can have more than one Mathematica objeto at a time on display in Geomview, and have separate control over them, by using the `Geomview` command with a name, Veja [seção 9.1 \[OOGL.m\]](#), [página 162](#).

```
In[5] := Graphics3D[ {RGBColor[1,0,0], Line[{ {2,2,2},{1,1,1} }} ]}]
```

```
Out[5] := -Graphics3D-
```

```
In[6] := Geomview["myline", %5]
```

This adds the `Line` specified in `In[5]` to the existing Geomview display. It can be controlled independently do "Mathematica" objeto, which is currently the list of two plots.

```
In[7] := <<GL.m
```

If you're on an SGI, loading `GL.m` returns Mathematica to its usual 3D graphics display. The following plot will appear in a normal static Mathematica janela.

```
In[8] := ParametricPlot3D[{Sin[x], Sin[y], Sin[x]*Cos[y]}, {x, 0, Pi}, {y, 0, Pi}]■
```

```
Out[8] := -Graphics3D-
```

We can return to Geomview graphics at any time by reloading 'Geomview.m'.

```
In[9] := <<Geomview.m
```

```
In[10] := Show[%8]
```

```
Out[10] := -Graphics3D-
```

```
In[11] := ParametricPlot3D[
  {(2*(Cos[u] + u*SIN[u])*Sin[v])/(1 + u^2*SIN[v]^2),
   (2*(Sin[u] - u*COS[u])*Sin[v])/(1 + u^2*SIN[v]^2),
   Log[Tan[v/2]] + (2*COS[v])/(1 + u^2*SIN[v]^2)},
  {u, -4, 4}, {v, .01, Pi-.01}]
```

```
Out[11] := -Graphics3D-
```

This last plot is Kuen's surface, a surface of constant negative curvature. Parametrization from Alfred Gray's *Modern Differential Geometry of Curves and Surfaces* textbook.

### 9.3 Using Mathematica to generate RenderMan files

In addition to the `WriteOOGL` and `Geomview` commands described above, the package 'OOGL.m' also defines the command `WriteRIB` which writes a 3D graphics objeto to a RenderMan RIB file: `WriteRIB[file, graphics]` writes *graphics* to file *file*. RenderMan is a commercial rendering system available from Pixar, Inc., which can produce extremely high quality images.

```
In[1] := <<OOGL.m
```

```
In[2] := <<Graphics/Polyhedra.m
```

```
In[3] := Graphics3D[Cube[]]
```

```
Out[3] := -Graphics3D-
```

```
In[4] := WriteRIB["cube.rib", %3]
```

```
Out[4] := -Graphics3D-
```

This generates the file 'math.ri'. This is a ready-to-render RIB file da given objeto geométrico, using a default câmera position, lighting, and the "plastic" shader. In a shell

janela, type `render cube.rib` to generate the image file `'mma.tiff'`. Of course, you need to have RenderMan installed for this to work. A shortcut to render from inside Mathematica is `WriteRIB["!render", foo]`.

`WriteRIB` works by first converting the Mathematica graphics objeto to OOGL format using `WriteOOGL` and then calls an external program `'oogl2rib'` to convert OOGL to RIB format. The `oogl2rib` program takes several options which you can specify in a sequência de caracteres as an optional terceiro argumento to `WriteRIB`. The default option sequência de caracteres is `" -n mma.tiff "`, which indicates that the RIB file should generate a rendered TIFF file named `'mma.tiff'`. A particularly useful option is `-g`, which tells `oogl2rib` to convert only the objeto geométrico into a RIB fragment. You can insert that fragment into a full RIB file of your own making with câmera positions and shaders of your choice, to harness the full power of RenderMan.

The full usage of `oogl2rib` is:

```
oogl2rib [-n name] [-B r,g,b] [-w width] [-h height] [-fgb] [infile] [out-
file]
```

By default it reads from stdin and writes to stdout. Either *infile* ou *outfile* may be `'-'`, which means use stdin/stdout. The options are:

- `-n name`     Use *name* for the name do rendered TIFF file (default "geom.tiff") ou frame-buffer janela (default "geom.rib").
- `-B r,g,b`    Use background color (*r,g,b*). Each component ranges from 0 to 1. Default: none.
- `-w width -h height`  
              Rendered frame will be *width* by *height* pixels.
- `-f`            RIB file renders to on-screen framebuffer instead of TIFF file.
- `-g`            Output only the objeto geométrico in RIB format.
- `-b`            Output only a Quick Renderman clip objeto. Ignores `-nBwhf`.

## 9.4 Using Geomview and Mathematica on Different Computers

It is possible to use Geomview to display graphics generated by Mathematica running on a different computer. If you want to use Mathematica on a computer that is not networked with your Geomview computer, you can write out *chunk* files in Mathematica which you transfer to the Geomview computer and then translate to OOGL format for displaying in Geomview.

### 9.4.1 Using a Networked Geomview Host

The `Geomview` command looks at the `DISPLAY` or `REMOTEHOST` environment variables to try to determine if you are logged in from another computer. If either of these indicates that you are, `Geomview` will attempt to run Geomview on that computer. In order for this to work, your network must be configured such that the Mathematica computer can successfully `rsh` to the Geomview computer without giving a password.

You can also explicitly set the `DisplayHost` option to the `Geomview` command to a sequência de caracteres which is the desired hostname, for exemplo:

```
In[1] := << OOGL.m
```

```
In[2] := Plot3D[Sin[x + Sin[y]], {x,-2,2},{y,-2,2}]
```

```
Out[2] := -Graphics3D-
```

```
In[3] := Geomview[%3, DisplayHost->"riemann"]
```

This displays the graphics %3 on the remote host named `riemann`.

`Geomview` recognizes the sequência de caracteres "local" as a value for `$DisplayHost`; it forces the graphics to be displayed on the local machine.

In addition to knowing the name da machine you want to run `Geomview` on, `Geomview` needs to know the type of that machine (the setting da CPU variable that corresponds to the machine; veja [seção 10.2 \[Source Code Installation\]](#), página 171). By default, `Geomview` assumes that it is the same kind of computer as the one you are running `Mathematica` on. The `MachType` option lets you explicitly specify the type do `DisplayHost` computer; it should be one das seqüências de caracteres "sgi" or "next" ou "x11".

You can use `SetOptions` to change the default `DisplayHost` and `MachType`. For exemplo,

```
In[4] := SetOptions[Geomview, DisplayHost->"riemann", MachType->"sgi"]
```

arranges for `Geomview` to run `Geomview` on an SGI workstation named `riemann`.

### 9.4.2 Transporting Mathematica Files to Geomview by Hand

The auxilliary function `WriteChunk` is for those who can only use `Mathematica` on a computer that `Geomview` isn't installed on. `WriteChunk[file, graphics]` generates a file named `file` which contains the graphics objeto `graphics` in the format accepted by 'math2oogl'.

You can transfer that file to a computer that has `Geomview` installed on it and then use the programs 'math2oogl', 'oogl2rib', and 'geomview' directly from the shell. These programs are distributed in the 'bin/<CPU>' subdirectory do `Geomview` directory, and may have been installed so that they are on your `path`.

```
In[1]:= <<OOGL.m
```

```
In[2]:= Plot3D[ Sin[x + Sin[y]], {x,-2,2}, {y,-2,2} ]
```

```
Out[2]= -SurfaceGraphics-
```

```
In[3]:= WriteChunk["mychunk",%2]
```

This writes the file 'mychunk' which contains a description do graphics objeto. You can then transfer this file to a system with `Geomview` and type

```
math2oogl < mychunk > mma.oogl
```

to convert it to the OOGL file 'mma.oogl' which you can then view using `Geomview`. This is the equivalent do `WriteOOGL` command.

For a result equivalent to the `Geomview` ou `Show` commands, type

```
math2oogl -togeomview Mathematica geomview < mychunk
```

The `WriteRib` command can be emulated from the shell as

```
math2oogl < mychunk | oogl2rib -n mma.tiff
```

## 9.5 Details of the Mathematica->Geomview Package

The ‘OOGL.m’ package uses the external program ‘math2oogl’ to convert `Graphics3D` objetos to OOGL format, because a compiled external program is able to do this conversion many times faster than Mathematica.

The converter will sometimes handle colored `SurfaceGraphics` objetos correctly that Mathematica does not handle correctly, which means that `Geomview[objeto]` sometimes works where `Show[objeto]` will give errors.

The converter supports the `Polygon`, `Line`, and `Point` graphics primitives, `RGBColor` `Graphics3D` directives, and `SurfaceGraphics` objetos with ou without `RGBColor` directives, and lists of any combination of these. It silently ignores all other directives.

The Mathematica to RenderMan conversion is actually a two-step process: Mathematica->OOGL (math2oogl), and OOGL->RenderMan (oogl2rib).

In the `WriteOOGL` and `WriteRIB` commands, filename can either be a sequência de caracteres containing a filename, an `OutputStream` objeto, or a sequência de caracteres starting with a `!` to send the output to a command. Objeto can be a `Graphics3D` objeto, a `SurfaceGraphics` objeto, ou a list of these.

The packages work best with Mathematica 2.0 ou better. With version 1.2, the Geomview display is always on the local host.

## 9.6 Installing the Mathematica Packages

**BUG:** This section is out of date. Geomview follows the GNU-installation habits, data goes to ‘PREFIX/share/geomview/’, user executables to ‘PREFIX/bin/’, private executables to ‘PREFIX/libexec/geomview/’, libraries to ‘PREFIX/lib/’ where PREFIX denotes the installation prefix specified for the ‘TOPSRCDIR/configure’ script. Please have a look at the files ‘TOPSRCDIR/INSTALL’ and ‘TOPSRCDIR/INSTALL.Geomview’ for installation instructions.

The installed Mathematica data-files can be found in ‘PREFIX/share/geomview/Mathematica/’.

If Geomview is properly installed on your system according to the instructions in [Veja Capítulo 10 \[Instalacao\], página 169](#), then the Mathematica-to-Geomview packages should work as described here; there should be no need for additional installation procedures. In practice, however, it is sometimes necessary to tailor the installation dos Mathematica packages and/or of Geomview itself to suit the needs of a particular system. This section contains details about how the installation works; if the Mathematica-to-Geomview connection does not seem to work for you after following the Geomview installation procedure, consult this section to see what might need to be fixed.

In this section, the phrase *Geomview installation* refers any of the procedures in [Veja Capítulo 10 \[Instalacao\], página 169](#). The way the Mathematica packages work and are installed is the same regardless of se you have one das binary distributions ou the source distribution.



1. The relevant mathematica files are ‘OOGL.m’, ‘Geomview.m’, and ‘BezierPlot.m’; Mathematica must be able to find these files. They are distributed in the ‘PREFIX/share/geomview/Mathematica’ subdirectory das binary distributions, and in the ‘TOPSRCDIR/src/bin/geomutil/math2oogl’ subdirectory da source distribution. These files need to be in a directory that is on Mathematica’s search path. You can look at the value of the \$Path variable in a Mathematica session on your system to see a list dos directories on Mathematica’s search path.

The Geomview installation procedure puts copies dos Mathematica packages into a directory that you specify (MMAPACKAGEDIR). This should ensure that Mathematica can find them. Alternately, you could arrange to append the pathname dos Mathmematica package subdirectory da Geomview distribution to the \$Path variable each time you run Mathematica.

2. The package ‘OOGL.m’ needs to be able to invoke the programs ‘geomview’, ‘math2oogl’, and ‘oogl2rib’. The Geomview installation procedure installs these programs into a directory that you specify for executables (BINDIR). Ideally, this directory should be on your shell’s \$PATH. More specifically, it should be on the \$PATH do shell in which Mathematica runs; the directory ‘/usr/local/bin’ is usually a good choice. You can see the list of directories on this path by giving the command !echo \$path in Mathematica.

If for some reason you can’t arrange for ‘geomview’, ‘math2oogl’, and ‘oogl2rib’ to be in a directory on the shell’s \$PATH, you can modify ‘OOGL.m’ to cause it to look for them using absolute pathnames. To do this, change the definitions das variables \$GeomviewPath and \$GeomRoot, which are defined near the top do file. Change \$GeomviewPath to the absolute pathname do ‘geomview’ shell script on your system. Change \$GeomRoot to the absolute pathname do ‘\$GEOMROOT’ directory on your system. If you do this, you should also make sure there are copies of ‘geomview’, ‘math2oogl’, and ‘oogl2rib’ in the ‘\$GEOMROOT/bin/<CPU>’.

3. The ‘geomview’ shell script, which ‘OOGL.m’ uses to invoke Geomview, needs to be able to find the geomview executable file ( called ‘gvx’). The Geomview installation procedure should have been taken care of this, but if your Mathematica session doesn’t seem to be able to invoke Geomview, it’s worth double-checking that the settings in the ‘geomview’ script are correct.

## 10 Instalação

**BUG:** This section is out of date. Geomview follows the GNU-installation habits, data goes to ‘PREFIX/share/geomview/’, user executables to ‘PREFIX/bin/’, private executables to ‘PREFIX/libexec/geomview/’, libraries to ‘PREFIX/lib/’ where PREFIX denotes the installation prefix specified for the ‘TOPSRCDIR/configure’ script. Please have a look at the files ‘TOPSRCDIR/INSTALL’ and ‘TOPSRCDIR/INSTALL.Geomview’ for installation instructions.

What you do to install Geomview depends on which kind of computer you have and on se you have the source distribution or the binary distribution.

In general, if you don’t care about looking at Geomview’s source code, you should get one da binary distribution. The binary installation is much easier and quicker than compiling and installing the source code.

### 10.1 Instalando os Binários Unix

**BUG:** This section is out of date. Geomview follows the GNU-installation habits, data goes to ‘PREFIX/share/geomview/’, user executables to ‘PREFIX/bin/’, private executables to ‘PREFIX/libexec/geomview/’, libraries to ‘PREFIX/lib/’ where PREFIX denotes the installation prefix specified for the ‘TOPSRCDIR/configure’ script. Please have a look at the files ‘TOPSRCDIR/INSTALL’ and ‘TOPSRCDIR/INSTALL.Geomview’ for installation instructions.

If you have just obtained a copy da binary distribution for a Unix system (Linux, SGI, Solaris, HP, etc), you should be able to run Geomview and make use of most of its features immediately after unpacking it by `cd`’ing to the directory that it is in and typing `geomview`.

In order to fully install Geomview so that you can run it from any directory and use all of its features, follow the steps in this section. In particular, you must go through this installation procedure in order to use Geomview to display Mathematica graphics.

Geomview is distributed in a directory that contains various files and subdirectories that Geomview needs at run-time, such as data files and external modules. It also contains other things distributed with Geomview, such as documentation and (in the soure-code distribution) source-code. We refer to the root directory of this tree as the ‘\$GEOMROOT’ directory. This is the directory called ‘Geomview’ that is created when you unpack the distribution file.

To install Geomview on your system, arrange for the ‘\$GEOMROOT’ directory to be in a permanent place. Then, in a shell janela, `cd` to that directory and type `install`. This runs a shell script which does the installation after asking you several questions about where you want to install the various componentes of Geomview.

After running the `install` script you should now be able to run Geomview from any directory on your system. (You may need to give the `rehash` command in any shells on your computer that were started up before you did the installation.)

The ‘install’ script puts copies dos files in ‘\$GEOMROOT/bin/<CPU>’ and ‘\$GEOMROOT/man’ into the directories you specified for executables and man pages,

respectively. Once you have done the installation you can cut down one the disk space required by Geomview by removing some files from these directories, since copies have been installed elsewhere. You should first test that your installed Geomview works properly because once you remove these files from their distribution directories you will not be able to do the installation again.

In particular, the files you can remove are

`$GEOMROOT/bin/<MACHTYPE>`:

(where `<MACHTYPE>` is the type of system you are on, e.g. `linux`, `sgi`, `hpux`, etc). Remove all files from here except `gvx`, which is the geomview executable file. DO NOT REMOVE `gvx`. It is not installed elsewhere.

`$GEOMROOT/man`:

You can remove all the files in this directory.

### 10.1.1 Detalhes da Instalação dos Binários Unix

**BUG:** This section is out of date. Geomview follows the GNU-installation habits, data goes to `PREFIX/share/geomview/`, user executables to `PREFIX/bin/`, private executables to `PREFIX/libexec/geomview/`, libraries to `PREFIX/lib/` where `PREFIX` denotes the installation prefix specified for the `TOPSRCDIR/configure` script. Please have a look at the files `TOPSRCDIR/INSTALL` and `TOPSRCDIR/INSTALL.Geomview` for installation instructions.

The `install` script should be self-explanatory; just run it and answer the questions. This section gives some details for system administrators and other users who may want to know more about the installation.

The installation is actually done by `make`; the `install` script queries the user for the settings dos following `make` variables and then invokes `make install`.

**GEOMROOT:** the absolute pathname do Geomview root directory. The `geomview` shell script, which is what users invoke to run Geomview, uses this to set various environment variables that Geomview needs. It is very important that this be an *absolute* pathname — i.e. it should start with a `/`.

**BINDIR:** a directory where executable files are installed. The `geomview` shell script goes here, as well as various other auxiliary programs that can be used in conjunction with `geomview`. This should be a directory that is on users' `$path`. These auxiliary programs are distributed in the `$GEOMROOT/bin/<MACHTYPE>` directory; if you specify this directory for `BINDIR`, they are left in that directory.

**MANDIR:** a directory where Unix manual pages are installed. These are distributed in the `$GEOMROOT/man` subdirectory; if you specify this directory for `MANDIR`, they are left in that directory.

**MMAPACKAGEDIR:**

a directory where Mathematica packages are installed. This should be a directory that Mathematica searches for packages that it loads; you can see what directories your Mathematica searches by looking at the value da `$Path` variable in a Mathematica session. The installation process will install some packages

there which allow you to use Geomview to display Mathematica graphics. These packages are distributed in the ‘\$GEOMROOT/mathematica’ subdirectory; if you specify this directory for MMAPACKAGEDIR, ou if you specify the empty sequência de caracteres for MMAPACKAGEDIR, the packages are left in that directory. For more details about the way these Mathematica packages connect to Geomview, veja [seção 9.6 \[Package Installation\]](#), página 167.

## 10.2 Compilando e Instalando a Partir do Código Fonte.

**BUG:** This section is out of date. Geomview follows the GNU-installation habits, data goes to ‘PREFIX/share/geomview/’, user executables to ‘PREFIX/bin/’, private executables to ‘PREFIX/libexec/geomview/’, libraries to ‘PREFIX/lib/’ where PREFIX denotes the installation prefix specified for the ‘TOPSRCDIR/configure’ script. Please have a look at the files ‘TOPSRCDIR/INSTALL’ and ‘TOPSRCDIR/INSTALL.Geomview’ for installation instructions.

The main reason to get the source code distribution is to look at and/or work with the source code. If you are only concered with *using* Geomview it is better to get the binary distribution. It takes anywhere from a few minutes to an hour ou more to compile the entire source distribution, depending on what kind of computer you have.

Let ‘\$GEOMROOT’ denote the full pathname do Geomview source code directory; this is the directory called ‘Geomview’ that is created when you unpack the distribution. This directory contains the Geomview source code as well as various other files and subdirectories that Geomview needs when it runs.

Before doing any compilation you should edit the file ‘\$GEOMROOT/makefiles/mk.site.default’. This file defines some **make** variables which specify your local configuration. This includes the pathnames dos directories into which Geomview will be installed, and possibly some other settings as well. There are comments in the file telling you what to do. This file is included by every Makefile in the source tree, so the settings you specify here are used throughout the source.

If you will be compiling for multiple systems, you can do them all in the same directory tree. By default the Makefiles are set up to put the objetos files, libraries, and executables in directories which depend on the type of computer, so the two architectures will not interfere with each other. The Makefiles use a variable called CPU to determine the type of machine. Before doing any compilation you must arrange for this variable to have a value. There are two ways you can do this.

- 1.

If you will always be compiling Geomview on the same type of computer edit the file ‘\$GEOMROOT/makefiles/Makedefs.global’ to set the CPU variable to one dos values ‘linux’, ‘FreeBSD’, ‘sgi’, ‘hpux’, ‘hpux-gcc’, ‘solaris’, ‘sun4os4’ (for Suns with SunOS 4, not Solaris), ‘rs6000’, or ‘alpha’. If you’re using a type of system not in this list, make up a new value for CPU, and write a ‘mk.<CPU>’ file for it patterned after the other ‘mk.\*’ in the ‘makefiles’ subdirectory.

2. If you will be compiling on more than one type of computer you can set a shell environment variable named CPU to one dos values above and the Makefiles will inherit the value from the environment.

Note that many dos Makefiles refer to a variable called `MACHTYPE`; this variable tells which type of graphics system to compile Geomview for. The `'mk.<CPU>'` files set this variable for you; in most cases its value is `'x11'`, which especifica that Geomview should be compiled for X janelas.

Once you have configured your source tree by editing the files as described above and setting the `CPU` variable, you can compile and install Geomview by typing `make install` in the `'$GEOMROOT'` directory. You can also type `make all`, ou equivalently just `make`, to compile without installing, and then type `make install` later to install.

You can use these same `make` comands in any subdirectory in the tree to recompile and/or install a part of Geomview ou a module.

If you want to modify the compiler flags used during compilation, edit the file `'$GEOMROOT/makefiles/Makedefs.global'`; the `COPTS` variable especifica the flags passed to the C compiler (`cc`).

## Recebendo Suporte Técnico para o Geomview

There are several ways to get support for Geomview.

1. Visit the Geomview web site, <http://www.geomview.org>. It contains the latest documentation, news about development, and FAQ (Frequently Asked Questions) list.
2. Send email to the [geomview-users@lists.sourceforge.net](mailto:geomview-users@lists.sourceforge.net) mailing list. This is a mailing list for discussing any issues related to using Geomview. To join the list, send an empty note with 'subscribe' in the subject line to [geomview-users-request@lists.sourceforge.net](mailto:geomview-users-request@lists.sourceforge.net), or visit the list web page at <http://lists.sourceforge.net/mailman/listinfo/geomview-users>.
3. Contract with Geometry Technologies for support. Geometry Technologies is a contract support and programming company that emerged from the Geometry Center, where Geomview was written. For more information visit the Geometry Technologies web site at <http://www.geomtech.com>.

## Contribuindo para o Desenvolvimento do Geomview

If you are interested in contributing to the development of Geomview, there are several things you can do:

1. **Volunteer programming work.**

If you are a programmer and make an improvement to Geomview, contact the other geomview authors by sending a note to the ‘geomview-users’ mailing list (see <http://lists.sourceforge.net/mailman/listinfo/geomview-users>).

2. **Contract with Geometry Technologies.**

Geometry Technologies, Inc. is a consulting firm that provides contract technical support and custom programming services in the area of 3D graphics. This includes a wide range of services related to 3D graphics, included but not limited to applications involving Geomview. To the extent that resources allow, Geometry Technologies supports the development of Geomview; in particular it hosts the <http://www.geomview.org> web site, and its staff make ongoing improvements to Geomview itself. If you are in a position to pay for technical support ou custom programming work, contracting with Geometry Technologies indirectly supports Geomview. You can also contract with with Geometry Technologies to have particular features that you want added to Geomview, ou to port Geomview to a new platform. For more information see Geometry Technologies web site at <http://www.geomtech.com>.

Thank you.

# Índice das Funções

## !

!, shell ..... 129, 152

## \*

\* ..... 129

## +

+ ..... 130

## -

- ..... 130

## /

/ ..... 130

## <

< ..... 129

## =

= ..... 129

## >

> ..... 129

## ?

? ..... 130

?? ..... 130

## |

|, emodule-run ..... 130, 135

## A

all ..... 130

all camera ..... 130

all emodule defined ..... 130

all emodule running ..... 130

all geometry ..... 130

and ..... 130

ap-override ..... 131

## B

backcolor ..... 131

background-image ..... 131

bbox-color ..... 131

bbox-draw ..... 131

## C

camera ..... 131

camera-draw ..... 131

camera-prop ..... 131

camera-reset ..... 132

car ..... 132

cdr ..... 132

clock ..... 132

command ..... 132

cons ..... 132

copy ..... 132

cursor-still ..... 132

cursor-twitch ..... 133

## D

defun ..... 133

delete ..... 133

dice ..... 133

dimension ..... 133

dither ..... 133

draw ..... 134

dump-handles ..... 134

## E

echo ..... 134

emodule-clear ..... 134

emodule-define ..... 134

emodule-defined ..... 134

emodule-isrunning ..... 134

emodule-path ..... 135

emodule-run, | ..... 130, 135

emodule-sort ..... 135

emodule-start ..... 135

emodule-transmit ..... 135

escale ..... 136

eval ..... 136

event-keys ..... 136

event-mode ..... 136

event-pick ..... 137

evert ..... 137

exit ..... 137

ezoom ..... 137

## F

freeze ..... 137



**G**

geometry.....	137
geomview-version.....	137

**H**

hdefine.....	137
hdelete.....	138
help.....	138
hmodel.....	138
hsphere-draw.....	138

**I**

if.....	139
inhibit-warning.....	139
input-translator.....	139
interest.....	139

**L**

lambda.....	140
let.....	140
lines-closer.....	140
load.....	141
load-path.....	141
look.....	141
look-encompass.....	141
look-encompass-size.....	142
look-recenter.....	142
look-toward.....	142

**M**

merge.....	142
merge-ap.....	142
merge-base-ap.....	142
merge-baseap.....	143
mod.....	143
morehelp.....	143

**N**

name-object.....	143
ND-axes.....	143
ND-color.....	144
ND-xform.....	144
ND-xform-get.....	144
ND-xform-set.....	144
new-alien.....	145
new-camera.....	145
new-center.....	145
new-geometry.....	145
new-reset.....	145
NeXT.....	145
normalization.....	146
not.....	146

**O**

or.....	146
---------	-----

**P**

pick.....	146
pick-invisible.....	147
pickable.....	147
position.....	147
position-at.....	147
position-toward.....	148
process-events.....	148
progn.....	148

**Q**

quit.....	148
quote.....	148

**R**

rawevent.....	148
rawpick.....	148
read.....	149
real-id.....	149
redraw.....	149
regtable.....	149
rehash-emodule-path.....	149
replace-geometry.....	149
rib-display.....	150
rib-snapshot.....	150

**S**

scale.....	150
scene.....	150
set-clock.....	150
set-conformal-refine.....	150
set-emodule-path.....	151
set-load-path.....	151
set-motionscale.....	151
setenv.....	151
setq.....	151
sgi.....	152
shell, !.....	129, 152
sleep-for.....	152
sleep-until.....	152
snapshot.....	152
soft-shader.....	153
space.....	153
stereowin.....	153

**T**

time-interests.....	153
transform.....	154
transform-incr.....	154

`transform-set` ..... 154  
`truncate` ..... 155

## U

`ui-cam-focus` ..... 155  
`ui-center` ..... 155  
`ui-center-origin` ..... 155  
`ui-emotion-program` ..... 155  
`ui-emotion-run` ..... 156  
`ui-freeze` ..... 156  
`ui-html-browser` ..... 156  
`ui-motion` ..... 156  
`ui-panel` ..... 157  
`ui-pdf-viewer` ..... 157  
`ui-target` ..... 157  
`uninterest` ..... 157  
`update` ..... 158  
`update-draw` ..... 158

## W

`while` ..... 158  
`window` ..... 158  
`winenter` ..... 158  
`write` ..... 158  
`write-comments` ..... 159  
`write-handle` ..... 159  
`write-sexpr` ..... 159

## X

`xform` ..... 159  
`xform-incr` ..... 159  
`xform-set` ..... 159

## Z

`zoom` ..... 160

# Índice

<b>Introdução ao Geomview .....</b>	<b>2</b>
<b>Distribuição .....</b>	<b>3</b>
<b>Copiando .....</b>	<b>4</b>
<b>LICENÇA PÚBLICA GERAL DO GNU .....</b>	<b>5</b>
Introdução .....	5
TERMOS E CONDIÇÕES PARA CÓPIA, DISTRIBUIÇÃO E MODIFICAÇÃO .....	7
Como Aplicar Estes Termos para Suas Novas Bibliotecas .....	14
<b>História do Desenvolvimento do Geomview .....</b>	<b>15</b>
Autores .....	15
<b>Plataformas Suportadas .....</b>	<b>17</b>
<b>Como Pronunciar “Geomview“ .....</b>	<b>18</b>
<b>1 Visão Geral .....</b>	<b>19</b>
<b>2 Tutorial .....</b>	<b>20</b>
<b>3 Interação .....</b>	<b>31</b>
3.1 Iniciando o Geomview .....	31
3.2 Opções de Linha de Comando .....	31
3.3 Interacao Basica: O Painel Principal .....	33
3.4 Disponibilizando Objetos dentro do Geomview .....	36
3.5 Usando o Mouse para Controlar Objetos .....	39
3.5.1 Selecionando um Ponto de Interesse .....	44
3.6 Modificando a Forma de Ver as Coisas .....	45
3.6.1 The Appearance Panel .....	45
3.6.2 O Painel de Materiais .....	49
3.6.3 O Painel de Luzes .....	51
3.7 Cameras .....	52
3.8 Gravando Seu Trabalho .....	56
3.9 O Painel de Comandos .....	60
3.10 Atalhos de Teclado .....	60

<b>4</b>	<b>Formatos dos Arquivos da OOGL.....</b>	<b>65</b>
4.1	Convenções .....	65
4.1.1	Sintaxe Comum a Todos os Formatos de Arquivo da OOGL .....	65
4.1.2	Nomes de Arquivo.....	65
4.1.3	Vértices.....	65
4.1.4	Vértices $N$ -dimensionais .....	66
4.1.5	Direções de superfícies normais .....	67
4.1.6	Matrizes de transformação.....	67
4.1.7	Matrizes de transformação ND .....	67
4.1.8	Formato binário.....	67
4.1.9	Referências a Objetos Embutidos e a Objetos Externos ...	68
4.1.10	Aparências.....	69
4.1.11	Mapeamento de Textura .....	74
4.2	Formatos de Arquivo de Objeto .....	76
4.2.1	QUAD: coleção de quadriláteros.....	76
4.2.2	MESH: Malha retangularmente conectada .....	77
4.2.3	BBOX: Caixas associada simples .....	78
4.2.4	Superfícies de Bezier .....	79
4.2.5	Arquivos do Tipo OFF.....	80
4.2.6	Arquivos do Tipo VECT .....	82
4.2.7	Arquivos do Tipo SKEL.....	83
4.2.8	SPHERE Files .....	84
4.2.9	Arquivos do Tipo INST .....	85
4.2.9.1	Exemplos INST .....	88
4.2.10	Arquivos do Tipo LIST .....	89
4.2.11	Arquivos do Tipo TLIST.....	89
4.2.12	Arquivos do Tipo GROUP .....	90
4.2.13	Arquivos do Tipo DISCGRP .....	90
4.2.14	Objetos do Tipo COMMENT .....	90
4.3	Objetos nao-geometricos .....	91
4.3.1	Objetos de aparencia.....	91
4.3.2	Objetos de imagem.....	91
4.3.3	Objetos de Transformação.....	96
4.3.4	Objetos ND-Transform .....	97
4.3.5	câmera.....	99
4.3.6	Janela .....	101
<b>5</b>	<b>Customização: arquivos ‘.geomview’.....</b>	<b>103</b>

<b>6</b>	<b>Módulos Externos</b>	<b>104</b>
6.1	Como Módulos Externos Interagem com o Geomview	104
6.2	Exemplo 1: Módulo Externo Simples	104
6.3	Exemplo 2: Módulo Externo Simples Usando o Painel de Controle FORMS	108
6.4	A Biblioteca XForms	112
6.5	Exemplo 3: Módulo Externo com Comunicação Bi-Direcional	113
6.6	Example 4: Simple Tcl/Tk Module Demonstrating Picking	122
6.7	Module Installation	125
6.7.1	Private Module Installation	126
6.7.2	System Module Installation	126
<b>7</b>	<b>GCL: a Linguagem de Comandos do Geomview</b>	<b>127</b>
7.1	Conventions Used In Describing Argument Types	128
7.2	GCL Reference Guide	129
7.2.1	!	129
7.2.2	<	129
7.2.3	=	129
7.2.4	>	129
7.2.5	*	129
7.2.6	/	130
7.2.7	+	130
7.2.8	-	130
7.2.9	?	130
7.2.10	??	130
7.2.11		130
7.2.12	all	130
7.2.13	and	130
7.2.14	ap-override	131
7.2.15	backcolor	131
7.2.16	background-image	131
7.2.17	bbox-color	131
7.2.18	bbox-draw	131
7.2.19	camera	131
7.2.20	camera-draw	131
7.2.21	camera-prop	131
7.2.22	camera-reset	132
7.2.23	car	132
7.2.24	cdr	132
7.2.25	clock	132
7.2.26	command	132
7.2.27	cons	132
7.2.28	copy	132
7.2.29	cursor-still	132
7.2.30	cursor-twitch	133
7.2.31	defun	133

7.2.32	delete	133
7.2.33	dice	133
7.2.34	dimension	133
7.2.35	dither	133
7.2.36	draw	134
7.2.37	dump-handles	134
7.2.38	echo	134
7.2.39	emodule-clear	134
7.2.40	emodule-define	134
7.2.41	emodule-defined	134
7.2.42	emodule-isrunning	134
7.2.43	emodule-path	135
7.2.44	emodule-run	135
7.2.45	emodule-sort	135
7.2.46	emodule-start	135
7.2.47	emodule-transmit	135
7.2.48	escale	136
7.2.49	eval	136
7.2.50	event-keys	136
7.2.51	event-mode	136
7.2.52	event-pick	137
7.2.53	evert	137
7.2.54	exit	137
7.2.55	ezoom	137
7.2.56	freeze	137
7.2.57	geometry	137
7.2.58	geomview-version	137
7.2.59	hdefine	137
7.2.60	hdelete	138
7.2.61	help	138
7.2.62	hmodel	138
7.2.63	hsphere-draw	138
7.2.64	if	139
7.2.65	inhibit-warning	139
7.2.66	input-translator	139
7.2.67	interest	139
7.2.68	lambda	140
7.2.69	let	140
7.2.70	lines-closer	140
7.2.71	load	141
7.2.72	load-path	141
7.2.73	look	141
7.2.74	look-encompass	141
7.2.75	look-encompass-size	142
7.2.76	look-recenter	142
7.2.77	look-toward	142
7.2.78	merge	142
7.2.79	merge-ap	142

7.2.80	merge-base-ap .....	142
7.2.81	merge-baseap .....	143
7.2.82	mod .....	143
7.2.83	morehelp .....	143
7.2.84	name-object .....	143
7.2.85	ND-axes .....	143
7.2.86	ND-color .....	144
7.2.87	ND-xform .....	144
7.2.88	ND-xform-get .....	144
7.2.89	ND-xform-set .....	144
7.2.90	new-alien .....	145
7.2.91	new-camera .....	145
7.2.92	new-center .....	145
7.2.93	new-geometry .....	145
7.2.94	new-reset .....	145
7.2.95	NeXT .....	145
7.2.96	normalization .....	146
7.2.97	not .....	146
7.2.98	or .....	146
7.2.99	pick .....	146
7.2.100	pick-invisible .....	147
7.2.101	pickable .....	147
7.2.102	position .....	147
7.2.103	position-at .....	147
7.2.104	position-toward .....	148
7.2.105	process-events .....	148
7.2.106	progn .....	148
7.2.107	quit .....	148
7.2.108	quote .....	148
7.2.109	rawevent .....	148
7.2.110	rawpick .....	148
7.2.111	read .....	149
7.2.112	real-id .....	149
7.2.113	redraw .....	149
7.2.114	regtable .....	149
7.2.115	rehash-emodule-path .....	149
7.2.116	replace-geometry .....	149
7.2.117	rib-display .....	150
7.2.118	rib-snapshot .....	150
7.2.119	scale .....	150
7.2.120	scene .....	150
7.2.121	set-clock .....	150
7.2.122	set-conformal-refine .....	150
7.2.123	set-emodule-path .....	151
7.2.124	set-load-path .....	151
7.2.125	set-motionscale .....	151
7.2.126	setenv .....	151
7.2.127	setq .....	151

7.2.128	sgi	152
7.2.129	shell	152
7.2.130	sleep-for	152
7.2.131	sleep-until	152
7.2.132	snapshot	152
7.2.133	soft-shader	153
7.2.134	space	153
7.2.135	stereowin	153
7.2.136	time-interests	153
7.2.137	transform	154
7.2.138	transform-incr	154
7.2.139	transform-set	154
7.2.140	truncate	155
7.2.141	ui-cam-focus	155
7.2.142	ui-center	155
7.2.143	ui-center-origin	155
7.2.144	ui-emotion-program	155
7.2.145	ui-emotion-run	156
7.2.146	ui-freeze	156
7.2.147	ui-html-browser	156
7.2.148	ui-motion	156
7.2.149	ui-panel	157
7.2.150	ui-pdf-viewer	157
7.2.151	ui-target	157
7.2.152	uninterest	157
7.2.153	update	158
7.2.154	update-draw	158
7.2.155	while	158
7.2.156	window	158
7.2.157	winenter	158
7.2.158	write	158
7.2.159	write-comments	159
7.2.160	write-handle	159
7.2.161	write-sexpr	159
7.2.162	xform	159
7.2.163	xform-incr	159
7.2.164	xform-set	159
7.2.165	zoom	160
<b>8</b>	<b>Geometrias Não-Euclidianas</b>	<b>161</b>



<b>9</b>	<b>Gráficos Matemáticos no Geomview ou no RenderMan .....</b>	<b>162</b>
9.1	Using Mathematica to generate OOGL files .....	162
9.2	Using Geomview as Mathematica's Default 3D Display .....	163
9.3	Using Mathematica to generate RenderMan files .....	164
9.4	Using Geomview and Mathematica on Different Computers ...	165
9.4.1	Using a Networked Geomview Host .....	165
9.4.2	Transporting Mathematica Files to Geomview by Hand ..	166
9.5	Details of the Mathematica->Geomview Package .....	167
9.6	Installing the Mathematica Packages .....	167
<b>10</b>	<b>Instalação .....</b>	<b>169</b>
10.1	Instalando os Binários Unix .....	169
10.1.1	Detalhes da Instalação dos Binários Unix .....	170
10.2	Compilando e Instalando a Partir do Código Fonte .....	171
	<b>Recebendo Suporte Técnico para o Geomview .....</b>	<b>173</b>
	<b>Contribuindo para o Desenvolvimento do Geomview .....</b>	<b>174</b>
	<b>Índice das Funções .....</b>	<b>175</b>

## Lista de Figuras

Figura 2.1: Tela Inicial do Geomview.....	21
Figura 2.2: Olhando para o Objeto Mundo.....	24
Figura 2.3: A Painel Aparência.....	25
Figura 2.4: Painel de Escolha de Cores.....	26
Figura 2.5: O Painel de Arquivos.....	28
Figura 2.6: Trevo e Dodecaedro.....	30
Figura 3.1: O Painel Principal.....	34
Figura 3.2: O Painel de Arquivos.....	37
Figura 3.3: O Painel de Chamar Arquivos.....	39
Figura 3.4: O Painel de Ferramentas.....	40
Figura 3.5: O Painel de Aparência.....	46
Figura 3.6: Painel de Escolha de Cor.....	47
Figura 3.7: O Painel de Materiais.....	50
Figura 3.8: O Painel de Câmera.....	53
Figura 3.9: O Painel Gravar.....	57
Figura 3.10: O Painel de Comandos.....	60